



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LUÍS FERNANDES JÚNIOR

RELIGIÃO COMO MEIO DE RESISTÊNCIA CULTURAL NA GUINÉ-BISSAU

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2016

LUÍS FERNANDES JÚNIOR

RELIGIÃO COMO MEIO DE RESISTÊNCIA CULTURAL NA GUINÉ-BISSAU

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Professora Dra. Cristiane Santos Sousa

São Francisco do Conde

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

F399r

Fernandes Júnior, Luís.

Religião como meio de resistência cultural na Guiné-Bissau / Luís Fernandes Júnior. - 2016.
104 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

1. Etnologia - Guiné-Bissau. 2. Manjaco de Calequisse (Povo africano) - Usos e costumes
religiosos. 3. Religião e cultura - Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 299.6

LUÍS FERNANDES JÚNIOR

RELIGIÃO COMO MEIO DE RESISTÊNCIA CULTURAL NA GUINÉ-BISSAU

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 05 de dezembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Cristiane Santos Souza – Orientadora

Doutorada em Antropologia Social – pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, Brasil.

Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Ismael Tcham – Examinador

Doutorado em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Pernambuco, Brasil.

Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Carlindo Fausto Antônio – Examinador

Doutorado em Teorias Literárias e História da Literatura pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, Brasil.

Professor Efetivo da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

São Francisco do Conde

2016

Dedico a presente monografia aos meus pais, Luís Fernandes e Maria Sábado Pereira, ambos no mundo invisível, mas sinto a sua existência ao lado dos meus ancestrais (avós), em especial para minha querida mãe que deu todas as suas forças na educação, na economia e no tudo que um filho precisa. Sempre me aconselhava em colocar a escola nos meus primeiros planos para um futuro melhor. Queria que esse momento de começo, tanto das minhas conquistas como das vitórias, e do meu trabalho acadêmico, que acontecesse ao lado dela, mas infelizmente a natureza faz coisas que nem sempre nos agrada; de um lado tenho a plena certeza que ela não está longe de mim. Ela sempre dizia: *“nha kodé dia ku m’murri ou si mbim murri mesmo ku nka kumé bu balur, mas importante i pa bu pudi ku bu kabeça i tambi djuda bu ermons, i tambi sempri na bata sta ku bó i ku bu ermons, na kontinua mamanta bós nha fidjus, i kubri bós ku nha sombra pa libra bós di tudu mal”*. Este trabalho é em memória da minha mãe, por tudo que ela tem feito para mim; ela foi a razão pela qual escolhi o tema desta monografia. Também dedico este trabalho à minha querida irmã mais velha, Ivete Maria Fernandes, que hoje considero como minha mãe, pois ela está fazendo papel da nossa falecida mãe; a minha querida tia e mãe Domingas Gomes (Dapili), aos meus tios e pai, Afonso Gomes (Papa Clêr), Jaime Fernandes, ambos já no mundo dos mortos e que a alma deles descanse em paz; à minha prima que eu amo muito, Erica Dias Infei. E, por fim, para uma pessoa muito especial, com todo carinho, amor e do fundo do meu coração, essa pessoa é a parte da minha vida para eternidade, meu amor, meu mundo, meu tesouro, Magaly Mendes (mana Maia), minha namorada e futura esposa, que sempre me apoia e sabe me entender nos momentos ruins e bons.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, aos meus pais, *Naciñ Calequisse, Balugum Kassakey e Balugum Mankua*, e *g'tchāi (Prindj, kassélia, Bani Kanakunul, Mankua e Bpok)*, por me concederem a vida e toda energia inicial e vital desse universo; aos meus pais Maria Sábado Pereira e Luís Fernandes, pelo amor e carinho que me deram e, em especial, à minha amada mãe, por ter-me guardado em seu ventre e principalmente por ter feito de mim o que sou hoje.

Meus agradecimentos vão também de forma muito especial aos meus irmãos e irmãs: Ezio Lourenço Fernandes, Antônio Lourenço Fernandes, Milo, Honório Fernandes (Edvaldo Soares da Gama), Josefina Fernandes (Josefina José da Silva), Nicolito Linda Fernandes, Joaquina Luís Fernandes.

Do fundo do coração agradeço a minha querida e falecida irmã Ely Fernandes, que o peso da terra seja leve para você, minha alma gêmea e foto.

De forma especial agradeço a meus irmãos Bernandino Gomes, Nino Gomes e à minha irmã Ivete Maria Fernandes, que sempre deram apoio financeiro direto e indireto nos momentos que precisei. Sempre preocupados com minha vida acadêmica, vida particular e meu futuro. Obrigado. Vocês souberam me entender; obedeco os vossos conselhos que até hoje estão me fortalecendo de forma geral. Grato por vocês e que todas as forças de divindades lhes concedam o dobro e até triplo de tudo que fizeram e estão fazendo por mim.

Agradeço aos meus tios Dr. Victor da Silva, Alfredo (Mandinga), Nicolau Fernandes (hoje doente mental) e Dr. Francisco Sanha que considero como irmão. Essas são pessoas importantes na minha vida acadêmica e social e sem a minha protetora, meu escudo, meu tudo, Maria Sábado Pereira, minha mãe; ela ensinava-me os trabalhos da escola e assim me mostraram os caminhos para um futuro melhor e até hoje continuam sendo o meu guia.

Agradeço aos meus primos aqui no Brasil em São Paulo Luís Antonio da Costa, Daryan Jerônimo Mendes e Leandro da Costa e a minhas primas Sheila Jerônimo Mendes, Lara Jerônimo Mendes e Mara Jerônimo Mendes; também agradeço a tias Andrea Gama, Felizberta Gomes e Sábado Gomes e aos meus tios Reolino Gomes e Antônio da Costa.

Também agradeço em tamanho do mundo ao meu querido tio Bernar da Silva Vilela e Doutor Joãozinho Mendes, vulgo Arnaldo e aos seus amigos e colegas de serviço que considero como tios e família: Augusto Cabi e Dr. Quintino da Silva (Wilquine); agradeço muito, mas muito mesmo, pois me ajudaram realizar os meus sonhos acadêmicos e vida social. Se hoje estamos lendo na nossa frente uma obra ou um livro é graças a eles, que me proporcionaram minha ida ao estrangeiro para os estudos.

Ao meu avô Joshef Gomis (falecido), que sua alma descanse em paz e o peso da terra lhe seja leve, sem esquecer da minha avó (esposa), Ana Mendes (ainda viva).

De forma mais ampla, agradeço a todos discentes da UNILAB e em especial a admirável e magnífica professora Dra. Cristiane Santos Souza, que continua me preparando como futura referência no campo de conhecimentos científicos e humano.

Um apreço enorme dedico aos professores: Dr. Paulo Proença, Dr. Gerhard Seibert, Dr. Carlindo Fausto Antonio, Dr. Pedro Acosta-Leyva. Dra. Fábria Ribeiro e a Diretora do Campus dos Malês, a Dra. Matilde Ribeiro.

Agradeço do fundo do meu coração pessoas muito, mas muito especiais como a Professora Rosângela Veliago, que considero como a mãe aqui no Brasil (São Paulo) e Tiago Stopa, meu chefe e irmão. Ambos me deram grande apoio nos meus estudos.

Aos meus outros chefes, irmãs e irmãos: Lucas Foy, Ricardo Ribas, Fernando Jambeiro, Vicente Nascimento Silva, Emilly Hisae, Diogo Silva, Robson Pereira e Cleomacio Silva de Oliveira, Maria Soerange Lima.

Obrigado à minha querida e amada namorada, parceira para eternidade, Magaly Mendes, que contribuiu muito na construção da pessoa que sou hoje, aconselhando-me e deixando o meu mundo repleto de felicidade.

Agradeço a Francisco Gaspar Mamadu (Sisco) pelo apoio em vários momentos; aos meus amigos e irmãos Namoi Armando Sanca, Edgar Agostinho da Costa, Diogo (Deó) e Nelo Bambaia Ié; agradeço de forma especial a Anaicy da Silva, Cileli Djamilá Monteiro, Bartilova Cá (Tenna) e Maria de Fátima Cá (Tata), Virginia da Silva, Mayera da Silva, Jizela António Calado, e Carla Manuel Biaguê.

Agradeço a todas pessoas que ajudaram nas entrevistas aqui no Brasil e na Guiné-Bissau, Dr. Idrissa Tchernó Gomes, Arete Mendes, Leonel Vicente Mendes, Clemente Mendes, Frederico Mendes (Dico), Flavio Manduará Correia e o meu querido avô Simão Mendes (Regulo de Calequisse), Virginio Vicente Mendes (meu primo), Jerônimo Pereira (meu sobrinho). Agradeço a todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta.

Estendo os meus agradecimentos ao Governo Federal do Brasil, em especial ao governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e presidenta Dilma Rousseff, ao governo do Estado da Bahia, na pessoa do governador Jacques Wagner, e nossa querida e amada prefeita do Município de São Francisco do Conde, Rilza Valentim (falecida), mulher batalhadora que com muito custo fez da universidade, onde estou defendendo esta monografia, uma realidade.

Hoje agradeço muito mas muito mesmo a UNILAB (Professores, técnicos, discentes) classes que compoem e fazem dessa universidade o que ela é.

Por toda experiência e conhecimento que venho adquirindo, essencialmente nos conhecimentos das histórias científicas e tradicionais, que não tive oportunidade de apreender antes, pois estava dentro do sistema de ensino eurocêntrico, como se o território onde me encontrava não tivesse história e cultura próprias. Desde sempre questioneei muito acerca desse problema, pois infelizmente o ambiente que me rodeava era o mundo ocidental; mesmo assim, acreditei no meu universo e segui sem nunca desistir, até chegar a este lugar/espaco onde as minhas questões puderam ser acolhidas. Obrigado, UNILAB, por tudo, principalmente pelo valor do que escrevi e que coube nessa tese. Serei sempre muito grato por tudo que tem feito e ainda está fazendo por mim.

Tratar as crenças religiosas das culturas tradicionais como meramente simbólica é fazer ou ter ideia radicalmente equivocada de seu caráter (APPIAH, 1997).

Kwame Anthony Appiah

RESUMO

O presente trabalho de monografia discorre sobre a religião como meio de resistências cultural na Guiné-Bissau, com o foco no setor de Calequisse por vias de relato etnográfico dos cultos ao *Nac̄in Calequisse*, *G'tchã* e *Balugum*, determinadas através de *Kambatch*, que constitui as manutenções das práticas, cerimônias e rituais do povo Mandjako de Calequisse aos seus Deuses e ancestrais como uma marca da resistência a dominação europeia dada através do catolicismo. Dessa forma, objetivo central deste trabalho consiste em analisar os processos das manutenções ou das conservações dos costumes da vida social dos calequissenses, que poderá contribuir na presevação dos mesmos. A metodologia utilizada baseia-se em minhas memórias etnográficas, construídas através das experiências vividas na família, na aldeia dos meus pais, utilizando um roteiro de entrevista organizado no campo para os nativos, no qual, por exemplo: quais os processos de manutenção das práticas cerimônias e rituais aos Deuses e ancestrais que têm sido como uma marca de resistência à dominação dos imperadores? E, para finalizar, perspectiva-se que o presente trabalho de pesquisa ajude em possíveis vazios teóricos sobre esse estudo.

Palavras-chave: África. Cultos mandjakos. Guiné-Bissau. Calequisse: Deus de Calequisse, Iniciação, Espíritos e Ancestrais.

RESUMÉ

Ce travail de monographie parle de la résistance religieuse en Guinée-Bissau, en mettant l'accent sur la ville (secteur) de Calequisse, à travers d'un récit ethnographique de la façon dont les cultes *Naciñ Calequisse*, *G'tchaï* et *Balugum*, déterminées par *Kambatch*, et caractérisés par le maintien des pratiques, des cérémonies et des rituels de Mandjako de Calequise incarnent une forme de résistance contre la domination européenne et le catholicisme. Ainsi, objectif central de ce travail est d'analyser et de comprendre les processus de maintien ou de conservation des coutumes de la vie sociale des calequissenses, qui peuvent contribuer à la préservation des mêmes. La méthodologie utilisée repose sur des notes qui partent de mes souvenirs ethnographiques, construites à travers des expériences dans la famille, dans le village de mes parents, en utilisant une feuille de route d'une interview organisée, utilisée sur le terrain par les indigènes. Dans ces souvenirs, par exemple, les pratiques rituelles et les rituels aux dieux et aux ancêtres qui seront considérés comme un processus de résistance aux marques de la domination de la colonisation. Et enfin, nous souhaitons que ce travail de recherche puisse contribuer à combler le vide théorique qui caractérise cette thématique.

Mots clés: Afrique. Cultes *mandjakos*. Guinée-Bissau. Calequisse: Dieu de Calequisse, Initiation, Sprits et Ancêtres .

URUNGUIT U'NHAKAMN

U'lempī ka n'nhakamn uburu umm di m'mēri ba timinm dja ô badjomn bukum b'ró di utchak ndja Guiné-Bissau, g'bur Kalēkis pa pu pok g'kogró griscia bababu ubur utchak n'dja, u'ntchī di p'uakar Naciñ Kalēkis, G'tchāi di Balugum, un'tchī di kambatch. U'lempī arol la un'konta p'ténn i di p'mē uburu g'kogró guim kan rol la gum di Mandjako Kalēkis ô di babak Kalēkis di ubira bukul, di guim m'mē guim adjuraramn pa babak utchak tonm p'uakam g'kó M'bós utchak ô Kalēkis. Man tibamn u'lempī pa uburu g'kó utcak guim n'tchī mē gui, di uburu kabuk ã'ndji, di u'nhakamn n'dji di ba'nhamn, djô p'témn guim m'mē m'êpgui u'mn di m'mē balēkis b'ró pa p'tonm un'dimamn di m'mē atchī gāduka gui ô gm'mē g'bur badjomn bukum pa p'uakaramn un'dimamn. Pa p'bōo ô p'tonm, man uédjas u'lempī u'sēnkamn ba n'hamn uburu g'nhamn gā'ntchis guī di uburi.

Kanig'samn u'nhakamn: África. *Umdimamn* mandjakos. Guiné-Bissau e Calequisse: *Naciñ Calequisse, Kambatch, G'tchāi e Balugum.*

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|---|----|
| Figura 1 | Mapa da República da Guiné-Bissau e suas fronteiras nacionais | 35 |
| Figura 2 | Mapa da Guiné-Bissau, divisões regionais | 36 |
| Figura 3 | Forte de Cacheu, a primeira feitoria portuguesa na África Ocidental em 1588 | 49 |
| Figura 4 | Igreja Nossa Senhora de Natividade (Padroeira de Cacheu), a primeira igreja da Ocidental da África. | 49 |
| Figura 5 | Os oficiais da guerra de pacificação do Teixeira Pinto na Guiné-Bissau, entre 1912 a 1915 | 54 |
| Figura 6 | Circunscrição de Cacheu | 60 |
| Figura 7 | Circunscrição de Calequisse | 60 |
| Figura 8 | Posto de administração colonial | 61 |
| Figura 9 | Posto de Saúde | 61 |
| Figura 10 | Residência dos chefes do posto | 62 |
| Figura 11 | Santuário construído pelo soreanos – portugueses | 62 |
| Figura 12 | A imagem da capela e a representação física de alma (Balugum/Ancestrais) e também do Padre Michel | 71 |
| Figura 13 | <i>Bkab Kassará</i> (cama de Cansaré) | 79 |
| Figura 14 | <i>Bkab Kassará</i> no momento da festa de <i>Kassará</i> e para os trabalhos da feitiçaria | 79 |
| Figura 15 | Trajes do momento da festa de <i>Kassará</i> | 80 |
| Figura 16 | Representação física das almas (<i>Balugum</i>) – primeiras elaborações | 82 |
| Figura 17 | Representação física das almas (<i>Balugum</i> - ancestrais) elaborações mais modernos | 82 |
| Figura 18 | <i>Bn'tchag'gra</i> (os dois tambores) e <i>Bn'guir</i> (o grande) | 84 |
| Figura 19 | <i>Kambumbulum</i> (tambor falante) e <i>I'lassi</i> (as duas varinhas). | 84 |
| Figura 20 | Culto da prestação de honras aos Balugum/ancestrais (ka lump itchap) | 87 |
| Figura 21 | Culto de veneração de <i>Balugum</i> (ancestrais) | 88 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------------|---|
| BAD | Banco Africano de Desenvolvimento |
| BCEAO | Banco Central dos Estados da África Ocidental |
| BM | Banco Mundial |
| CEDEAO | Comunidade Econômica Dos Estados da África Ocidental |
| CPLP | Comunidade dos Países de língua Portuguesa |
| FLING | Frente de Libertação Nacional Guineense |
| FMI | Fundo Monetaria Internacional |
| Franco CFA | Franco das Comunidades Financeiras Africana |
| GB Phosphates | Guiné-Bissau Fosfatos |
| IBAP | Instituto da Biodiversidade das Áreas Protegidas |
| INE | Instituto Nacional de Estatística |
| MLG | Movimento de Libertação Guineense |
| OHADA | Organização para Harmonização em África do Direito dos negócios |
| OMC | Organização Mundial do Comércio |
| OMS | Organização Mundial de Saúde |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PAIGC | Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo Verde |
| PALOP | Países Africanos de Língua Oficial Português |
| PETROGUIN | Empresa de Exploração Petrolífero da Guiné-Bissau |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PNUD | Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento |
| RGPH | Recenseamento Geral da População e Habitação |
| UA | União Africana |
| UE | União Europeia |
| UEMOA | União Económica e Monetária do Oeste Africano |
| UNILAB | Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira |
| USA | Estados Unidos de América |

SUMÁRIO

| | | |
|----------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 16 |
| 2 | RELIGIÃO AFRICANA ANTES, CHEGADA E PÓS-COLONIAL | 18 |
| 2.1 | ÁFRICA ANTES DOS EUROPEUS | 19 |
| 2.1.1 | Maometismo (Islão) antes do período colonial | 20 |
| 2.1.2 | Jesuísmo (Cristianismo) antes do período colonial | 21 |
| 2.1.3 | Organização social e cultural pré-colonial | 22 |
| 2.2 | A CHEGADA DOS EUROPEUS | 23 |
| 2.2.1 | Maometismo (Islão) e a dominação dos europeus | 30 |
| 2.2.2 | Jesuísmo (Cristianismo) e a dominação dos europeus | 31 |
| 3 | GUINÉ-BISSAU: CONJUNTURA, GEOGRÁFIA, HISTÓRICO, SOCIAL E RELIGIOSA | 34 |
| 3.1 | REGIÃO DE CACHEU TERRA DOS MANDJAKOS | 41 |
| 3.2 | PERÍODO MISSIONÁRIO DO HOMEM BRANCO | 48 |
| 4 | SETOR DE CALEQUISSÉ: VIDA SOCIAL DOS POVOS CALEQUISSENSES | 57 |
| 4.1 | ORIGEM DOS MANDJAKOS DE CALEQUISSÉ | 62 |
| 4.2 | GÊNEROS: ESTATUTO SOCIAL DOS HOMENS E DAS MULHERES DE CALEQUISSÉ | 64 |
| 4.3 | AS RELIGIÕES ESTRANGEIRAS | 68 |
| 4.4 | USOS E COSTUMES A PARTIR DO SÉCULO XVII ATÉ OS DIAS ATUAIS | 71 |
| 4.4.1 | Mundo sobrenatural e natural | 73 |
| 4.4.1.1 | <i>Mundo sobrenatural (invisível)</i> | 73 |
| 4.4.1.2 | <i>Mundo natural (visível – poderosos na terra)</i> | 74 |
| 4.4.1.3 | <i>Lugares e cultos Uimamn (sagrado ou amargoso) e não Uimamn</i> | 75 |
| 4.4.1.4 | Ideia da vida, da morte e a crença | 94 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 95 |
| | REFERÊNCIAS | 99 |
| | APÊNDICE | 101 |
| | GLOSÁRIO | 102 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um tema pouco difundido e debatido na esfera acadêmica pelos antropólogos, historiadores e os demais campos acadêmicos, por falta de interesse ou por conta da dificuldade de apresentação deste tipo de tema tem um olhar para os costumes da vida social dos guineenses, em particular dos calequissenses.

Esta monografia apresenta resultados para os guineenses e demais pesquisadores, a manutenção das práticas, cerimoniais e rituais. Os seus Deuses e ancestrais podem ser importantes no que se trata dos costumes, da vida social e religiosa, visto que as restituições e veneração ao *Nacìn calequisse*, espíritos e antepassados são partes do patrimônio cultural dos mandjakos e aos que são das mesmas linhas culturais, dado que essas restituições, venerações aos espíritos, fazem parte dos legados ou tradições provenientes de gerações anteriores, dos saberes ou filosofia desses povos.

Este trabalho busca analisar e entender os processos de manutenção e conservação dos costumes da vida social e religiosa dos autóctones da Guiné-Bissau, dos seus Deuses e dos antepassados, avós e avôs ou progenitores, como referência da resistência à soberania do catolicismo.

A problematização deste trabalho é expressa por estas questões: Quais os processos de manutenção das práticas cerimoniais e rituais aos Deuses e ancestrais que têm sido como uma marca de resistência à dominação dos imperadores? Quais são as práticas usadas pelos nossos ancestrais para que as tradições, as crenças aos seus e nossos Deuses na conservação dos cultos tradicionais ao longo do período da dominação colonial? De que forma acontecia, ou seja, como são as relações entre os/as encarregados/as de educação assimilados/as e os/as educandos/as? Qual é a influência dos pais e dos/as encarregados/as de educação na/s formação do/s filho/s, filha/s e do/s educando/a/s? Como se dão as relações dos que praticam as religiões de matrizes africanas, principalmente na Guiné-Bissau nas instituições públicas e privadas em relação à religião do homem branco ocidental e evangélicos (as)? Como são vistas as práticas sociais dos guineenses, e em particular dos Calequissenses em relação aos homens brancos ocidentais? Como se deu a instalação da religião e da igreja católica e dos muçulmanos (Islão) no setor de Calequisse? Será que os autóctones se submeteram aos preceitos da religião do homem branco ocidental? Será que o homem branco submeteu a religião dos autóctones guineenses e em particular de Calequisse?

A metodologia utilizada foi qualitativa, levada a cabo através de conversas direcionadas e entrevistas semiestruturadas, feitas junto a estudantes guineenses no campus do

Malês, em São Francisco do Conde. Além das entrevistas e conversas com este público, foram levados em consideração o conhecimento vivenciado por mim como parte do grupo estudado, bem como através das informações coletadas através de um formulário de questões com algumas pessoas que conhecem as religiões de matrizes africanas em especial dos *mandjakos*, que vivem na região estudada.

Além disso, foi feita rigorosa revisão e análise bibliográfica, através da leitura de livros, teses, revistas, monografias, boletins oficiais e demais. Tomarei como material de análise minhas próprias memórias, construídas através das experiências vividas na minha família, na aldeia dos meus pais e avôs/ós, no setor de Calequisse e dentro do capital da Guiné-Bissau, Bissau.

Toda esta pesquisa está estruturada em três capítulos, além da parte da introdução e as considerações finais, a saber: o segundo capítulo discorre sobre a contextualização social histórico e geográfico, o panorama histórico da África e questões ligadas às religiões; antes e o depois da chegada dos ocidentais; versa também sobre os períodos das invasões islâmicas e a chegada do Ocidente no continente (século XV) e pós-colonial; nesses períodos usei os nomes Maometismo e Jesuísmo.

O terceiro capítulo trata sobre a Guiné-Bissau, sua conjuntura geográfica, histórica, social e religiosa, bem como a circunscrição geográfica, ambiental e pormenores dos antecessores da ocupação dos Homens brancos: império de Gana, Mali e Gabú, e seus sucessores (portugueses); Região de Cacheu; período pré-missionário/antes do homem branco e Período missionário/do homem branco.

E por fim o quarto capítulo que é foco dessa monografia vai se debruçar sobre setor de Calequisse: vida social dos autóctones, contextos histórica, origem da população de Calequisse (*mandjakos*), gênero: estatuto social dos homens e das mulheres, as religiões estrangeiras (cristianismo e islamismo), usos e costumes dos primórdios até os dias atuais da vida social dos calequissenses, os traços do homem e mulher tradicional *Mandjako*, mundo sobrenatural e natural, lugares e cultos sagrados (*Uimamn*) e não sagrados, ideia da vida, morte e crenças.

2 RELIGIÃO AFRICANA ANTES, DURANTE E DEPOIS DOS COLONIZADORES

Na África Ocidental a religião Yorubá é a mais influente. O ser supremo recebe em cada região do continente um nome específico: *Zambi* em Angola e no Congo, *Olorum* entre os *Ketu* e *Mawu* entre os Jeje. A linguagem é o elemento fundamental para analisar a diversidade cultural africana. Com grande variedade linguística, as mais faladas na África subsaariana são as famílias Níger e Congo que é o maior do mundo em termos da língua (MORAES, 2009). Essas reflexões sobre o Ser Supremo nos permitem trazer outra experiência vivida de uma parte da África, Costa Ocidental da África, Republica da Guiné-Bissau, em cujo território existem variedades, dependendo da região, povo/etnia e a religião, por exemplo, *Mbós*, povo *Mandjako* (Calequisse e Caió) da região Norte; *N'hala*, povo Balanta/Brasa, da região Sul e Norte, ambos da religião de matriz africana/tradicional; *Allah*, povo Fula, Mandinga da zona Leste, do islamismo. Já no centro/capital, Bissau, existem conjuntos de nomes, levando em consideração concentração de diferentes povos/etnias e religião, mas com maior número do povo/etnia papel, que são os primeiros ocupantes dessa região, *Kansaré*, isto é, do povo Papel. O termo Deus é usado mais na capital, devido à maior presença dos colonizadores/catolicismo. Ainda existem outras região e povo/etnia com nomenclaturas diferentes dos que mencionei.

A África de forma geral é um continente de religião muito diversificada e complexa de ser entendida na sua totalidade, de forma que precisa de um estudo muito atencioso com participação dos próprios africanos; isso não quer dizer que só os nativos podem estudar ou escrever as suas histórias sobre os costumes ou cultura, sobre os códigos e padrões partilhados por sociedade africana e que são evidenciados ou vividas dentro das regras (normas), crenças, valores, mudanças e lugares públicos que são ambientes da vida particular e comum da referida campo do estudo; nem os africanistas podemos esquecer que será difícil fazer um estudo conciso sem ajuda dos autóctones; é preciso haver uma vivência ou integração, aquilo que os dois cineastas internacionais discutiam, Ousmane Sembène, senegalês, e o francês Jean Rouch com uma visão eurocêntrica, analisando sociedade africana em perspectiva europeia, estereotipando os africanos, enquanto Ousmane mostrou ao francês que devemos conhecer ou saber “no que vem antes e depois do que nós vemos” ou “não basta dizer que um homem que

nós vemos está andando; precisamos saber de onde ele vem, para onde ele vai”. Um confronto histórico entre os dois cineastas em 1965. “vocês nos olham como se fôssemos insetos”¹.

A religião *yorùbá* é a mais influente na África Ocidental, não de forma geral em relação às outras religiões, mas sim as tradicionais entre africanos, uma religião que cultua única e especificamente as divindades das forças da natureza “*gcaï* e *balugum*” segundo nomenclatura dos mandjakos.

Considero tradicionais, não de forma pejorativa, uma coisa que não sofre transformação e que está estagnada ou/e intata, oposto da modernidade; é impossível manter os nossos costumes; a tradição é mutável e ela precisa do novo; se a tradição fosse imutável, então todas as sociedades viveriam sem nenhum conflito, todo mundo estaria em união na paz

O Islão de forma geral tanto nas religiões tradicionais quanto nas modernas é o mais predominante na região Oeste da África, incluindo os países na Costa Oriental do Oceano Atlântico e parte Ocidental do deserto do Saara.

2.1 ÁFRICA ANTES DOS EUROPEUS

Antes da chegada dos europeus ou período colonial no continente africano as crenças eram evidenciadas em toda parte. Todas as experiências dos homens estavam ligadas ao sobrenatural, à afeição, ao amor e respeito pelas coisas religiosas, era o que fazia parte da construção das ideias da sociedade tradicional (OPOKU, 2010). Essas sociedades tradicionais são as conservadoras dos costumes ancestrais. Não se mantiveram imutáveis, aconteceram certas mudanças negociáveis e de acordo com a evolução e os contextos desses agentes ou corpo social que formaram essa sociedade, esta composta por pessoas que praticam, mantêm e partilham as mesmas relações sociais e conhecimentos.

A ideia da natureza como um ser superior era a visão africana da religião tradicional de maneira geral. Um olhar que não era somente sobrenatural, mas incluía o mundo natural das existências dos homens e meio onde viviam. A natureza do nome de Deus não é fixa, mas mutável de acordo com os lugares ou comunidades. Deus e espíritos não eram representados pelas imagens físicas, eram criadores e pilares do mundo, e possuidores de poder, justiça,

¹ CINE ÁFRICA. Um confronto histórico entre Jean Rouch e Ousmane Sembène em 1965: Vocês nos olham como se fôssemos insetos. Disponível em: <http://cine-africa.blogspot.com/2011/01/um-confronto-historico-entre-jean-rouch.html>. Acesso em: 17/10/2016.

prática de caridade e vida eterna. Davam a quem quisesse a vida ou a morte e eram senhores do domínio da sociedade e de todas as coisas, isto é, não se igualavam aos homens.

Na cultura africana existia a classificação ordenada dos incorpóreos ou espíritos. Deus ocupava o primeiro lugar. Espíritos dos ancestrais (considerados sagrados) e de adorações podiam fazer mal quando a/s pessoa/s agissem mal. Depois se tem os gênios (deuses) com poderes de galardoar os homens ou castigá-los com momentos ruins na vida e até morte. Esses sacerdotes que possuem conjuntos de práticas de homenagem e lugares de veneração são chamados de gênios e têm suas imagens físicas em forma de uma pequena habitação na terra dos deuses, mas não eram os próprios deuses.

Para finalizar a classificação, existiam os poderes dos devoto-meditativos ou místicas com talentos para ajudarem ou fazerem mal aos seres humanos. Esse assunto específico será comentado no terceiro capítulo do presente trabalho.

O homem africano possuía força material e imaterial; corpo e alma; o segundo é imortal e contrário ao primeiro, desintegrado da alma, mostrando assim continuidade da vida.

O pertencimento dos homens e mulheres de forma geral a uma comunidade está relacionado ao seu envolvimento com as convicções íntima religiosa, rituais e manifestações culturais. Nesta sociedade se valorizava mais o envolvimento coletivo do que o particular. Mais focados nas obrigações do que nos direitos, asseveravam os direitos nas obrigações, fazendo grande união das diferentes pessoas com mesmos fins. A vida faz sentido desde que a humanidade leva em conta nascimentos, relação conjugal, reproduções ou germinações, mortes e vida depois da morte, quer dizer uma cadeia alimentar de formal ntatural e bilogica e para que tudo isso desse certo o povo africano precisa dos ritos distintos (OPOKU, 2010).

2.1.1 Maometismo (Islão) antes do período colonial

A partir do século XIX, antes da instalação do regime colonial, o “berço da humanidade” sofreu a invasão e as mudanças nos costumes religiosos e sociais tradicionais pelo islamismo ou cristianismo, mas ressalto que o Islão no continente é muito mais novo que o cristianismo.

Insatisfeitos com os arranjos que desencadearam a guerra santa, querendo uma nova fé pura, os *djihãds* se converteram num Estado fundamentado na religião, em que as leis do islão foram postas de obrigatório ao povo, estendendo através da zona do Sudão e da África

Ocidental começando do Senegal até norte da Nigéria, incluindo *Futa-Djalón*, *Futa-Toro*, o califado de *Sokoto* e o império *Bornu*.

Os muçulmanos penetraram a África Ocidental interessados em atividades comerciais no interior, usando a sua influência econômica ao contrário do que aconteceu com os muçulmanos da zona Oriental que já havia praticado o islamismo há séculos. Com o tempo na zona litoral e a mistura com a cultura bantu, surgiu a cultura Swahili e a sua língua Kiswahili o mais falado da África Oriental.

Expansão e a elevação do islamismo foram substituídas as festas habituais pelo cronograma islâmico, inserção de várias palavras, novas concepções de ponto de vista árabe dentro da estrutura linguística africana; por exemplo, o haussa - povos negroide da Nigéria e particularmente nos arredores do Sudão, fula e mandinga, todos foram influenciados muito na expansão do islão incluindo os vestuários, e a partir daí a cultura árabe começou a impactar os africanos, também nas artes de construção (aspectos funcionais, estética dos edifícios), denominação honorífica e música.

Nos últimos dez anos do século XIX, o islamismo caiu e também alguns Estados onde a forma de governação e os membros da igreja interpretam as leis e exercem grandes influencia nos assuntos cívicos e assim como nos da religião – teocrático na África Ocidental, quanto ao domínio das atividades comerciais e a influência islâmica na África Oriental mais tarde ascendeu com a presença colonial. (OPOKU, 2010).

2.1.2 Jesuísmo (Cristianismo) antes do período colonial

O cristianismo no continente africano passou por diferentes fases antes da dominação colonial. No século VII d.C. com a vinda do islão, muitos países africanos vão tornar colônias cristãs, nos desertos e em algumas zonas no norte, com exceção da Etiópia que já era um país cristão desde o século IV, e por último, no século XV a invasão ou exploração portuguesa, culminando com tráfico dos homens que durou mais de 300 anos. Os movimentos dos missionários foram entre os anos 1800 a 1885, e final do século XIX, na Europa.

Em 1840, os missionários entraram no continente, mas antes eles se instalavam nas zonas litorais, principalmente na Etiópia e na África de Sul. A penetração teve sucesso com conhecimento dos mapas; muitos missionários foram motivados pelas experiências e ideias de um pastor, nascido em Blantyre, sul da Escócia, David Livingstone, considerado um missionário; médico pioneiro congregacional escocês com sociedade missionária em Londres

e um explorador na África, falou em várias das suas obras sobre a experiência vivida no continente, detalhou que os missionários precisavam dar começo aos centros de catequese e de costumes, instituições, técnicas, e crenças com objetivos de ampliar a religião, sem esquecer-se de fazer avançar comércio e agricultura.

No século XIX, aumentou a evolução da medicina, que ajudou na detenção de várias doenças tropicais que se propagavam entre os missionários, favorecendo a fixação deles nos territórios africanos. Os missionários faziam papel dos exércitos militares; serviam de guias dos agentes coloniais europeus, para garantir a intervenção em favor dos cultos da igreja católica.

Faziam também marketing de que vão garantir segurança e defender ou lutar contra prejuízo do tráfico dos negros africanos, e fazer crescer a economia, principalmente nos anos 1870 (OPOKU, 2010).

2.1.3 Organização social e cultural pré-colonial

Aproximadamente quinze séculos atrás, antes da chegada e invasão das potências ocidentais, algumas sociedades africanas desde os primórdios, já se encontravam estruturadas de forma Estatal ou imperial, no caso, do Egito, da Gana, do Mali e da Etiópia, exercendo várias atividades econômicas ou comerciais, religiosas, agrícolas, políticas garantindo sua sobrevivência. No caso das reproduções agrícolas, levando eles muitas vezes a uma vida nômade e outros sedentários, de acordo com a região, ambiente e clima favorável a suas convivências.

Nesse sentido, ressaltamos que já no século IV a. C. funda-se o império de Gana que uma durabilidade até ao XI, com a tomada da antiga capital da era imperial, *Kumbi-Saleh*, pelos soberanos pertencentes ao tronco de família de berbere, nativos do norte da África de diversos povos, mas com a mesma cultura e língua comum (BENZINHO; ROSA, 2015).

As mestiçagens dos semitas brancos com negros diversos e posteriormente os negros do Sudão surgiram os grupos étnicos *sarakolés* ou *soninkés* e os *fuibes* ou *fulas* e desses saíram à população invasora da Guiné Portuguesa, atual Guiné-Bissau, mandinga.

Os primeiros grupos étnicos (*sarakolés* ou *soninkés*) constituíram ou deram origem ao grupo étnico *mandinga* (MOIO, 2008).

Atualmente os mandingas fazem parte da Guiné-Bissau, proveniente do Mali, antigo reino que predominava antiga Guiné Portuguesa (Província ultramarina), antes da chegada dos colonizadores portugueses.

O período anterior ao dos mandingas estendeu-se até ao século XIII e que estava sob predomínio dos tradicionais *bainuk*², grupo étnico que vive hoje principalmente no Senegal, bem como em partes da Gâmbia e da Guiné-Bissau. Os *Bainuk* acreditam que foram os primeiros habitantes da menor Casamance, atual Ziguinchor. Mas também de outros agrupamentos tais como: os balantas, beafadas, brames e os demais, que fizeram crescer conjuntos de métodos e próprios processos nas agrícolas, essencialmente a cultura de arroz de água salgada e praticando a religião tradicional sem influências islâmicas. Tiramakhan Traoré, expeditor e rei do reino do Mali, ocupou o império de Gabú com os seus soldados em 1240, que posteriormente teve a sua baixa muito considerável nos finais do século XVI, e definitivamente no século XVII, por volta de 1650, e o império de Gabú teve a sua independência no século XVIII, até 1790 que coincidiu com o abolicionismo. O Estado Gabunquê já com umas estruturas de poder das etnias e de outros espaços; isso quer dizer que é obviamente não podia existir domínio político e econômico sem domínio cultural (LOPES, 2005).

Segundo LOPES (2005), o aspecto religioso era caracterizado por longo período com duas religiões simultâneas, a Tradicional e o Islão; essas religiões distintas do reino do Mali e do Gabú funcionaram sem problemas ou política de supremacia.

2.2 A CHEGADA DOS EUROPEUS

A partir do século XV o continente africano foi invadido pelas potências imperialistas estrangeiras, europeias. Nos primeiros momentos vieram como comerciantes, óbvio que tinham por ideia interesses econômicos e sociais, e posteriormente dominar e controlar o continente e populações nativas.

Leyva (2016) demonstra em seu recente trabalho como foram recebidos os portugueses militares chefiados pelo Nuno Tristão, quando estiveram pela primeira vez no território da Guiné-Bissau, antiga Guiné Portuguesa, onde foram recebidos pelos nativos que ali viviam, com flechas envenenadas, nas imediações do Rio Geba, mostrando que esses

² *Bainuk*, um grupo étnico que prevalecia na antiga província ultramarina portuguesa, atual República da Guiné-Bissau, antes da invasão do reino maliano.

povos eram bem estruturados e organizados, pelo menos no que se refere à segurança territorial.

Por outro lado, o autor explicou os três significados das letras *MMM*. Primeiro, que é a imposição dos colonizadores através dos *Militares*, em ocupar os espaços ou territórios físicos por via das forças e de forma violenta; segundo, *Missionários*, na sua ação estratégica, está subdividida em três partes: escola, igreja e hospitais, com a ideia da reconstrução das mentalidades no sentido de anularem todas as histórias das escolas e religiões hospitais promoveriam a eliminação e minimização dos curandeiros tradicionais que faziam as curas através das ervas e plantas lenhosos; os *Mercadores* faziam trocas dos produtos ocidentais com os africanos. Depois com a vinda do sistema capitalista as trocas comerciais passaram a ser monetárias, em que os portugueses davam muitos produtos aos nativos e acumulando as contas e depois pediam o pagamento em dinheiros ou em terras. Nesse período, só os proprietários das lojas e mercados tinham dinheiros, e eram somente os invasores (os europeus), e acabam por desestabilizar a economia das chefias africanas, aproveitando deles a mão da obra baratas dos africanos. Alguns africanos, mais tarde se inseriram na religião do branco ocidental, em um disfarce para conseguir benefícios pessoais e/ou familiares. Quem não teve êxito ou não aceitou esse ‘disfarce’ optou pela imigração.

Isso mostra que a chegada do homem branco no continente africano não é uma vinda prazerosa, sempre teve reação dos nativos, garantindo a segurança dos seus territórios; mas também os nativos receberam bem os ocidentais, por exemplo, no Congo. Segundo (VAINFAS e SOUZA, 1998) os portugueses chegaram ao Congo e foram logo recebidos com festas com presentes doados pelas chefias do reino. Até deram aos homens brancos alguns nativos para levarem, a fim de apreenderem a língua e a escrita latina e os costumes europeus e depois aceitaram ser batizados por vontade própria, com aceitação do rei e da sua família em primeiro lugar.

Em seguida, o rei ordenou a construção de uma igreja de madeira para eles poderem ser batizados o mais rápido possível. Logo depois disso as relações deles se transformaram em negócios de tráfico de homens congolese e roubo dos recursos naturais e minerais pela Igreja Católica. Para completar, os congolese não se limitavam somente em elogios, privilégios e prespectivar um bom crescimento comercial, mas sim chegava mais além de chamar o rei de Portugal de *Zampem-Apongo*, maior título da divindade do reino dos mortos, Senhor do Mundo, divindade Suprema dos povos bantos (VAINFAS; SOUZA, 1998).

A ordem colonial na África, a partir dos anos 1885 levou a uma influência europeia até o centro do continente, mas inicialmente se encontravam nas zonas costeiras. O sentido ou o

ideal das potências imperialistas era progredir, fazer transformar o continente; na verdade, o intuito era codificar as mentes dos africanos e acabar por completo com tudo que é história cultura e religião africana.

Segundo Opoku (2010), como a cultura africana está estreitamente relacionada à religião, evidentemente a política dos colonizadores seria contra os princípios da religião tradicional que é a essência da sociedade africana. Desde a chegada dos invasores (missionários e administradores) a religião dos autóctones africanos entra em luta para sobreviver ao domínio europeu.

Até começo de década de 1890 os missionários serviam os colonizadores no sentido de dominar e impor os seus costumes sobre os africanos; eles trabalhavam sem descanso e não paravam de converter. Os africanos por não terem distinguido a religião da sua cultura, eram ensinados, quando convertidos, que a vida está dividida em dois mundos, espiritual (Deus cristão) e o mundo da vida na terra (secular).

Para conquistarem os territórios e dominarem os africanos, os missionários procuraram atingir os responsáveis que suportavam e uniam as sociedades tradicionais; e os chefes com experiências entenderam logo a intenção dos missionários e de imediato se colocaram contra a invasão mostrando a eles uma competição e advertência às estruturas dos autóctones a esse domínio. Nesses desafios de sobrevivência dos costumes, os missionários e os administradores coloniais foram de encontro aos costumes tradicionais, contrariando as tradições de confiança nos espíritos, nas forças sobrenaturais, os Deuses, mágicos “(feitiçaria)”, os rituais, interdições e adoração aos antepassados. A partir daí introduziram a medicina ocidental, no sentido de atacar e acabar com os costumes considerados por eles de “pagãos” para enfrentar a posição dos curandeiros tradicional, segundo (OPOKU, 2010).

A respeito disso as regras coloniais eram muito duras e agiam de forma cruel. Açoitavam com varas e castigavam as pessoas que eram referências da medicina tradicional, em várias e diferentes zonas das sociedades africanas e fizeram isso com muito empenho para suas defesa e proteção.

Obviamente que os objetivos principais dos administradores coloniais e missionários eram controlar economia e sociedade nas terras invadidas, e também de qualquer modo as questões que mexiam com a religião. Eliminar certas práticas religiosos provocou reações agressivas e ameaças, e daí começaram em eliminar crenças chamadas por eles de “feitiçaria”. Todas as práticas que os africanos usavam para descobrir qualquer perda de vida, doenças e tudo que deixava o seu cotidiano duvidoso e ruim; no caso de rapto de cadáveres para que

o(a) feiticeiro(a) prove o suspeito do crime, essa prática na verdade, com todas as hostilidades dos colonizadores sobre os africanos, nunca cessou.

Atualmente essa pratica ainda continua. No dia a dia dos/as africanos/as, por exemplo, na aldeia dos meus avôs e as minhas avós, isso é usado como forma de descobrir a causa da morte de qualquer pessoa, até que hoje em dia não é tão assim necessário o rapto de cadáveres; antigamente os colonizadores não permitiam os nativos saberem das causas por vias tradicionais, o importante é uso das suas roupas e muitas das vezes nem usam as roupas, é só a família decidir saber da sua morte; aliás, os familiares não precisam decidir, mas sim seguem com os preceitos religiosos, aí recorrem a o que chamamos na língua Mandjaco de *ka tchos bkab* ou também recorrem ao *Napéné, Balugum* e finalizar em *Naciñ Calequisse*.

A religião segundo o autor (OPOKU, 2010) era também usada pelos africanos como arma para resistir ao domínio colonial e as ameaças que lhes representavam para seus valores. Em defesa os africanos sempre que possível recorriam a poderes sobrenaturais como, magia, veneração aos antepassados, Deuses e todo tipo de meio que os ajudariam para defesa contra os inimigos.

A religião nos territórios africanos e nas diásporas continua a ser usada até os dias atuais como armas e escudos nos conflitos, para garantir uma vida tranquila.

Na Guiné-Bissau quase em todo território nacional é muito forte essa questão de religião como escudo, em que a pessoa é protegida pelas forças das divindades sobrenaturais que são venerados como benignos ou malignos (falando a partir das religiões de matrizes mandjakos). Por exemplo, nas terras dos mandjakos, usam sempre um material chamado *Kafal Usantu, B'mpantu, Kaundi*, etc; esses objetos religiosos são pegos a partir dos lugares de veneração, através de um ou mais sacerdotes. Nesses lugares não são todas as pessoas que podem conseguir os poderes sobrenaturais ou das divindades. Os sacerdotes ajudam as pessoas na posse das proteções nos momentos de guerra, briga ou aflições e em diferentes momentos contra os inimigos. Em suma para sua proteção física e alguns acontecimentos. Por exemplo, *Kafal usantu* é uma proteção contra as armas ou pistolas de calibres normais, para não perfurar o seu corpo. A pessoa só pode ser atingida num dia que é considerado sagrado no lugar onde a pessoa pegou a proteção, porque nesse dia U'tchaï ou gênio e as outras divindades ficam de repouso, como se fosse dia domingo ou dia de folga.

Por outro lado, a pessoa pode ser atingida ou ferida se está abusando do privilegio, pois o próprio U'tchaï o abandona. Quando é concedido um desses poderes ou proteção é sempre aconselhado para não ser arrogante ou abusar. *B'mpantu* literalmente é blusão, mas significa escudo ou proteção e tem quase as mesmas funções da *Kafal usantu*. A diferença do

primeiro é que em algum dia a pessoa pode estar num estado vulnerável, quando o protetor sai desse indivíduo para se juntar com outros companheiros; por exemplo, um ato que podemos considerar como um tipo de “diversão” que pode ocorrer num final de semana para comemorar algo junto com colegas e/ou familiares; *Kaundi*, diferentes dos dois, tem a função de abanar ou desviar quaisquer tiros das armas (balas) e outras ofensivas que vêm contra a pessoa que possui consigo *Kaundi* e também não têm questões ou problemas dos dias sagrados em que o protegido pode estar vulnerável, por mais que o atirador atire ou lance uma ofensiva contra você não consegue atingir-lhe; resumindo, qualquer tipo de material que foi jogado em sua direção ou de outra direção e se desviou para sua, vai se desviar novamente, a fim de não alcançar-lhe.

Tudo isso é através da religião de matrizes africanas, e resalto a de Mandjaku de Calequisse e as demais. As defesas são usadas na maioria dos casos, porque os preceitos religiosos dos sacerdotes, chefes das famílias, ou no caso dos anciões, anciães, tios e tias e demais parentes e famílias dão isso para os netos, filhos, sobrinhos etc em situações delicadas, por conta de emigrações, trabalhos e lugares de domicílios inseguros, em suma lugares e momentos ruins, como podemos ver nas seguintes afirmações:

Nas primeiras décadas do século XX, os guerreiros Igbo do sudeste da Nigéria usavam magia para se defenderem dos invasores estrangeiros. Os Esza, do grupo Abakaliki, os Uzuakoli e os Aros, tinham alguns cultos de resistência contra os coloniais, como o Mwari, na Rodésia do Sul (atual Zimbábue), e ainda havia associações secretas, como a Poro em Serra Leoa e outras regiões da África. Também houve guerras mágicas em Madagáscar e na bacia do Congo. Na África oriental, principalmente no Quênia, surgiram profetas que davam revigoração espiritual para resistência ao colonialismo, como ocorreu no distrito de Machakos, entre os Kilungu, nos primeiros meses de 1922 (OPOKU, 2010, p. 598-600).

Se a religião está estritamente ligada aos costumes da sociedade africana, então não tem como não usar a religião como resistência aos opressores das administrações e missionários ocidentais. As Divindades são responsáveis pela força vital e destino (vida ou morte). Por isso o africano precisa implorar ou venerar em todos os instantes os seus antepassados, os espíritos e as Forças Supremas e sobrenaturais que cuidam do dia a dia, sempre protegendo dos invasores e infortúnios.

Fazendo uma ligação do movimento Maji Maji na África Oriental Alemã que acreditavam nos seus produtos medicinais tradicionais e que as mesmas tinham também servidos de escudos para escudar as balas europeias e confirmavam a presença e incorporação dos espíritos dos seus ancestrais, os mesmos serviam de proteção (OPOKU, 2010), e a partir da minha experiência dentro da sociedade do povo *Mandjako* e alguns da Guiné-Bissau, têm

também esse poder de neutralizar as balas, facas e qualquer que seja material/objeto de violência corporal, essa potencialidade de poderes/magias ainda é viva no dia a dia desses autóctones guineenses.

Apesar da ação conjunta dos missionários e administradores coloniais, a crença não persistiu tanto no meio de alguns dos convertidos ao cristianismo e na sua maioria convertidos disfarçados, fazendo os seus rituais e veneração aos seus ancestrais. Os ritos de iniciações nas sociedades africanas são fases da preparação das pessoas em diferentes fases das faixas etárias dentro da sua comunidade e da vida social; também é um ato de carácter escolar, ou melhor, de processo educativo, de ensinamento em que o educando perpassa num processo de saberes com os(as) anciões(ãs), passando de geração a geração, conservando tudo o que constrói e dá volta ao seu universo e aquela sociedade, e não se resume a simples circuncisão, mas sim ela é parte do processo; não são aquilo que podemos chamar da “cultura de projeção”, onde as pessoas só enxergam o rito como simples manifestação cultural, deixando de fora a “cultura ressonante”, que mergulha no sistema ou análise do rito, para entender a ligação com os manifestantes.

Durantes esses processos nos lugares sagrados incomuns, eles e elas vão receber conhecimentos transmitidos dos mais velhos para os mais jovens, no sentido de preservarem as suas histórias e origens dos seus antepassados e da sua linhagem, enfim tudo que mexe com os costumes locais, na base da tradição oral, prevalecendo ainda em muitos países africanos, como, por exemplo, na Guiné-Bissau, em vários povos que compõem essa nação, como o meu - *manjaku*, que vivem no norte do país.

Vale a pena fazer uma reflexão sobre essas punições; parece que era uma combinação das potências imperialistas, por que foram as mesmas que os portugueses usaram na Guiné-Bissau, onde, para ser considerado cidadão ou nativo dessa região, segundo os colonizadores, a pessoa precisava de cumprimentos, autorizações, elogio, ou melhor, “deliberações” de certas figuras que trabalhavam ou dirigentes portugueses e caboverdianos residentes na Guiné portuguesa ou província ultramarina portuguesa, e caso dos guineenses da Guiné-Bissau precisassem usar certos vestuários “do padrão dos colonizadores”, por exemplo, uso de calçados para os africanos andar sem calçados lhes permitia comunicar com os seus ancestrais, segundo detalhou a autora (HENRIQUE, 2003).

As pessoas tinham que mudar seus nomes próprios que lhes foram dados de acordo com região, cultura ou grupo étnico e social que pertencessem (da sua matriz) para outros de origem dos invasores ocidentais. Nesse caso tinha que ser um nome aportuguesado e cristão, e os nomes eram colocados logo no momento da conversão para cristianismo, e isso aconteceu

da mesma forma com os fulas do império de Gabú e os demais territórios praticante do islão (muçulmanos). Os fulas eram povo vassalo das mandingas do reino de Mali que ocupavam o império de Gabú desde século XIII até XVIII (1790); com a colaboração dos portugueses, os fulas conseguiram ter a independência através de uma aliança em trocas das matérias de guerra para se enfrentarem e recuperarem os territórios nas mãos dos inimigos mandingas. Esses métodos eram usados para quase todos os reinos africanos em conflito com vizinhos. Essas alianças, alguns historiadores chamam de “colaboração” e não uma “aliança” com os países considerados inferiores as potencias ocidentais e os nativos dos territórios invadidos. Segundo Isabel Castro Henrique (2003), essa nomenclatura “colaborador ou colaboração” pejorativa, como se fossem esses colaboradores que fizeram um acordo sem ganho mútuo, e que não pertence a um conjunto de projeto do seu povo, mas sim particular, e foi da mesma forma que essas potências imperialistas fizeram entre eles em certos conflitos, usavam a palavra ou expressão “aliança” e não “colaboração”.

Ainda mesmo com a conversão ao cristianismo ou islamismo, os povos da Guiné-Bissau continuaram a praticar e desafiar as administrações coloniais e a fé cristã, praticando a religião tradicional, muitas das vezes de maneira secreta. Diziam estar convertido para se beneficiarem de alguns benefícios concedidos pelos colonizadores, a fim de ajudarem na alimentação, sobrevivência da família e dele mesmo naquele estado crítico do período colonial.

Os missionários e administrações coloniais, com todas as suas imposições contra os nativos/as acabaram por aceitarem e incorporarem muitas coisas das tradições africanas junto aos rituais católicos; por exemplo, na animação das missas católicas que acabou de instrumentalizar o tambor e as danças, que são próprios dos estilos das religiões tradicionais africanas; as circuncisões dos rapazes ou meninos desde que eles sejam privados da religião assente na crença em vários Deuses considerados demoníacos e satânicos.

Em 1920 e 1921, os missionários consideravam particularmente repugnantes as iniciações. As missões depois exigiram que as circuncisões passassem a ser praticada nos hospitais ou nas residências particulares. Com as condenações e repugnações dos missionários, entre os Gikuyu, nativos de língua bantu, a família nigero-congolesas, criaram escolas independentes com objetivo de continuarem as praticas de excisão, e educar os filhos/as que não eram admitidos/as nas escolas das missões por razão das excisões (OPOKU, 2010).

OPOKU (2010) afirma que, em 1928, houve a criação da igreja independente, Ortodoxa africana, que professa a doutrina declarada verdadeira, dois anos depois, divulgava-

se entre *Gikuyu*, um movimento da profecia que predizia o julgamento prestes acontecer dos europeus e das missões, por Deus, mas depois foi extinguindo o mais rápido possível pelo principal opositor, administração colonial (OPOKU, 2010).

2.2.1 Maometismo (Islão) e a dominação dos Europeus

No período colonial em regiões onde os invasores não tinham as suas presenças as influências eram evidenciadas pelos muçulmanos, os preceitos do islão proporcionaram origem do protexto a uma unidade territorial, em vez de etnia, que sobrepunha as dependências das soberanias do governo (OPOKU, 2010).

Isso ajudou bastante num bom comércio, e favoreceu as ações dos muçulmanos em converter os pagãos judeus ao islamismo e também as comunicações abriram aos fieis muçulmanos a entrada deles naquele momento zonas que nem esperavam atingir. Os momentos foram quando os caminhos das linhas comerciais da África Ocidental foram retomados do deserto para zona do mar próximo da terra; isso proporcionou o aumento dos maometanos até no início do colonialismo e poucos à beira do mar. De acordo com os dados do autor em Serra Leoa de 1891 a 1931 os números cresceram de 10% a 26,12% (OPOKU, 2010).

De acordo com o autor citado no parágrafo anterior, a presença dos Ahmadiyya na costa Ocidental do continente cresceu de forma significativa quanto ao número dos fieis, logo na chegada foram caracterizados como missionários, trilhando as rotas por vias marítimas costeiras. Por algumas pessoas eles são vistos com contrassenso, os papéis deles foram importantes, e fizeram crescer ou aparecer entre os muçulmanos interesses pela educação Ocidental.

É necessário, pois, analisar essa afirmação do autor “a atitude das autoridades coloniais para com o islão era ambígua” (OPOKU, 2010, p. 604), a partir da minha experiência são povos não sedentários, pastores, comerciantes e agricultores, na maioria. Seu interesse maior era encontrar um lugar propício para seu estabelecimento e de suas atividades para sua sobrevivência (comércio); podemos ressaltar o caso do império de Gabú que era governado por Malinquês do reino de Mali. Eles não se importam com quem é superior ou inferior só querem um lugar para execução os seus trabalhos e ganho do pão de cada dia.

Mas, o perigo deles é logo nos primeiros momentos, só preocupam com a instalação e depois se casam muito cedo, e começam a parir de forma abundante e não se preocupam com

as situações econômicas e outros fenômenos sociais. Segundo eles, o casamento dá sorte e é uma riqueza e, quando Deus colocou casais e criança na sua mão é porque tem melhor plano para essa/s pessoa/s, aí eles ficam se casando entre famílias, isto é, entre filhos/as de dois e duas irmãs/ãos, os primos e as primas, a partir daí geram população em grande número; na maioria desses casos o objetivo é conseguir um número significativo. Com esse sistema de produção e reprodução dentro do ciclo familiar, vão poder a qualquer momento dominar o território e os autóctones e expandir a sua fé.

As forças europeias estavam prestes a destruir os grandes Estados muçulmanos e as suas organizações religiosas. Nos seus anseios de destruir o Estado islâmico, pretendiam provocar ou instigar conflitos internos entre eles, mas o Estado francês desistiu e familiarizou-se com eles, preferindo eles às religiões tradicionais, mesmo com medo ou incerteza e mau acolhimento optaram por juntar ao Islão (OPOKU, 2010). Bem sabemos que as grandes potências dificilmente reconhecem outro Estado que tivesse modelo de vida diferente da deles; na verdade a ideia é que a França e Reino Unido queiram libertar as práticas de cultos muçulmanos, mas com certas limitações ficavam somente reconhecidas internamente e não permitiria o surgimento de um movimento pan-islâmico para não perturbar a sua hegemonia, mas mesmo assim com aliança da Turquia e Alemanha, o indesejado se torna uma realidade.

Nessa perspectiva francesa que depois deu errado, os franceses impulsionaram claramente as intrigas e rivalidades étnicas e dinásticas, que provocaram a aniquilamento da coesão do império Tukolor, enquanto que os ingleses extinguiram o califado de Sokoto, ao norte da Nigéria (OPOKU, 2010).

2.2.2 Jesuismo (Cristianismo) e a dominação dos europeus

Opoku (2010) as instituições do controle colonial facilitaram de maneira significativa os trabalhos dos missionários em diferentes aspectos. Pensando nas ligações dessas duas instituições, primeiro as duas enxergam da mesma forma o universo e também originaram dos mesmos costumes culturais; garantiam as ordens nos trabalhos dos missionários e na maioria dos casos patrocinava às instituições escolares missionárias; todas as pilhagens das riquezas dos nativos são administradas pelos missionários e os mesmos fazem também um tipo de roubo moderno para os ofertórios e os dízimos nas igrejas.

Todos esses recursos são levados e controlados por Roma, ou melhor, pelo Vaticano? Todo recurso adquirido foi fruto e suor daquele povo ou do lugar que ofertaram e dizimaram,

segundo marketing dos missionários, que serviam para construção das igrejas e ajuda aos que precisassem, no caso dos mais carentes e conseqüentemente para o desenvolvimento das terras dessas populações. Será que isso não trata de um imposto cobrado pelas grandes potências aos ditos inferiores, sobretudo os países africanos? Enfim os missionários são responsáveis por toda política de inferiorização e dominação dos povos africanos e outros, e estavam protegidos pela administração colonial; introdução de melhores tipos de comunicações e também o uso do dinheiro, já não como era dantes trocas de produto, ajudaram nas vindas de recentes formas de vida, que teria de obrigar-se em universo africano, a forma de vida foi vista pela crise econômica das comunidades em benefício privado ou particular.

Percebe-se que os missionários no continente africano eram parte do "imperialismo europeu"; resumindo, as missões cristãs na África eram o órgão que cuidava da política de mobilização da distribuição dos costumes dos autóctones, e nessa perspectiva podemos dizer que a Bíblia é uma metáfora do mundo Ocidental, e é justamente escrito ou inventado no sentido de inferiorizar e dar um carácter pejorativo à cultura africana, ou para toda comunidade que não fazia parte do Ocidente.

Vale ressaltar que segundo Kofi Asare Opoku (2010, p. 611), a “religião dos vencedores, melhor, o cristianismo era considerado a fonte de poder do homem branco”. A partir dessa reflexão, podemos dizer que sem dúvida, cristianismo é o primeiro que passava nos lugares ou territórios africanos para fazer toda a mobilização e tudo se concentrava nas tarefas dos missionários, como sendo chave do colonialismo.

Tomando em consideração que ofereciam aos nativos, escola e emprego, isso dava uma grande influência ao homem branco dentro das comunidades africanas e em particulares nas famílias.

“A ponta de lança da pregação missionária era a particularidade do cristianismo, especialmente como ele era entendido e interpretado pelas missões europeias” (OPOKU, 2010, p. 611). Muitas tarefas dos missionários na África foram de extrema importância no que se refere à introdução do aproveitamento eficiente do dinheiro. Criaram um sistema de exploração agrícola em muitas regiões do continente, aumento das outras formas de produção agrícola local, ajudando na extensão do cacau, café, tabaco, algodão e a da cana-de-açúcar e os demais produtos e recursos naturais e também o cristianismo divulgava novas ideias.

Havia semelhanças com os missionários e os fieis tradicionais, por exemplo, crença num ser sobrenatural como sendo o único que pode julgar os nossos atos; foi Deus quem criou

o Céu, terra e o mar e fez toda humanidade. O nome de Deus aqui configura “um título”, e não um nome.

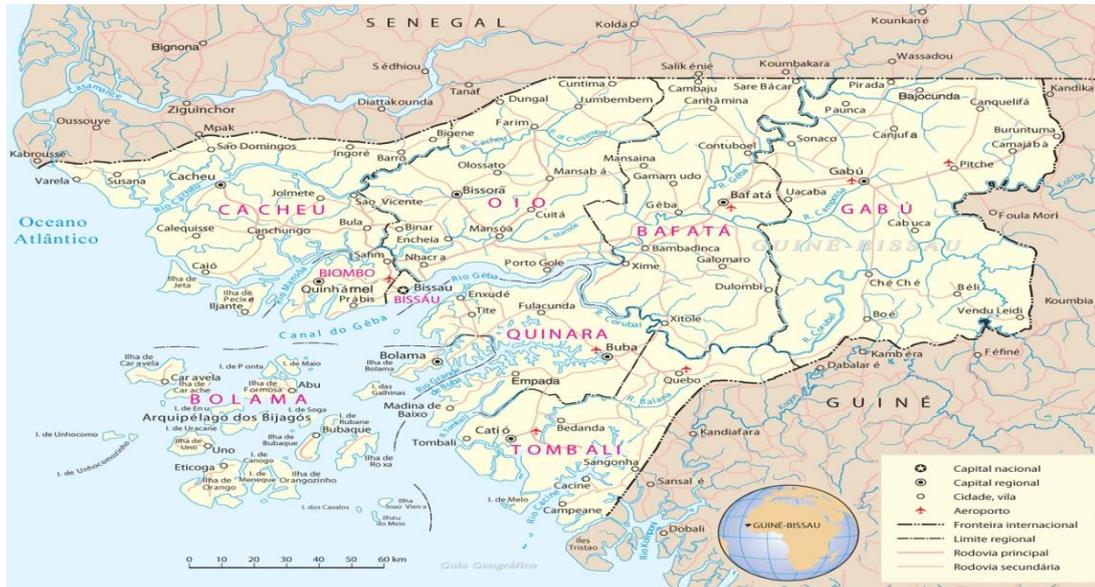
3 GUINÉ-BISSAU: CONJUTURA, GEOGRÁFIA, HISTÓRICO, SOCIAL E RELIGIOSA

Oficialmente no dia 24 de setembro de 1973, a República da Guiné-Bissau foi proclamada a sua independência unilateralmente pelos Combatentes da Liberdade da Pátria do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e outros movimentos. Depois de quase um ano da proclamação unilateral, no dia 10 de setembro de 1974, os portugueses aceitaram a perda e a autonomia da antiga província ultramarina denominada Guiné Portuguesa, como um país livre das dependências dos colonizadores portugueses após aproximadamente cinco séculos de dominação colonial e, depois de quinhentos e vinte e oito anos da chegada deles no território guineense.

Conforme recorda Moema Parente Augel (2007), em 1879 estabelecimento institucional do nome de “Guiné Portuguesa” com capital em Bolama e a separação administrativa de Cabo-Verde; 1886, após um (1) ano e alguns meses da conferência de Berlim, os portugueses e franceses fixaram as suas fronteiras ocupadas entre Senegal, Guiné-Conakry e atual Guiné-Bissau. Em 1951 de novo passou a ser chamada de “Província Portuguesa de Ultramar”, de acordo com as reflexões trazidas dessa literata, podemos inferir que é nesse período que a Guiné-Bissau perdeu uma parte do seu território na zona norte do país, concretamente Casamance, que hoje em dia pertence o território senegalês, porque até hoje podemos encontrar os vestígios, por exemplo, de populações que aqui vivem e falam fluentemente a língua guineense para além das culturas.

Situada no berço da humanidade, ou melhor, berço da humanidade, na parte Ocidental, a Guiné-Bissau faz fronteiras com o Senegal ao norte; ao sul e ao leste com a Guiné, do qual a sua capital é Conakry, vulgarmente chamado de Guiné-Conakry; e Oceano Atlântico e selvas e florestas ao oeste, aliás, toda sua extensão ocidental. O seu território nacional atinge a área de 36,125 quilômetros quadrados, dos quais 27.700 km² são partes da terra ou que esta fora d’água, devida fraca elevação do país, no que se refere ao nível médio das águas do mar, e 24.800 km² são apenas a parte habitada, devido às inundações do movimento das águas do mar e rios, e também das chuvas regulares e periódicas. O território guineense é plano, clima quente e húmido, a parte continental cortado de rios levadas de grande caudal como rio Geba, rio *Catcheu*, rio Corubal – e não “Corumbal” dita ou escrita por Moema Parente Augel no seu trabalho “O DESAFIO DO ESCOMBRO”, de 2007 – rio Mansoa, rio Grande de Buba e o rio Cacine, possuindo excessivas ramificações.

Figura 1 - Mapa da República da Guiné-Bissau e suas fronteiras nacionais e internacionais



Fonte: <http://www.africa-turismo.com/imagens/mapa-guine-bissau.jpg> acesso em 21/11/2016

A cultura agrícola representativa é a de caju, produção por castanha; a maior parte dessa produção é exportada, por falta das indústrias desse gênero de produtos, a outra parte serve para consumo familiar e comercializado pelos produtores no mercado interno para consumo de outras pessoas, após um processamento manual. O arroz é produzido como subsistência e alimentação básica (AUGEL, 2007), assim como vários produtos naturais produzidos em diferentes regiões e setores do território nacional, por exemplo, peixe, batata doce, mandioca (aipim), amendoim, inhame e feijão, dependendo da zona ou região e setores (municípios), essas atividades produtivas são totalmente da inteira responsabilidade dos produtores de forma geral, a intervenção do Estado é proximadamente invisível. O rio Cacheu, Mansoa e Geba são os rios mais importantes, percorrem o território e são as melhores vias de penetração ao interior do país.

A República da Guiné-Bissau não só uma nação que se limita somente dentro do seu território, livros e textos nas escolas nacionais, mas também internacionalmente, faz parte de várias organizações internacionais, a exemplo da Organização das Nações Unidas (ONU), Programas das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD), Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BM), Organização Mundial do Comércio (OMC), União Africana (UA), Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Países Africanos de Língua Oficial Português (PALOP), Organização para Harmonização em África do Direito dos Negócios (OHADA), Organização Mundial de Saúde (OMS), Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) e nas organizações sub-regional: Comunidade Económica dos

Estados da África Ocidental (CEDEAO), União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA), Banco Central dos Estados da África Ocidental (BCEAO) e as demais organizações.

De forma geral, na sua superfície, é maior do que, Alagoas e Sergipe e também da Bélgica. A população do país corresponde a (1.520.830) habitantes (INE, 2009). Mas, segundo dados do Banco Mundial (BM), em 2015 a população total do país era 1.844.325 habitantes³. A Guiné-Bissau é formada por um território além-mar e outra insular que inclui o arquipélago dos Bijagós, composta por aproximadamente noventa ilhas e ilhéus, entre os quais dezessete são povoados⁴.

Dividido em oito (8) regiões e um setor autônomo, Bissau, e quarenta setores:

Bafatá – setores de Bafatá, Bambandica, Contuboeil, Galomaro, Gã-Mamudo e Xitole;

Biombo – setores de Prabis, Quinhamel e Safim;

Bolama – setores de Bolama, Bubaque, Caravela e Uno;

Cacheu – setores de Bigene, Bula, Cacheu, Caió, Calequisse, Canchungo, São Domingo, Ilha de Djéta/Geta e a Ilha de Pcis/Pecixe;

Gabú – setores de Boé, Gabú, Pirada, Pitche e Sonaco;

Oio – setores de Bissorã, Farim, Mansabá, Mansoa e Nhacra;

Quinara – setores de Buba, Empada, Fulacunda e Tite;

Tombali – setores de Bedanda, Cacine, Catió e Quebo;

Setor autônomo de **Bissau**, e estes em secções, compostas por tabancas-aldeias.

Figura 2 - Mapa da Guiné-Bissau, divisões regionais.



Fonte: http://2.bp.blogspot.com/mdJpnY0IC9E/U_iDYPQrV9I/AAAAAAAAAGDE/coSH5HDmGgs/s1600/guinea-bissau-mapa.jpg Acesso em: 21 nov. 2016

³ Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/guinea-bissau>. Acesso em: 22 set. 2016.

⁴ Disponível em: www.gov.gw. Acesso em: 05 out. 2016.

Em todo o território nacional, a cidade de Bissau concentra o maior número dos habitantes, com 387.909 pessoas; em seguida vem à região de Oio com 224.644 moradores; região de Gabú com 215.530; região de Bafatá com 210,07. A região de Cacheu congrega 192.508 populações; a região de Biombo de 97.120 habitantes; a região de Tombali com 94.939 habitantes; região de Quinara possui 63.610 habitantes e, por último a região de Bolama Bijagós alberga o menor número, apenas 34.563 habitantes, segundo dados do último Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH), de março de 2009, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

A Guiné-Bissau é um país que se constitui por mais de vinte etnias dentre os quais se destacam: Balantas que representam 30%, Fulas 20%, Manjacos 14%, Mandingas 13%, Papéis 7% e outros 1%, e em todo esse universo guineense a língua portuguesa é falada apenas por 14% dos falantes (INE, 2009) e essas supracitadas, são línguas mais influentes a nível nacional, e o *crioulo* é a principal língua e assume o papel de elo de unidade em todo território guineense, sendo o português apenas a língua oficial e administrativa.

O regime é multipartidarismo, um sistema ou regime de governação diferente do Brasil, no qual o poder não está concentrado na mão do Primeiro Magistrado da Nação, mas partilhado com o chefe do governo que é primeiro ministro, e no caso de uma crise política e institucional o presidente tem todo poder de demitir o governo, de acordo com alínea “a” do artigo 69º do capítulo II, nos termos 2 do artigo 104 da constituição ou da lei magna do país.

O grande problema da língua oficial, é que as línguas étnicas ainda estão se destacando e a cada dia que passa a língua portuguesa perde a força, principalmente por causa do grande número dos estudantes que vão para República Federativa do Brasil, em especial que formaram e estão formando numa Universidade da integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pois o senso crítico.

As línguas étnicas destacadas, segundo Augel (2007), nos topos temos os seguintes:

| Nº | Línguas | Nº de falantes |
|----|----------|----------------|
| 1ª | Balanta | 245.000 |
| 2ª | Fula | 200.000 |
| 3ª | Mandinga | 100.000 |
| 4ª | Mandjako | 80.000 |
| 5ª | Papel | 72.000 |
| 6ª | Beafada | 20.000 |

| | | |
|-----------------|----------|--------|
| 7 ^a | Bijagó | 20.000 |
| 8 ^a | Mancanha | 19.000 |
| 9 ^a | Felupe | 15.000 |
| 10 ^a | Nalu | 4.000 |

Quanto à *Religião Tradicional* com 50%, Muçulmano 40%, Cristão 10%. Essas percentagens sobre a religião me parecem longe da realidade, pois minhas experiências em diferentes espaços nacionais mostram que a percentagem pode ser mensurada em aproximadamente 70%. Justifico essa perspectiva através das ações da população que na sua maioria disfarçam nas zonas urbanas e na capital a fé, devoção e culto à *religião Tradicional*.

Em seus estudos Évora e Sousa (2007) destacam que em cada setor existe etnia predominante no Arquipélago dos Bijagós, predominam a etnia *Budjugu* (Bijagós); na região de Biombo, *Pépél* (Papel); Cacheu, *Mandjakos* (Manjaca); região de Oio, Mandigas (os malês) e Balantas, ambas disputando a terra; região de Bafatá, maioritariamente é ocupada pelos Fulas e uma boa parte de Mandinga; na região de Gabú encontram-se os Fulas; na região de Quinara observa-se acréscimo dos Balantas em relação aos Beafadas; na região de Tombali encontram-se os Nalus; e, por fim, no setor autônomo de Bissau concentra-se uma diversidade enorme, “formando um mosaico cultural”, assim como todo o território nacional.

Povoado já há mais de duzentos séculos, ou seja, 20 mil anos a.C. mas os dados mais evidentes foi a partir do terceiro milénio a.C. com o aparecimento da seca no Saara, atual deserto do Saara, os povos do mesmo se deslocaram para a parte ocidental do continente africano, e passam ocupar as zonas litorais e ilheis, devido ao ambiente propício e favorável para suas fixações.

A partir do ano 830 a.C funda-se o império de Gana ou Wagadu, o que não tem relação com o território atualmente chamado do mesmo, mas sim que estendia do rio Senegal ao Alto Níger, ou mais ao Leste, entre o Mali e a Mauritânia, e a capital do império Kumbi-Salé, situado na abordo do Saara. No século IV o império ganês do estado sudanês funda-se no território guineense o que perdurará até o século XII. No mesmo período o império declinou com a conquista dos fiéis islâmicos, o rei do Mali Sundiata Keita se converteu ao Islão, daí os povos Mandingas fundaram o império do Mali que vai expandir para zona Oeste, chegando à terra do que hoje é Guiné-Bissau, e passaram a dominar e fazer os nativos dos seus vassallos, ou melhor, tributários deles, com o nome de Kaabu ou Gabú.

A Guiné-Bissau estava inserida no que era chamada de Senegâmbia e dentro deste território as divisões das mesmas eram “os contrafortes do maciço Futa-Jalon, berço dos seus

principais rios em rio Senegal e rio Gâmbia” (SILVA; SANTOS, 2014, p. 21). Os mandingas se instalaram no nordeste do país e da Casamance (BENZINHO; ROSA, 2015). A partir disso mostra que a origem dos povos guineense provinha dos estados sudaneses, essencialmente do Saara e depois vêm os mandingas do Mali.

Guiné-Bissau em termos de urbanização é um país na sua maioria do campo, em todo o seu território nacional poucos lugares ou espaços podem ser considerados de cidade. Os espaços urbanizados, segundo os conceitos europeus da urbanização, têm ruas muito menores, o que se pode ver como uma rua ou via principal e nelas podemos constatar construção de algumas casas do tipo prédio de pequenas e grandes dimensões particulares e público, e que na sua maioria, basicamente são obras das eras do regime colonial (ÉVORA; SOUSA, 2007).

Em nível mundial o país se encontra entre as vinte economias com uma baixa renda per capita e Produto Interno Bruto (PIB), sobrevivendo essencialmente da pesca e agricultura. As bases alimentares essenciais são: arroz, milho, feijão, mandioca (aipim; tapioca), castanha de caju, mancarra (amendoim), semente de palma e algodão (ÉVORA; SOUSA, 2007); essa classificação da pobreza não vai de acordo com a minha visão numa parte, uma vez que a terra ou subsolo não foi explorado os recursos naturais em nenhum momento, devido às políticas governamentais, e por outro lado podemos dizer que o país não é pobre, porque tem recursos naturais que não são aproveitados nas indústrias, também por falta dos estabelecimentos das indústrias.

Como sabemos o país tem petróleo no mar ainda não estão sendo explorados os catorze blocos offshore⁵, mas que ainda se encontram num trabalho de estudos técnico com a empresa petrolífera sueca, Svenska Petroleum Exploration desde maio de 2008. Segundo responsável da empresa Petrolífera da Guiné-Bissau (PETROGUIN-Ep), Antônio Serifo Embalo, Diretor Geral, em fevereiro de 2014⁶ foram confirmados pelos técnicos que nas zonas de Farim a existência do Fosfato, e uma assinatura de contrato de exploração com a empresa GB Phosphates, que foi a primeira empresa em 2006 na era do presidente Nino Vieira; e de Bauxita nas zonas de Boé que seria explorada pela empresa angolana Bauxite de Angola antes do golpe militar no governo de Carlos Gomes Júnior, em abril de 2012.

Com o tipo das condições climáticas e conseqüentemente empobrecimento das terras (no sentido de que a terra fica seca em grande território, inviabilizando as produções contínuas) para as atividades agrícolas, o que deixa períodos longos de pausa nos trabalhos agrícolas “predominam as culturas rotativas, intercaladas com largos períodos de pousios”, o

⁵ Nome técnico e científico dos estudos mineiros

⁶ Disponível em: <http://jornaldigital.com/noticias.php?noticia=40465>. Acesso em: 05 out. 2016.

quer dizer que as práticas agrícolas acontecem uma vez por ano, somente nas épocas das chuvas que começa do mês de maio a finais de novembro e as chuvas intensas são vistas nos meses de julho e agosto. Para além desses recursos naturais, ainda tem a exploração das madeiras (ÉVORA; SOUSA, 2007), com as empresas chinesas e a pesca com a União Europeia (UE) e às vezes com os coreanos. Com a execução dos trabalhos tradicionais, ficará muito longe de se apropriar das qualidades que as áreas marítimas nacional disponibilizam (ÉVORA; SOUSA, 2007).

Conforme Évora e Sousa (2007), menos da quarta parte ou 22% da população são os que não vivem da mão-de-obra agrícola e a população vive abaixo dos limites da pobreza. Ainda o país apresenta um grande problema nas áreas industriais, contando com as indústrias da produção de cervejas e refrigerantes e transformando alguns produtos extraídos dos campos da agricultura e as da castanha de caju. Os autores ainda afirmam de que não só na Guiné-Bissau há uma “deficiência” nas indústrias, mas sim em muitos lugares da África e as exportações dos produtos estão baixando pouco a pouco, restando somente cinco países do continente como referências, que concentram 50% das indústrias e fazendo êxitos nas exportações, são os casos da Nigéria, Zimbabué, Costa do Marfim (*Côte d’Ivoire*), Gana e a Quênia, e a outra parte das percentagens da estrutura industrial são retidas pela África do Sul.

Óbvio que as deficiências das indústrias acarretam muito as procuras internas, fábricas para as transformações dos produtos nacionais, caju, manga, castanha de caju, areia pesada que é para fazer vidros, etc e conseqüentemente a falta de satisfazer as necessidades alimentares das populações, o que condiciona o país a importar grande quantidade dos produtos alimentares suprimindo assim as deficiências das indústrias nos produtos prementes dos habitantes, e o país com isso passa a depender muito dos outros países e obtendo dívida externa elevada.

Em janeiro de 1999 a Guiné-Bissau deixou de ter o “peso” como a moeda nacional e antes era “escudo” e a partir do ano em epígrafe passou a usar a moeda “Franco CFA”, da zona BECEAO, fazendo assim parte das moedas dos seus conterrâneos da UEMOA.

A cotação em relação ao Real (R\$) do Brasil numa média entre 180,00 a 250,00 Franco CFA, correspondente a 1,00 R\$, ao passo que euro (€) entre 600,00 a 660,27 Franco CFA equivale a 1,00(€), todos esses s valores não são estáveis, mas que pode cair ou subir dependendo da economia local e internacional. Por outro lado, ao afirmarem que a diferença étnica é uma das principais razões de conflitos e instabilidade sociopolítica nessa pátria amada dos guineenses, penso que a diferença étnica não está na causa, mas sim nas formas de política usadas pelos no caso das expressões como “etnia e religião” políticos aproveitam do

momento das campanhas eleitorais para colocarem coisas na cabeça dos eleitores, principalmente nas zonas do interior do país e rurais; isso acontece nesses lugares porque são zonas de poucas infraestruturas escolares e a população se depara com muita dificuldade no campo educacional, motivo pelo qual eles carecem de informações atualizadas, essencialmente, nos assuntos da política do país e a sensibilização sobre o que é a “democracia”? Todos esses motivos permitem a facilidade dos políticos na cassação dos votos nas eleições e posteriormente ser usado como arma para os conflitos políticos.

Do outro lado, podemos ver que o problema também está no abuso de poder, exclusão dos quadros caso não seja do partido vencedor das eleições, consequentemente perda do salário do funcionário, nepotismo no sistema do Estado, e isso gera uma revolta dos grupos que foram postas para fora sem nenhuma justificativa legal; pior de tudo é que as famílias dessas pessoas ficam sem possibilidades de segurar as suas famílias. Esse tipo de procedimento nos aparelhos do Estado e nas funções públicas e privadas cria instabilidade sociopolítica e tem um ditado crioulo que diz assim: “*saku limpu kata firma*” (“saco vazio nunca fica de pé”), uma pessoa que tem fome não pensa e age da mesma forma que outra que esta sem fome.

Em termos linguísticos, a língua portuguesa concorre com o crioulo e as outras línguas africanas. Porém, “a língua crioula da Guiné-Bissau” possui uma organização ou articulação dos diferentes elementos de um conjunto (estruturação) gramatical próximo das línguas africanas (ÉVORA; SOUSA, 2007).

O setor da educação depara-se com grandes dificuldades no sistema, constata-se números significantes de pessoas sem base do ensino primário. Em nível nacional existe uma taxa muito alta de analfabetismo, devido a insuficiência nos equipamentos escolares e o ensino também apresenta deficiência. O futuro das pessoas não está vinculada a atividades de produção acadêmica que pede uma qualidade do conhecimento científico ou formação de um conhecimento prático (ÉVORA; SOUSA, 2007), e com isso podemos inferir que a maioria da população em todo território nacional vive dependendo das atividades agrícolas, executadas de formas tradicionais.

3.1 REGIÃO DE CACHEU TERRA DOS MANDJAKOS

A cidade de Cacheu está situada na província norte da Guiné-Bissau, com uma área de 5.175 km² e 192.508 habitantes, e cidade do mesmo com 9.882 habitantes (censo de 2009, o

último), uma região com sete setores e mais dois que sempre se esqueçam de incluir o setor da ilha de Djéta/Geta e *Pcis/Pecixe* (que significa na língua Mandjako “para voltar”) e totalizou em nove setores pelo menos até o presente, e inúmeras seções; entre esses setores Calequisse é uma delas que vamos aprofundar melhor no próximo capítulo, o cerne desta monografia.

A cidade de Cacheu fica na zona costeira e nordeste, à beira do mar do país, junto ao rio com o mesmo nome. Faz sua divisão fronteiriça com a região de Biombo e de Oio (figura 4), tendo sido antiga e primeira capital da colonial portuguesa. É uma região e cidade essencial no comércio de Cabo Verde na parte continental da Guiné, espaço onde os portugueses carregavam e exportavam autóctones para escravização, exportação dos tecidos de sedas e de lãs manufaturados e marfim nessa parte ou região da costa Ocidental da África, promovido pela empresa da “Companhia de Cacheu, Rios e Comércio da Guiné”, uma empresa monopolista, fundada e sediada em Portugal no momento das novas formas ou visões da economia de D. Luís de Meneses, no regime ou mandato de D. Pedro II de Portugal.

O documento oficial de 29 de dezembro de 1614 confere, ou melhor, decreta Cacheu como capital da província da Guiné na altura, depois em 1859 a metrópole foi mudada para Bolama e, por fim, em 1940, Bissau já começou a levar avante as suas economias, depois no ano seguinte, Bissau passou a ser capital até o presente (ÉVORA; SOUSA, 2007).

Cacheu foi a primeira capital por apresentar um número maior de homens brancos, que faziam as suas atividades comerciais, sendo assim, a produção e poder econômico estava concentrada ali. É importante ressaltar que a capital saiu de Bolama para Bissau porque, o *Tchon di pépél* (Chão de Papel - Bissau) conseguiu a posse do domínio administrativo e reunir as condições econômicas melhores em relação aos antigos, as cidades eram transferidas de acordo com o seu rendimento capital.

Segundo o Instituto da Biodiversidade das Áreas Protegida (IBAP), a região de Cacheu é habitada por uma diversidade étnica entre os quais se destacam os *Mandjakos*, Felupes, Banhus, Cassangas, Baiotes, Cobianas e outras as mais que fazem parte de outra região do país, que emigraram para a zona. Os mais destacados e com números mais elevados ou significantes e dominantes são os *Mandjakos* e depois vêm os Felupes.

Os Felupes do qual são parte da minha avó paterna, nomeia-se por “*djamât*”, ou melhor, “*kadjamât* ou *kadjamâtai*”, o que significa: “lugar de travessia”, devido à situação geográfica da região. Atualmente povoaram as partes litorais desde Cabo Roxo (a parte da linha fronteiriça da zona norte da Guiné-Bissau, zonas do São Domingo-Varela e sul do Senegal, Casamance) à ponta Bolor e seguindo o braço do rio ou mar que passa por Ossor, Lala e Arame, e ficando na adaptação as condições de vida da zona costeira e eles são vividos

sempre fixados nessa região. Na sua maioria são pescadores e agricultores, e da religião tradicional, “animista” (IBAP, 2008).

Os *Mandjakos* são povos que habitam praticamente toda província ou região norte do país, Guiné-Bissau. O nome *Mandjako* significa: disse-te coisa!? Literalmente *Man* = Eu; *dja* = disse e *ko* = coisa/alguma coisa. Na maioria dos casos, por exemplo, na expressão *ko* é exclamação (!) ou interrogação (?), o que pode ser interpretado em português *que foi? alguma coisa!?* Segundo o IBAP expressão *Mandjako* se traduz em “Eu disse”. Na verdade, a expressão não se restringe só a “eu disse”, mas sim a outras interpretações.

A palavra “*ko* ou *co*” são expressões frequentemente utilizadas por esse grupo ou povo, mas sim o que se utiliza é a expressão “*û*” e não “*ko* ou *co*” nas conversações ou diálogos. Resumidamente a expressão *Mandjako* num sentido lato é: **povos ou aquele que honra a sua palavra, e as considera a “palavra” como coisa sagrada**, em que uma pessoa ou qualquer que pertence esse grupo étnico não tem que mentir ou virar as costas a aquilo que foi dito e aceito pelo mesmo, e mentir ou desonrar os seus compromissos, o que significa cometer um *kadjubamne* (erro ou erro grave), dependendo do que se trata, e seria um desrespeito à família, linhagem e a si mesmo, e isso mostra o valor da cultura oral pelos mesmos e também nas culturas africanas. O povo não se identifica com o nome de “*Mandjako*”, mas através da região de que é descendente, e caso contrario eles/elas se identificam de forma geral, *Mandjako*.

Os elos entre os povos (etnias) *mandjakos* (manjacos), *pépél* (papeis) e *mankanhis* (brames) são vários, os três constituíam um só ramo do mesmo tronco étnico e reinos diferentes. Professam as mesmas crenças, religião tradicional e de uma maneira ampla divididos em famílias com um antepassado comum, que se sentem solidarizadas por esse vínculo (IBAP, 2008). A expressão “animista” entendo que é um conceito pejorativo com um sentido da religião onde predomina as cerimônias ritualísticas com sacrificio dos animais, pelo contrario eles são sacralizados, a(s) carne(s) desse(s) animal(is) é/são usados e servindo de alimento, e o sacrificar é como depois de matar o animal seja jogado fora, ou seja, a segunda classificação desvaloriza as práticas religiosas e culturais ou costumes ou dos outros ou africanas e outros povos que professam e praticam a mesma religião, ou então emprestar o termo e utilizar a partir da filosofia de ancestralidade - crença com a qual as formas de cosmovisão é focada a natureza e que todas elas possuem vida (alma), isto é, pessoas, animais, plantas ou arvores, em fim os fenômenos naturais. Entendo que essa expressão é usada pelos colonizadores missionários ocidentais cristãos como forma de extinguir as

culturas e religiões tradicionais dos nativos a fim deles abandonarem a suas práticas de dia a dia, ou imprimir as ações religiosas cotidiano dos autóctones.

Na visão ocidental *animismo* é “uma crença que dá alma a cada elemento da natureza”, “animista/animismo” é um conceito dado às sociedades africanas, ameríndias e como selvagem entendido pelos colonizadores, uma vez que este conceito religioso não é conhecido com esse nome pelos nativos, e para não generalizar, pelo menos em Calequisse vila dos meus avós e praticamente desconhecido na região de Cacheu, caso contrário se houver qualquer percentagem da população que usa o conceito acima referido é devido às torturas psicológicas dos invasores e também as influências no campo acadêmico onde a maioria da população a nível nacional estuda nas universidades com padrões ocidentais, também nos países ocidentais que abrem as possibilidades de estudos nas metrópoles de forma subjetiva, o que possibilitará uma colonização e extinção dos costumes ou culturas locais e impondo as suas de forma mais pacíficas em relação aos períodos das invasões ou da intensa administração colonial. Na verdade, as religiões na Guiné-Bissau não são dominadas da forma que são nomeadas pelos colonizadores, quando se pergunta para um nativo qual é a sua religião, a resposta é sou *Mandjako*, Papel, Brama, Felupe e qualquer que ele/a pertence, o que significa a etnia dele/a, e não religião.

Num outro sentido podemos aceitar ou admitir a denominação “animismo/animista”, com outro tipo de conceito e não pejorativo quando é uma religião tradicional de diferentes povos da Guiné-Bissau; no sentido amplo, por exemplo, tradicional *Mandjako*, Balanta, Brame, Papel e os demais etnias que compõe o território nacional guineense. A partir dessas reflexões, em vez de animista podemos denominar a nossa religião de “religião de matriz *Mandjako*”, no caso dos autóctones *mandjakos* e as outras religiões e etnia, como Balanta, Brame, Papel, Felupe, assim sucessivamente de acordo com a etnia. Digo “matriz *Mandjako*” porque é de raiz do mesmo, e pode ser também de “Matriz Papel, Brame, Felupe, Balanta etc...”. O uso do termo “animismo” para se referir às religiões africanas, se admite no sentido de serem utilizados os animais como oferenda sagrada e essencial para os prestes em favor dos homens, das mulheres, das crianças e para todas as faixas etárias, ou melhor, para os seres racionais em fim para bens estar das comunidades e do país, em caso de doenças, invasões dos inimigos, roubos, crimes em suma tudo que afeta e coloca em risco a vida da população local; em vez de sacrificar as pessoas e ainda esses animais sirvam de alimentos para as pessoas, somente o sangue é ofertado para as Divindades Supremas.

Do ponto de vista antropológico, são práticas e costumes significantes para esses povos e os praticantes que fazem parte dela, e isso significa que não devemos trocar pessoas

com qualquer que seja coisa. Segundo narrativas populares guineenses, principalmente dos mandjakos essas práticas são uma forma de restituição da energia vital e inicial, assunto que vou aprofundar melhor no próximo capítulo.

Os mandjakos são maioritariamente na região de Cacheu, porém a zona nordeste das terras mandjakos próximo à cidade de Cacheu sul das áreas protegidas da biodiversidade, durante centenas de anos eram terra das populações Coboianas (Caboí) ou denominados por *nativos*, com números minoritários. Do ponto de vista linguístico são próximos com os *Cassangas*⁷ e as religiões de ambas são as mesmas dos mandjakos, papeis, brames.

Os colonizadores portugueses construíram a primeira feitoria - praça e porto comercial de grande importância ao nível do país na região e cidade de Cacheu, em 1588 (Forte de Cacheu) (AUGEL, 2007), construído pelo cabo-verdiano Manuel Lopes Cardoso, com a autorização do Régulo local⁸, feitoria que serviu de ponto de comercialização dos homens escravizados por via das armas. Mas não estou em acordo com a expressão *escravo* usada pelos diferentes autores como se já tivessem nascido escravos. Em Cacheu durante o século XVI foram construídos ou feitos muitos da propaganda da presença portuguesa,

Segundo as autoras Joana Benzinho e Marta Rosa (2015), Cacheu foi à cidade onde começou a presença portuguesa no território nacional guineense em 1588, administrativamente controlado pelo Arquipélago de Cabo Verde, devido à situação geográfica do seu porto de águas profundas, favoráveis à condução marítima do ouro, marfim, especiarias e dos africanos escravizados. Independentemente das atividades comerciais dos cabo-verdianos e portugueses, Cacheu foi a casa para onde foram os portugueses “aventureiros” e aqueles que eram condenados ou que sofreram a pena do degredo.

Em 1624 se deu a criação da sua capitania, na altura havia um número significativo de população estrangeira ocidental, em maio de 1656, funda-se a “Companhia de Cacheu e rio” para os fins de transportar os autóctones escravizados. Após dois quartos da criação da capitania fundou-se a “Companhia de Cacheu”, com direito de tráfico na costa da Guiné e no arquipélago de Cabo Verde, assim como de escravizados para a Metrópole, os domínios do ultramar e a América Espanhola. Após quinze (15) anos (1671) foi refundado com o nome “Companhia de Cacheu e Cabo Verde” e a sua primeira ocupação é escravatura. Em 1703 a coroa cancelou a renovação do contrato, por não ter conseguido grande apoio dos moradores

⁷ Cassangas, uma etnia da Guiné-Bissau.

⁸ Disponível em: <http://www.cart1525.com/gouveia/descobrimento.pdf> Acesso em: 07 nov. 2016.

de Cabo Verde e da Guiné, e a companhia estava dando prejuízo, e em 1707 os portugueses abandonaram Bissau por falta de comércio ⁹.

Os homens, mulheres e crianças que eram capturados pelos colonizadores na antiga Província Ultramar Portuguesa e Guiné Portuguesa atual República Guiné-Bissau, na região e cidade de Cacheu, hoje são parte dos quilombolas que residem na região do Maranhão, descendentes dos escravizados da referida região e cidade. Em 2009 e 2012 o projeto chamado “o percurso dos Quilombos: de África para Brasil e o Regresso”, permitiu o deslocamento de pessoas das comunidades do Maranhão para reencontrar com a sua identidade, origem e ancestrais; fizeram um diálogo cultural, e tinham várias práticas artesanais que permanecem idênticas, também muitas formas de falar ou da língua são iguais e algumas manifestações de pensamentos por gestos ou palavras (expressões artísticas) semelhantes (BARRETO; SANTOS, 2013).

Cacheu era um ponto muito essencial para os colonizadores portugueses em relação aos outros países vizinhos, e o seu porto tornou-se principal para capturas das pessoas para escravizar, e tudo isso fez com que esse comércio se desenvolvesse muito, e também serviu de residência dos comerciantes portugueses durante todo período da escravatura. E nesses tempos de comércio das pessoas escravizados os colonizadores faziam trocas das barras de ferro, tecidos, objetos de pouco valor e com o tempo mudaram para o álcool; em contrapartida os nativos pegavam as pessoas para serem escravizadas, pimentas e couros, segundo relatou o historiador Leopoldo Amado (2016).

De acordo com esse autor, as pessoas perseguidas ou condenadas pela justiça na Europa fugiam de lá e ficavam em Cacheu desempenhando as funções de intermediário de comércio dos escravizados entre os chefes da tabanca e comerciantes portugueses, também os bens recebidos da sociedade “lançados” portugueses e alguns de origem judia que são rebeldes contra as autoridades europeias, na época faziam os trabalhos de intermediário, assim eles conseguiam ter uma condição de vida melhor ¹⁰.

A mesma fonte indica que eram mesmo os nativos que prendiam uns aos outros nos momentos de guerra, pegavam o adversário e vendiam; essas pessoas eram de “castas inferiores”, muitos faziam parte dos que tinham muitas dívidas e não pagaram. Estes seriam as pessoas que hoje são chamadas de camicases, aqueles que se entregam a ele mesmo ao comerciante ou patrão, e eles ficavam todo o tempo nas matas e nas aldeias.

⁹ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Cacheu,_rios_e_comércio_da_Guiné](https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Cacheu,_rios_e_com%C3%A9rcio_da_Guin%C3%A9) Acesso em: 07 nov. 2016

¹⁰ Disponível em: <https://www.publico.pt/mundo/noticia/-guinebissau-alimentava-o-comercio-de-escravos-de-cabo-verde-1729883> Acesso em: out. 2016

O aparecimento das grandes companhias de navegação e comércio — entre as quais, a Companhia de Cacheu e Rios da Guiné (1676), a Companhia de Cabo Verde e Cacheu (1690) e a Companhia do Grão-Pará e Maranhão (1755), que obtiveram todas o exclusivo do comércio desta região — “contribuiu igualmente para a decadência das ilhas de Cabo Verde”, conclui Leopoldo Amado (2016).

As pessoas eram feitas escravos pelos próprios nativos com os portugueses compradores para depois escravizar, mesmo com uma lei que restringia as vendas, esses não são dos motivos de confronto entre a população local e as autoridades; era uns dos trabalhos que dava muito dinheiro. Depois de essas pessoas serem vendidas, eram levadas para Cabo Verde e para *aculturação* e posteriormente vendido nas Índias Ocidentais, onde geravam mais dinheiro. Na cidade de Cacheu “houve uma ténue ladinização, pois também se comercializavam diretamente escravos com os armadores estrangeiras”, afirmou Leopoldo. A descentralização com a ilha de Cabo Verde se deu quando:

Na sociedade Mandjako, podemos encontrar as seguintes divisões de classes sociais: nobres, guerreiros, agricultores/mestres e funcionários, em que o sistema é basicamente por autoridade do régulo, eleito pelos sacerdotes ou nobres em algumas regiões, e em Calequisse o regulo é escolhido ou eleito pelas divindades ou os ancestrais, de um lado para quem tem mais interesse nas questões dos regulados pode fazer aprofundamento nesse campo que é o foco desse trabalho. É um povo que pelos costumes gostam de se deslocar para as terras senegalesas com intervalos iguais, e nessas viagens absorvem as noções autonomistas e trouxeram com eles, e deu na fundação do Movimento de Libertação Guineense (MLG). Com a queda do movimento, criou-se um clima quente entre os membros Mandjakos e consequente surgimento de subdivisão de quatro grupos, separados em partes pelo PAIGC e Frente de Libertação Nacional Guineense (FLING).

Havia grupos de autoridades portuguesas e outros adversários, que eram profundamente ligados a ideia revolucionária, no sentido de retomar o renascimento de MLG, motivos pelos quais as autoridades administrativas portuguesas consideravam os povos Mandjakos perante essa situação de revoltados, muitos perigosos e difíceis de ordenar nas suas terras (MAMADJENS, 2010)¹⁰ (quer dizer de serem dominados por estrangeiro).

O processo da guerra de libertação os povos da religião de matriz Balantas, Mandjakos e Papéis desencadeou grande trabalho. Durante os períodos pré-missionário e os missionário, as sociedades Mandjakos depararam com a dominação sócio religiosa dos muçulmanos e dos missionários cristãos que conseguiram islamizar e *ladinizar* algumas sociedades,

¹⁰ Disponível em: <http://guinebissauonline.blogspot.com.br/2010/05/historia-dos-manjakos.html> Acesso em: 15 nov. 2016.

essencialmente na região norte, os regulados de Pelundo, dominação essa que originou um clima de perturbação e desestabilização na região Norte dos regulados de Pelundo, Bassarel e a antiga Costa de Baixo (atual Canchungo) e facilitou a invasão dos missionários colonizadores. Na região Sul o esforço para aliciar aconteceu de forma vagarosa, houve necessidade de ensinamentos dos preceitos religiosos aos chefes eleitos pelos nativos locais, que logo de primeira se revoltaram. Grande número de mandjakos tinham lugares-chaves (liderança) no partido PAIGC e a maioria eram combatentes (MAMADJENS, 2010), conforme podemos observar no trecho abaixo:

O comandamento dos Manjakos levanta algumas dúvidas: tradicionalmente deveria pertencer ao régulo de Bassarel, Vicente Mendes, mas, Joaquim Baticã Ferreira (régulo de Costa de Baixo), cujo avô fora régulo de Bassarel, era apontado como sendo o chefe Manjaco tradicional de maior prestígio. Este também era membro do conselho legislativo da antiga Província Portuguesa. Todavia António Baticã Ferreira, seu irmão, foi um importante dirigente da FLING. Note-se que os Manjakos islamizados obedeciam ao régulo de Pelundo, Vicente Cacante (em Novembro de 1995 a Vicente Injai). Actualmente, o comandamento dos Manjakos pertence ao régulo de Bassarel, Vicente Nai Mendes, sendo o régulo de Canchungo, Fernando Baticã Ferreira (35) (irmão de Joaquim) uma personalidade com grande prestígio. Este régulo é, em simultâneo, o administrador do sector do mesmo nome. A influência destes dois régulos é extensível a toda a diáspora Manjaca (MAMADJENS, 2010, s/ paginação).

3.2 PERÍODO MISSIONÁRIO DO HOMEM BRANCO

A cidade de Cacheu foi a primeira onde foram construídos os primeiros estabelecimentos portugueses em toda África Ocidental, e também a igreja portuguesa, Nossa Senhora de Natividade (padroeira de Cacheu), a primeira da Costa Ocidental africana e ainda a única memória que mantém as suas cerimónias eucarísticas semanais, realizadas por um sacerdote secular da missão Católica no país¹¹ figuras 7 e 8. Essas imagens são as feitorias do colonizador português na Guiné-Bissau, que servia de segurança contra as invasões de qualquer outra potência no caso dos franceses que já tinham ameaçando a ocupação dessa zona inclusive a zona norte com fronteiras da própria colônia francesas (Senegal) e depois os conseguiram uma zona que é atual região da zona sul do Senegal-Ziguinchor-Casamance, de um lado também para proteger dos nativos que ali incomodavam com a presença estrangeira

¹¹ Disponível em: [file:///C:/Users/Luis%20Fernandes/Downloads/dados_cacheu%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Luis%20Fernandes/Downloads/dados_cacheu%20(1).pdf) Acesso em: 30 out. 2016.

(portuguesa), como podemos ver bocas dos canhões viradas para zonas do mar e para zona urbana.

Figura 3 - Forte de Cacheu, a primeira feitoria portuguesa na África Ocidental em 1588.



Fonte: <http://www.localmoxie.com/images.php?keyword=forte+de+cacheu>

Figura 4 - Igreja Nossa Senhora de Natividade (Padroeira de Cacheu), a primeira igreja portuguesa construída na Ocidental da África, século XVI.



Fonte: <http://www.hpip.org/Default/pt/Homepage/Obra?a=1752>

Como estamos a ver a igreja atual conte com mais de quatro séculos, situada perto do mar que já sofreu várias batidas das marés do mar, nota-se que a igreja se tornou nova, e a posição da igreja perto significava alguma coisa para os colonizadores, devido a competições que tinha na altura; no ocidente cada potencia escolhia o que lhe representava ou a firmava a sua presença, porque as vias sempre são por mares, então essa parecia ao mesmo um segurança que está sempre dialogando com o mar, antes de chegar um barco estranho ela falava “estou aqui” ou “aqui tem gentes já esta habitada”.

Em 1954 havia um regulamento dos nativos das divisões territoriais, política, administrativas da Guiné, Angola e Moçambique em andamento que devia estabelecer seguintes normas: as pessoas que nascessem e residissem nesses territórios são consideradas pessoas que não tinham “educação”, costume particular e de maneira social, não mereciam ser inseridos ou terem privilégios integral do poder legítimo e moral pública e particular dos cidadãos portugueses (MOURÃO, 2009). Segundo Almeida (2004 apud MOURÃO, 2009), os missionários torturavam psicologicamente os nativos, através das intensas e violentas ações de adaptação à cultura dos portugueses, a exemplo da obrigação da religião católica, da língua portuguesa, passando a ser a língua oficial e materna, e a instalação do sistema de educação uniformizada de acordo com o modelo ou padrão Ocidental, ignorando ou desvalorizando as diferenças de produção e práticas dos conhecimentos entre os variados povos e os seus costumes e crenças, a respeito desse processo temos mais detalhes na obra citada.

Segundo a entrevista do historiador Leopoldo Amado (2016), a igreja Nossa Senhora de Natividade servia de lugar onde se convertiam os africanos e chegou a atingir num dia uma quantia de 600 a 800 homens, no século XVI; atualmente é um polo dos fiéis católicos da Guiné-Bissau, onde é feita todos os anos a peregrinação, a partir do mês de dezembro todos fiéis cristãos vão para esse lugar meditar e segundo os mesmo é o tempo de ficar num lugar longe das famílias e outra pessoa conhecida onde fazem orações que possibilitará ou purificará o seu coração e esperar a vinda do Jesus Cristo nos períodos de Natal “nascimento do Cristo”; as pessoas caminham uma distancia enorme começando de uma vila chamada *Kapó* para o centro da cidade de Cacheu, uma media de 12 a 15 quilômetros. O autor ainda ressalta que a cidade de Cacheu passou por crise de alimentos, muitas pessoas que eram escravizadas na sua maior parte morreram por insuficiência alimentar e doenças, e isso suscitou alguns moradores a protestarem contra os comerciantes, que não prestavam atenção aos escravizados, e pelo visto esse período deve ser períodos do século XVII.

Os habitantes locais não terminaram em simples protestos, foram além, escolheram uma pessoa para os representarem junto à coroa portuguesa queixar-se, mas como o mais essencial na época, aliás, até os dias atuais, é lucro. Em resposta, as pessoas que faziam parte do sistema (esclavagismo ou escravista) indeferiram a queixa, justificando que havia essencialmente em primeiro lugar a necessidade de “cristianizar e salvar a alma”, e para que isso acontecesse era preciso que as pessoas fossem escravizadas, e por ano resgatavam uma média de três mil pessoas para escravização¹². Nesse sentido ressalto que a igreja católica e os

¹² Disponível em: <https://www.publico.pt/mundo/noticia/-guinebissau-alimentava-o-comercio-de-escravos-de-cabo-verde-1729883>. Acesso em: 30 out. 2016.

seus missionários tinham como objetivos essenciais nessa região da costa ocidental, enriquecer e desenvolver de forma geral a dita “metrópole” com mão-de-obra barata, e também colonizar as mentes da população local, através de apagamentos de tudo que se refere à cultura tradicional dos autóctones.

Durante o período da dominação, Portugal pouco se preocupava com as instalações (interior da região), até no século XIX, e isso condicionou a perda de uma parte da atual Guiné-Bissau, Ziguinchor (Casamance), em favor do seu congênere Ocidental, a França, região de grande interesse comercial para os portugueses. Neste período Portugal também esteve em conflito com Grã-Bretanha por causa das ilhas de Bolama, o que levou a uma disputa e tiveram como mediador o presidente dos Estados Unidos, na altura, Ulysses S. Grant, a arbitragem foi a favor do Portugal¹³.

Portugal não só não tinha interesse em fixar e penetrar ao interior dessa região, mas sim pela resistência local. A população local nunca aceitou qualquer entrada dos estrangeiros, aconteciam sempre revoltas dos nativos que atacavam as residências das famílias brancas.

No projeto de execução exigente dos colonizadores portugueses sobre as revoltas ou resistência de certos povos autóctones, os colonizadores aplicaram as ações de obediência e pacificação. As comunidades muçulmanas predominavam mais no interior do território guineense, uma das razões é a influência das marés das águas do mar, enquanto as sociedades das religiões tradicionais ocupavam as zonas litorais. Nas comunidades muçulmanas tem um ditado que diz assim: "*iagu dipus di kanela e djanfa*" (se as águas atingiram as pernas já é feitiço) (MAMADJENS, 2010)¹⁴.

Quanto às informações das ações de obediência e pacificação dos colonizadores vêm de encontro com as afirmações postas por Augel (2007), de que os portugueses ao longo dos séculos, isto é, a partir do século XV, principalmente primeira metade do século XX, os mesmos eram vassallos, ou seja, os portugueses pagavam impostos aos guineenses e os demais pagamentos de contribuições impostos aos regulados (monarcas) nos territórios guineenses, essencialmente impostos das suas residências, o que atualmente corresponde a “foro de casa” pagos nas instituições camararias de Bissau e as outras autoridades locais. As instituições que fazia isso ou cobravam impostos eram dos regulados locais, em que era controlado por mordomo.

¹³ Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/guinebissau/guinebissau.php>. Acesso em: 20 abril 2016

¹⁴ Disponível em: <http://guinebissauonline.blogspot.com.br/2010/05/historia-dos-manjacos.html>. Acesso em: nov. 2016.

Os guineenses para terem uma boa vida ou energia vital e inicial recorrem a uma cerimônia de alguns rituais (ebó), um ato de restituição, e os rituais são realizados através dos cultos do "Irãs", dos seus antepassados. Esses cultos são o que podemos chamar de "*guinéndadi*" (ser guineense) e de ter orgulho da nossa pátria amada e também de pertencer a um povo do mundo dos vivos e mortos (MAMADJENS, 2010). Por exemplo, para conseguir um emprego bom, ser injustiçado, sobressair na vida, e também no caso de querer viver fora do seu país natal para fazer os estudos ou procura de vida melhor, resumindo tudo que nos traz uma energia vital e inicial.

No mesmo território dos guineenses da religião de matriz guineense, esse conceito não foi tomado por outros estudiosos, mas sim a partir das minhas reflexões; pretendendo trabalhar com essa noção em vez de usar "animista ou tradicional" que os missionários cristãos faziam de forma básica e ampliando o universo da fé cristã, mas infelizmente as conversões não estavam dando bons resultados ou as metas preconizadas pela igreja cristã não conseguiam fazer a ladinização¹⁵ pura aos nativos, mas sim faziam os nativos perder ou enfraquecer a sua fé nas religiões dos mesmos, o que demonstrava um desequilíbrio dentro da família ou linhagem.

Diante deste sacrifício religioso e a competição entre o Islão e os missionários cristãos, e para os missionários era necessário acabar o casamento ou cônjuge de mais uma mulher por um único homem, eliminar os direitos dos gentílicos (guineenses) quanto mais rápidos pudessem para que eles não conseguissem a revoltar contra as regras cristãs; estender as ordens das regras evangélicas e limitar a noção de fraternidade; acabar com a magia; extinguir os poderes dos *irãs*, as divindades dos nativos e outros espíritos que não sejam os dos cristãos, até que Deus e os preceitos cristãos foram postos como únicos que é existente e benéfico (MAMADJENS, 2010).

Depois de grande embate dos missionários com os nativos, aqueles conseguiram estabelecer os seus sistemas de administração, e nessa organização administrativa dos territórios guineense incluíram as autoridades do poder tradicional na organização política e administrativa de forma geral. Logo no começo dos trabalhos os respectivos regulados, pré-missionários, foram aceitos e considerados como dirigentes das instituições locais, e passando alguns tempos passaram polo (guia) dos missionários junto às populações nativos orientados através das chefias missionários. Muitas vezes os planos não deram certo, porque ficavam em choque com outros chefes de outros postos nos poderes políticos, devidos as divergências nos

¹⁵ Purificação das pessoas na fé cristã

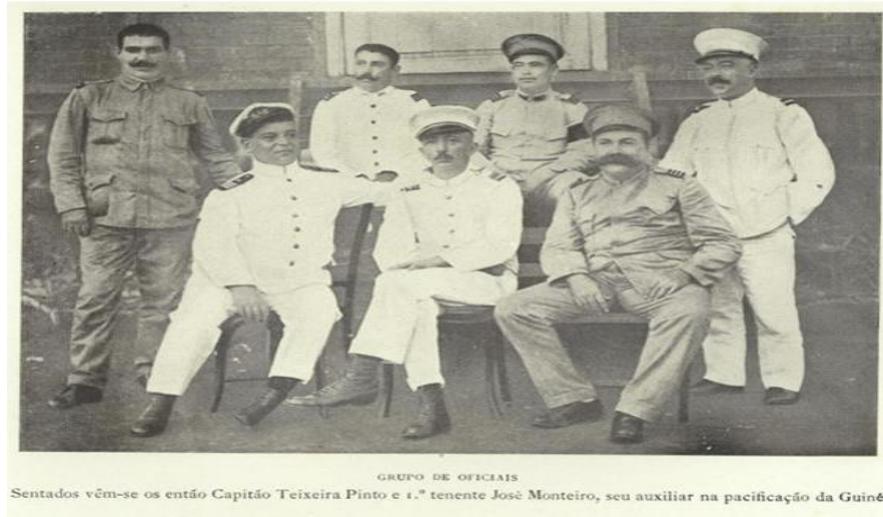
interesses, que se centralizavam nas diferenças dos costumes culturais das sociedades (MAMADJENS, 2010).

Depois de longos anos em conflitos com os nativos, os missionários conseguiram uma tranquilidade em relação aos velhos tempos no século XX, entre os anos 1912 a 1915, com "as campanhas de pacificação de Teixeira Pinto" daí surgiram os resultados de desestabilizar alguns poderes dos regulados como autoridades tradicionais. Pois bem, essa "campanha de pacificação" do Capitão João Teixeira Pinto não é uma campanha bem como foi denominada "pacificação", mas sim é uma errônea, porque foi um período de grande massacre dos colonizadores aos colonos na altura chamados de "Grumetes" que hoje são os nativos ou habitantes do Cacheu e também os papéis da ilha de Bissau. Nessa campanha o Capitão tinha como aliado principal o régulo de Cuor Abdul Injai, que disponibilizou 1.600 homens. Durante o dito "campanha de Pacificação" os colonizadores utilizaram a forças navais; 1.600 homens armados do regulo de Cuor, com 580 atiradores; 425 "Kropatcheks"; 400 armas de espoleta¹⁶ e mais de 100 cavaleiros, então dizer campanha de pacificação é uma errônea, por que não foi dialogo, mas sim as violências, e que terminou no dia 17 de agosto de 1915 (SANTOS, 2011).

A partir de então a administração missionaria criou novos regulados de confiança deles que, muitas vezes, eles não gozam dos mesmos prestígios dos nativos, não eram reconhecidos como autoridades que representavam eles, porque esses regulados já não cumpriam com as normas tradicionais das comunidades, região e familiares, e obedecendo as autoridades coloniais, no caso queriam prestígios de regulados tinham que voltar ao poder e seguir as normas tradicionais locais, daí mereceria confiança da parte dos nativos.

¹⁶ Um dispositivo que produz a detonação de cargas explosivas e projéteis, ou melhor, disparador.

Figura 5: Os oficiais da guerra de pacificação do Teixeira Pinto na Guiné-Bissau, entre 1912 a 1915



Fonte: <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com.br/2011/04/guine-6374-p8057-notas-de-leitura-226.html> Acesso em: 21 nov. 2016.

Outra atitude que podemos notar em relação aos nativos e os regulados que estavam desempenhando algumas funções a favor dos colonizadores, isso não significa que as pessoas que estavam a favor deles os apoiavam. Por exemplo, quando as autoridades coloniais inseriram os Fulas em alguns regulados da região dos mandingas pertencentes às sociedades com modelo horizontal onde todos compartilham os mesmos prestígios (ausência total das chefias). Também podemos constatar isso nas sociedades Balantas, em que esse não entendia que o sistema colonial favorecia as revoltas ou as rivalidades entre os povos nativos e enquanto que o PAIGC aproveitava-se desse processo para inserção dos mesmos que eram contra a administração dos missionários coloniais (MAMADJENS, 2010).

Já com uma administração efetiva dos missionários coloniais, as antigas sociedades ou os tradicionais que viviam as suas vidas de forma ou sistema tradicional se deparam com uma série de problemas culturais fortemente, o que originou fragmentação dentro da família e sociedades, e muitos não conseguiram presenciar dependências mútuas de assimilação dos costumes da europeia. Todas essas movimentações boas e ruins causaram independentemente dos momentos, a desunião ou nesse caso a existência simultânea da obrigatoriedade do "destribalizado com a sociedade tradicional" (MAMADJENS, 2010).

Com distribuição dos povos ou "destribalização" houve grande deslocamento dos nativos por motivos migratórios, das atividades de subsistência, razões étnicas ou religiosas e ainda por razão das guerras entre os povos ou no seu rescaldo, as mesmas populações não encerraram a ideia ou não tiveram a noção de se juntarem de novo como antes e isso os fizeram se separar

dos outros, por exemplo, na zona Norte - felupes, balantas-mané, fulas e mandingas, mas com a exceção dos mandjakos, brames e banhus. Na zona Leste - fulas e pajadincas; e, por fim, a zona Sul - fulas e nalús, exceto as etnias sossos, tandas e beafadas.

Por outro lado, depois de mais de cinquenta anos da delimitação das terras por parte dos colonizadores, as emigrações aconteciam de forma oculta em respectivos grupos étnicos referidas, e para que essas emigrações internas e além-fronteiras acontecer precisava que as pessoas tivessem uma relação étnica, religiosa para garantir a sua estadia no novo território, e nos períodos da guerra de libertação (1963-1974); as emigrações eram por motivos econômicos ou religiosos, também para os centros de recrutamento e preparação revolucionária em Senegal e Guiné Conakry (MAMADJENS, 2010).

As revoltas que aconteciam eram favoráveis às camadas dos jovens da etnia Papel que adaptaram a uma nova cultura estrangeira, devido às dificuldades econômicas que o território apresentava, e não ajudava a essa camada juvenis. Os papéis ocupavam os lugares de chefia, um dos exemplos, é do ex-presidente da República da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, vulgo "Nino" e, nos períodos da guerra de libertação, "Kabi Na fantcham'na". Os papéis povoavam a ilha de Bissau, por motivo das suas relações com os costumes europeias as revoltas armadas não os atingiram. Porém, os colonizadores invadiram as estruturas dos mesmos. O comando das subversões armada estava no régulo de Biombo. Bolama Boticaí Dju, apesar de estar em colaboração dos colonizadores, condenava os atos (MAMADJENS, 2010).

A verdade é que durante esses períodos de missionação houve algumas influências de conversões para o islamismo no caso dos mandjakos de Pelundo na sua maioria, uma aldeia antes da cidade do Canchungo, mas mesmo assim há uma coexistência entre a religião de matriz do Mandjako do Pelundo, do islamismo e do cristianismo. Algumas pessoas praticam a religião de matriz africana e também do Islã, da mesma forma que podemos encontrar os que praticam os rituais dos cristãos e, ao mesmo tempo, os da matriz dos pelundos, a única coexistência que praticamente não podemos encontrar, para não generalizar, é a pessoa que pratica o islamismo e cristianismo, alias, segundo as entrevistas e os narrativos populares dos mesmos autóctones, o islamismo é muito ríspido onde difilmente encontrar as características de tolerância religiosa, para não induzir, mas praticamente, não há, por exemplo, deixar um muçulmano se converter ao cristianismo, mas sim associar islamismo com a matriz.

Quanto ao cristianismo, houve também influências principalmente na cidade de Cacheu e alguns setores da região do mesmo e também as regiões, cidades, setores, secções e tabancas ao nível de todo território nacional da Guiné-Bissau, mas com poucos efeitos porque

os guineenses nunca aceitaram se submeter aos missionários colonizadores católicos, somente o islamismo é que teve um sucesso em relação aos católicos. Relativamente a esses momentos podemos ver mais detalhes em nos períodos pós-colonial os efeitos das religiões ou dos invasores.

Os missionários colonizadores apesar de terem tido um grande projeto social, econômico e político ao longo dos séculos em relação aos outros países que foram invadidos pelos mesmos, com a exceção da Guiné-Bissau, como tínhamos explicado anteriormente, na antiga Guiné Portuguesa, os interesses dos portugueses eram as exploração de forma geral da mão de obra barata, matérias primas que ali comercializadas com os nativos, mas o principal era a captura dos nativos para depois tornassem escravos.

O regime se fazia internamente sem nenhum projeto para o desenvolvimento local, principalmente projetos escolares. Podemos dizer que ainda essa é uma das razões que deixou o país nos impasses políticos e precariedade no sistema de desenvolvimento.

Como podemos ver, já em 1860, havia uma escola na ilha de Santiago denominada São Luis, nas zonas de Barlavento, escola criada pelos missionários, e depois de quase um século a Guiné-Bissau conseguiu uma escola Liceu Nacional Honório Barreto em 1958, atual Liceu Nacional Kwame-N'krumah, dois anos depois da fundação do PAIGC; o motivo da criação do liceu deve ter sido a pressão e já existência dos outros movimentos, por exemplo, o MLG, fundados pelos mandjakos, que mais tarde foram eliminados pelos dirigentes do PAIGC, em contrapartida da ascensão dos mesmos.

4 SETOR DE CALEQUISSSE: VIDA SOCIAL DOS POVOS CALEQUISSENSES

Geograficamente, o setor de Calequissse fica situado na Guiné-Bissau, província norte do país, região de Cacheu ao seu norte, a 100 km do capital Bissau, 28 km da antiga Costa de Baixo, atual Canchungo, e 66 km da cidade de Cacheu. Composta por seções e ainda subdivida em tabancas, sub-territórios, incluindo bairros ou pequenas aldeias, com uma população total de 9.111 habitantes e uma superfície de 120 km². Ao norte tem fronteiras com a travessia do rio Cacheu sob desaguação do Oceano Atlântico, ao ocidente tem fronteiras hidrográfico com o vizinho setor de Caio, ao sul pela tabanca chamada Bará-Canchungo (antiga Costa de baixo) e leste pelo Cacheu, o setor o teve maior história da invasão ou presença dos colonizadores portugueses.

A circunscrição do reino é limitada na zona leste pela tabanca *Catidj*, Oeste *Timat*, no norte pela seção de *Basserar*, ao sul, Este Caió e Oeste na qual a tabanca de *Caiomete*-Caio, composto por dez bairros, a saber: *Kanak'unul*, *Utchak'anëm*, *Kadjis*, *Liam*, *Kii*, *Babatcha*, *Badjendje*, *Batau*, *Barépimn* e *Katatchás*.

A presença dos colonizadores no setor foi marcada a partir do século XX pelos soreanos (portugueses) em 1946, quando construíram quatro feitorias ou edifícios importantes no setor, que são: posto sanitário, comité de estado, posto de registro civil e uma escola denominada “central” também um lugar de santuário para veneração. Calequissse é um setor composto por etnia Mandjako, rico em culturas e uma praia enorme que ainda não foi explorado; tudo que o setor possui ainda não se encontra em exploração, por exemplo, uma mina de areia para construções das obras dos edifícios, praticamente de todo tipo e para fabricações dos vidros; enfim o setor possuiu muitos recursos naturais virgens. O setor é muito sagrado, restringindo assim entrada de pessoas estranhas e com interesses ou fins subjetivos (má fé ou feitiçaria, roubo, corrupção governativas etc), caso do Governo do Estado ou quaisquer que sejam governantes; ao entrar nesse território com esses objetivos ~~a/s~~ pessoas podem morrer, mas logo nos primeiros momentos são os anciãos do setor que dão aviso de não pegar e usar qualquer coisa ou objetos, terrenos e os demais recursos naturais de qualquer valor para os seus interesses e acúmulo de bens etc.

Os mandjakos de Calequissse praticam a mesma religião tradicional de matriz Felupe, que adoravam e até hoje em dia ou dias atuais adoram as suas forças de divindade *Balugum*¹⁷,

¹⁷ Balugum, são os espíritos ou santos dos seus antepassados ou ancestrais, em plural e no singular é Nalugum.

*g'tchāi*¹⁸ e a única divindade suprema *Nacīn Calequisse*¹⁹ que são apologistas da sua religião e do bem, não do mal, caso contrário sob pena de castigos de várias formas e até da morte.

Essa vila é muito sagrada há muitos séculos atrás e ainda continua a ser, e é muito procurada ao nível nacional. Os funcionários do Estado e principalmente os próprios governantes, também os católicos vão à procura de poder para dirigir os postos de serviços, as instituições, melhores empregos, obtenção de emprego por parte dos desempregados, proteção contra malfeitores, cura das doenças, aos que partiram a pé, procura de filhos às por mulheres que têm problemas de parir, proteção contra espíritos malignos etc.

Apesar de ser considerados praticas diabólicas pela igreja ou religião católica a religião tradicional Mandjako continua a predominar, mas algumas pessoas praticam os dois simultaneamente, com um número muito insignificante dos jovens que praticam o cristianismo, raramente ver os adultos e velhos. Há mais de sessenta anos de presença da religião cristã no setor de Calequisse, mesmo assim o poder e a religião matriz continuam a predominar sem nenhum obstáculo das outras religiões estrangeiras (islamismo e cristianismo). Segundo as falas populares dos calequissenses, padre Pierre Michel Gerlier residente em Calequisse, os povos mandjakos adoravam e continuam adorando os seus ídolos, *G'tchāi* e *Nacīn Calequisse* para livrá-los ou afastar dos males, e de os ajudarem a ter uma vida social, econômico, política e cultural na base dos seus costumes e crenças, e crer nessas e outras divindades como do bem e importante para esse povo, e não do mal.

A primeira operação da igreja católica foi no reino de Bassarel em 1946 estendendo as conquistas até ao centro de Calequisse com poucos sucessos. Os sorianos portugueses utilizavam uma estratégia de monopolizar os nativos para as conversões ao catolicismo, mas infelizmente foi sem sucesso, mas alguns aderiam às duas religiões. Ao chegarem o território desse povo, os missionários encontraram da religião e costumes dos autóctones e os consideravam semelhantes ao deles em alguns aspectos, também as populações locais eram e continuam a colocar a tradicional como melhor forma de viver e sobreviver e foram àqueles espíritos que deram até o presente à vida que eles têm e tudo que são é graças a *Nacīn Calequisse*.

Segundo padre Michel, responsável da igreja católica entre Calequisse e setor de Caió, residente em Calequisse, na chegada dos missionários católicos não houve os ensinamentos

¹⁸ *G'tchāi*, espíritos ou anjos e servos/as e intermediário entre *Nacīn Calequisse*, Balugum e os homens e as mulheres na terra.

¹⁹ *Nacīn Calequisse*, a força e Deus supremo da religião desse povo. Digo Deus não no sentido de Deus cristão, mas sim como um “título” a força suprema de uma religião ou povo, e por um lado nome de Deus varia de acordo com a região.

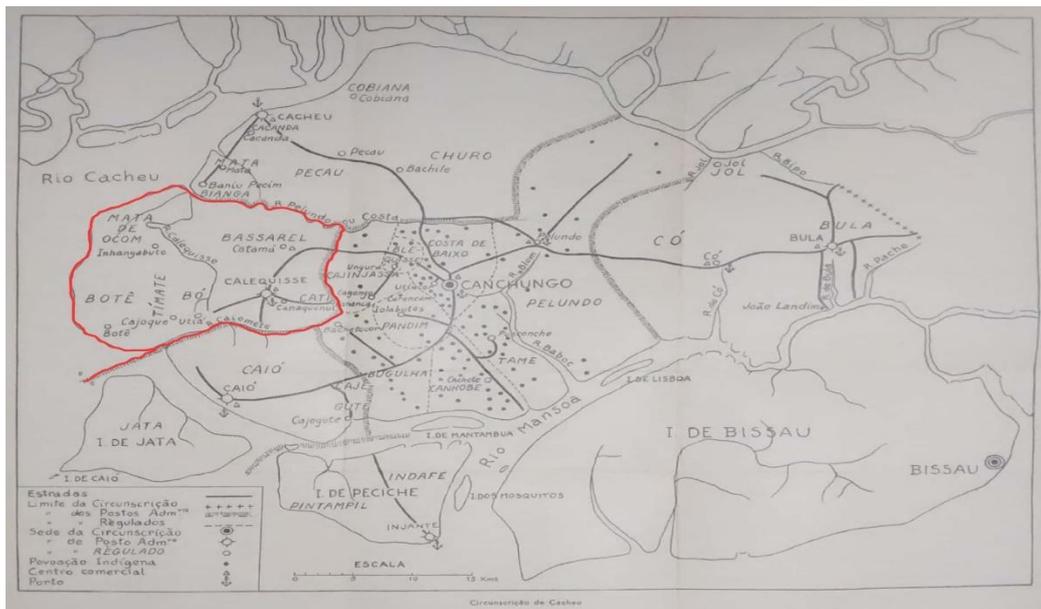
dos preceitos cristãos e nem outro tipo de imposição da parte da igreja católica face ao tradicional, porque eram e até então do bem e isso é um dos motivos de alguns praticarem os dois ao mesmo tempo.

Em 1979 apareceu um anjo chamado “*Quimbuel*” que significa na linguagem dos mandjakos de Calequisse, alguém de cabelo até nas costas, ainda segundo essa mesma fonte a primeira vez que apareceu foi num santuário construído pelos soreanos como podem ver a imagem do santuário; o santo descia esse santuário com intermitência, considerado ou deixando assustadas as pessoas no momento e desviavam do caminho do trabalho, e ainda só falava com as crianças e brincando com elas e não os adultos e idosos. A segunda foi num lugar chamado *Plik Péé* numa tabanca chamada Liam, a terceira foi em *Proontch Kabemn*, a quarta numa aldeia *Bote* e por fim foi no Oceano e nunca mais apareceu.

Todos os deslocamentos que tive foram por causa dos órgãos do poder tradicional, *Bantoi* e *G’kassaf* (anciões e as anciãs ou os/as coroas) e chefes das famílias, que são detentores do poder tradicional, convocaram uma reunião de urgência com a intenção de expulsar o santo, através de *Utchai Kassará* e com *Bkab Kassará*, ao virem pela primeira vez, era um homem branco, mas branco mesmo com cabelos longos até nas costas, aí expulsaram-no; esses *Bantoi* e *G’kassaf* exercem até hoje as funções de conselheiros dos regulados, e são os que deliberam os processos, mas baseando naquilo que foi definido no momento de *Kambatch*, a não ser casos de exceções que é difícil de acontecer, mas também vale ressaltar que atualmente eles inseriram algumas camadas dos/as jovens para participarem na tomadas de decisões e respeitando os preceitos tradicionais.

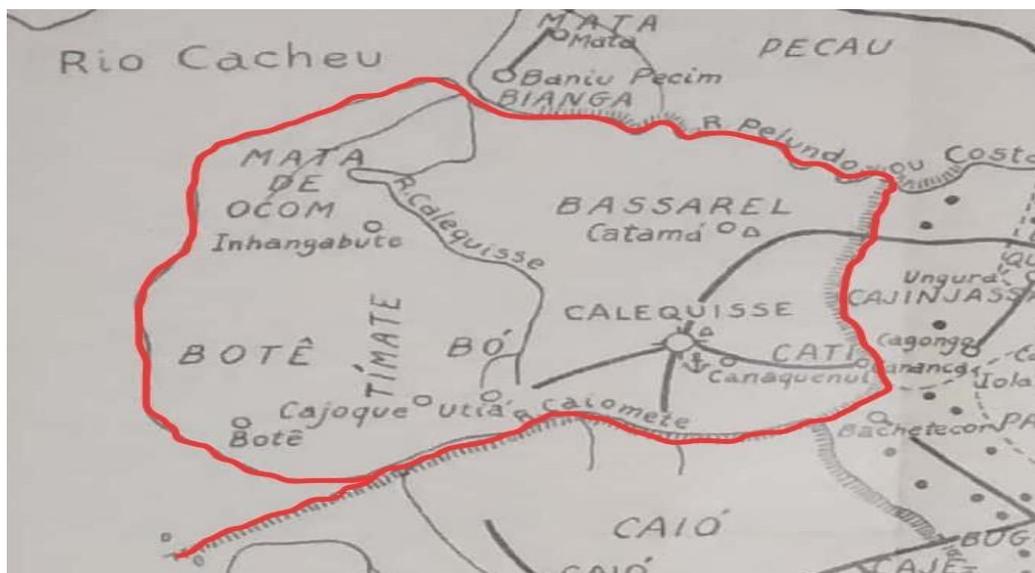
Quando residentes dos três primeiros lugares onde apareceu *Quimbuel* souberam que o anjo está em *Bote*, uma pequena vila em Calequisse, informaram aos responsáveis dessa vila, daí convocaram reunião com urgência e fizeram o mesmo que aconteceu em outros lugares que o *Quimbuel* apareceu.

Figura 6 - Circunscrição de Cacheu



Fonte: António Carreira (1947)

Figura 7: Circunscrição de Calequisse



Fonte: Antonio Carreira (1947)

Figura 8: Posto de administração colonial



Fonte: Cipriano Gomes

Figura 9: Posto de Saúde



Fonte: Disponível em: <http://static.panoramio.com/photos/large/33941323.jpg> Acesso em 18 nov. 2016

Figura 30: Residência do chefe do posto



Fonte: Cipriano Gomes

Figura 41 - Santuário construído pelo soreanos - portugueses



Fonte: Cipriano Gomes

4.1 ORIGEM DOS MANDJAKOS DE CALEQUISSE

Segundo as narrativas dos anciãos autóctones do que hoje é Calequisse, o povoamento desta região é administrativamente considerado setor de Cacheu. No final do século XVII e início do século XVIII a ocupação do referido território foram dos povos de origem Felupes vindos da zona chamado Bôte, situada ao noroeste (NO ou NW) de Calequisse, onde a primeira área que foi ocupada é a tabanca de *Kanakunul* (capital do reinado) e *Liam*, por um lado algumas falas relataram que são provenientes do atual seção de Calequisse, Basserar, Caió (setor vizinho da zona fronteira Nordeste), Bugudjamn e Kadjukit (ambos os povos mandjakos, seções de Caió) em particular. Particularidade essa que limitou a soberania do

poder do regulo de Calequisse em certas tabancas como Kanakunul (capital e residência do reinado), Kadjis, Babatcha e Batau. Kii e Barepimn sob domínio do regulo de Basserar, o mesmo regulo que nomeava os chefes dessas duas tabancas, enquanto que as tabancas de Liam, Badjendj e Utchakanm eram autônomas e Katatchás independente.

Essa mesma fonte, no reinado do terceiro regulo de Calequisse “Djolass ou Daulats” em 1945, data o qual chegou António Carreira no quadro de Secretário Administrativo e mais tarde administrador do setor de antiga Costa de Baixo, sede administrativa entre 1950 a 1958, do qual Calequisse fazia parte da segunda circunscrição administrativa colonial. Incluiu os seis tabancas autônomos (das divisões do reinado de Basserar e outro independente), através dos pagamentos dos impostos obrigatórios, onde somente os quatros tabancas do reinado de Calequisse dependiam diretamente. Foi confiado o poder de recolher os impostos de todas as tabancas pelo administrador colonial, devido à centralidade do reinado em relação às outras tabancas ²⁰.

Vale ressaltar que segundo o administrador de antiga Costa no seu livro intitulado *Vida Social dos Manjacos*, Basserar era um reino onde residia o régulo dos régulos de norte ao sul, detentor de poder da entronização dos regulados do Brame Grande (atual território de Bula) e Brame Pequeno (atual regulado de Cói), enquanto que os papéis davam pouco interesses ao régulo do que os mandjakos, devido à conjuntura da Ilha de Bissau, em que os “gentios” da mesma não têm a persuasão das reinarças e das outras vantagens de ocupar um alto posto de serviço com “valor e numero que se nota entre os manjacos” (CARREIRA, 1947).

Antes do ano 1900 a população de Calequisse conheceu a primeira emigração quer interna ou fora do seu território e nacional guineense através das obrigatoriedades dos processos da escravatura, ou seja, era motivo da emigração. Quando vinham os barcos a vela, os veleiros desciam no porto da Liam em busca das pessoas para se escravizarem. As internas foram depois de muitos anos do processo da escravatura, quando a população era confrontada com a falta das terras para cultivar dos produtos e para as atividades comerciais, a emigração era em direção as zonas com condições favoráveis a fixação, no caso de Bissau.

A partir do inicio do ano 1900 os motivos da emigração eram outros já diferentes ao dos dois primeiros, com destino a zonas da sub-região em Casamance (atual região do Senegal e antigo território guineense bissauenses), Dakar e a Gâmbia, depois da Guiné Conakry e a Mauritânia. Referente à região de Casamance, dava-se ao desenvolvimento da

²⁰ GUINÉ-BISSAU, setor de Calequisse-Cacheu, Fevereiro 2011.

cultura de amendoim devido às condições econômicas, também as razões sociais eram motivadoras da deslocação, trabalhos forçados impostos pelos colonialistas portugueses e também trabalhos obrigatórios no campo da família reinante (régulo).

Cada família tinha que enviar em cada semana um ou dois dias pessoas robustas para trabalhos do campo do régulo e trabalhos forçados dos colonizadores. Já no século XX a situação é ao contrário, período em que as pessoas de outras regiões da Guiné-Bissau, por exemplo, Biombo e Bafatá, também das zonas de sub-região Casamance, Mauritânia e da Guiné Conakry. Todas essas razões incentivaram a maior número dos nativos fora dos seus territórios em relação aos que estão no setor, e a maior saída ou emigração dos Calequissenses foram para Casamance e daí que conheceram outros universos da África, da Europa e América (Ocidente-França, Portugal, USA), no final do século XIX e início do XX²¹.

Nas emigrações internas causadas por razões dos melhores lugares favoráveis a fixações. No que tange as questões econômicas, atividades comerciais dos produtos e também terras para cultivo, são motivos das deslocações dos meus avôs paterno e materno, vulgos N’toni Ulont e Lorés Btchés, na ilha de Bissau, capital da Guiné-Bissau, que depois foi confrontado com a política dos estatutos de assimilação da igreja católica, que considerava os nativos aculturados de assimilados e também podiam gozavam das normas de população. Os considerados “pagãos” (os que não converteram ao catolicismo e não cumprem os preceitos da igreja católica), algo que levou o catolicismo a imprimir alguns valores dos autóctones. Porque ambos “convertidos” passaram a ser chamados e registrados com o de primeiro se chama de António Pereira que dantes tinha sobrenome de *Mankua* (que significa tenho vergonha de não cometer erros contra humanidade), ao passo que o segundo passou para Lourenço Fernandes, também sobrenome era *Kassakey* (são famílias de Ferreiros ou fogo, considerado muito sagrado, o que na igreja Católica consideram de Espírito Santo, também sagrado).

4.2 GÊNEROS: ESTATUTO SOCIAL DOS HOMENS E DAS MULHERES DE CALEQUISSE

Segundo as narrativas populares do povo Mandjako, desde os primórdios até pelo menos as minhas vivências dentro da comunidade calequissenses, à qual pertenço, prevalecem

²¹ GUINÉ-BISSAU, setor de Calequisse-Cacheu, Fevereiro 2011.

mais os homens nas questões dos direitos públicos e privados, porque segundo as normas que regem essa sociedade, os que ocupam campos políticos e sociais mais destacados são os homens, enquanto que mulheres são vistas nas ocupações da casa e certos espaços de forma muito limitado; por exemplo, nas tomadas decisões quando assuntos são amargosos, nos períodos de *kambatch*; a participação das mesmas se vê na cozinha, ou nos lugares não amargosos, no trabalho de campo (agrícolas); algumas decisões da casa e na família “(menos importante)”, danças num lugar chamado *pbomamn/bani*²² distante do lugar onde os *Bafuók* (iniciados) ficam que é dentro do mato amargoso, nem se quer que elas saibam das mínimas condições dos filhos, netos, sobrinhos, esposos que se encontra nesse processo.

As mulheres são pouco vistas nas instituições do poder tradicional ou da classe dos nobres, salvo a esposa do regulado, as primeiras, de regulo e dos sacerdotes, nomeada de *Namaka*²³, na esfera das autoridades da política tradicional temos *Na Mëntch*, *Namaka*, *Mantik*²⁴, *Ba Mëntch gn'tab*²⁵, *Naiék Kabuka/katô*²⁶ e *Ubandamn*, enquanto no mundo dos sacerdotes considerados intermediários entre os seres humanos e *Naciñ Calequisse* e as outras divindades, isto é, poderes místicos dos espíritos e gênios que são os *Nandjam Blék*, *Namanhamn*, *Napéné*, *Nanguram*, *Natchungamn* etc, todas classes de realeza e sacerdotes as mulheres são excluídas e não podem ser entronizadas em qualquer uma dessas, a não ser em subterritórios, razão pela que elas não são e nem podem ser *Bafuók*, motivos desconhecidos e que talvez pode ser uma construção da sociedade, mas as questões podem ser mais profundadas (não é o foco deste trabalho).

Nas questões de cônjuge, o homem pode cometer um adultério, mas isso pode acontecer só com mulheres solteiras e o homem pode ser casado; no caso das mulheres, são as solteiras que podem se envolver com homens solteiros. Os homens têm possibilidade de casar com mais de uma mulher se quiser, no sentido da sua dona de casa não acumular as tarefas domésticas e controlar melhor o patrimônio do marido, que não se limita ou enquadra nas políticas de capitalismo, mas sim dentro do quadro da filosofia de ancestralidade, que inclui de lado o dos familiares, enquanto que as mulheres não podem fazer. No dia de casamento tem um ritual logo na entrada da casa do seu noivo, ela presta um juramento, compreendido em ritual, onde os animais domésticos são sacralizados, e a noiva perante o seu noivo e os

²² Lugar do culto ou cerimonia de Kassará.

²³ Primeira esposa de qualquer casamento, caso o esposo tiver mais de uma mulher ou aquela única esposa, mas também refere à esposa ou primeira dama do *Na Mëntch*, dos sacerdotes e dos responsáveis ou chefe das famílias.

²⁴ É o conselheiro do regulo.

²⁵ Regulados das tabancas.

²⁶ Chefes de família.

familiares do seu esposo e dela, juram absoluta fidelidade e se por ventura cometer atos contrários contra os princípios de cômjuge, as forças invisíveis (divindades sobrenaturais) lhe condenam de acordo com as suas infrações e os preceitos dos ancestrais.

Esses traços ainda são presentes nas mulheres pertencentes a essa sociedade e muitas vezes o marido emigra procurando melhores condições de vida e a esposa fica esperando ele até quando voltar e sem ter relação com qualquer homem, mesmo que ele estiver dez anos longe dela; caso ela cometer as infrações e quiser salvar a sua vida, ela tem que chamar um responsável da família antes de entrar no lar do seu casamento para confessar adultério cometido e daí tem que ser feito um ritual compreendendo de novo um animal doméstico para lavagem ou purificação e depois de tudo ela pode entrar no lar e voltar a deitar na cama dela e o marido; caso contrário, se ela entrar no lar até deitar na cama, será a perda de vida dela por um período curto.

Os casais quando o marido pretende emigrar, vão para um *Utchai* prestar um juramento em que cada um pede que não sentisse atração por outro/a homem ou outra mulher, no caso do homem o seu pênis não levantará para outra mulher a não a sua própria esposa e vice-versa; no caso da morte do marido, a mulher pode casar de novo com um dos irmãos do seu esposo, para continuidade do mesmo sangue; mas se for a mulher que falecer o esposo escolhe quem ele quiser e pode ser de qualquer família.

A dominação das mulheres se verifica mais quando filhos têm problemas de saúde emprego ou emigração; quem cuida desses assuntos são as mulheres e depois em parceria com os homens no caso dos rituais nos lugares sagrados, e também nas realizações das festas da colheita os principais protagonistas são as mulheres; também quando um homem se prepara ou está num processo de se tornar num *Napéné* a mulher é muito importante nesse processo, principalmente a sua primeira esposa que está junto com ele; no caso dos que se casaram mais de uma mulher, aí nos potes sagrados dentro da casa do pai do santo a esposa tem uma que fica sob-responsabilidade dela, mas só dela mesmo.

Depois da realização da cerimônia do casamento, já os casais moram juntos e, se por acaso tiveram um problema e por mais que seja grave, seja cometido por marido ou esposa, principalmente quando for erro da mulher o marido não pode expulsar ela da casa e muito menos pegar nas coisas dela jogar fora, e também a mulher por mais que esteja se sentindo prejudicada com o problema, ela não pode abandonar o casamento.

De um lado ela pode sim, porque ela é livre para fazer as suas escolhas, mas só que se depois ela quer voltar para o casamento ela precisa fazer cerimonia nos *Balugum* e *Nacim Calequisse* para depois voltar, dependendo do gênero ou tipo de problema e de forma que ela sair.

Nesse sentido a sua volta dependerá dos resultados das entidades sagradas referidas onde as cerimônias de regresso serão feitas. Ao fazer essa cerimônia os casais precisam da presença de *Naiék katô/kabuka*.

Ele pega num galo e faz o ritual questionando os *Balugum* e *Naciñ Calequisse* sobre o assunto, e aí o galo é dividido em cinco partes dispostas em forma de cruz, entre os quais o meio, ou melhor, encruzilhada. O sacerdote deixa essa parte do meio para toda sua família, amigos, parentes, e o seu lar, porque a encruzilhada é um lugar da restituição e de encontro, onde as energias vitais são destruídas, a encruzilhada mostra que a distribuição não é de forma vertical ou horizontal, mas sim ambas, por isso que tem várias portas ou caminhos a volta e ainda todas abertas.

Vertical e horizontal, porque a pessoa recebe as energias vitais através das divindades que estão acima da terra e horizontal por via de outras pessoas. Se uma das partes mencionadas nos intestinos do galo for limpa (branca) sem uma macha preta nos lugares que a pessoa tinha referenciado como ponto para indicar o que quer saber, se for preta em uma ou todas as partes, mas dificilmente acontece de todas as partes ficarem preta, literalmente na língua Mandjako dizem “*adjimne/udjinal*” se traduz “preta”, na maioria dos casos fica *ufatchal*, branca. Daí ele/a tem que ir junto ao *Napéné*, quando ficou *udjinal/adjimne* (preta) para mais informações e detalhes até que tudo fica claro se pode voltar ou não, da mesma forma será feito em *Naciñ Calequisse*; caso não seguiram esses procedimentos, os ancestrais e *Naciñ Calequisse*, pode até não abrir as portas para a pessoa, em situação de que não fez por falta de saber, e se for por negligência pode acontecer mal com essa pessoa, porque foi ela que resolveu sair por sua livre vontade; se o marido a expulsou da casa, também terá que seguir os mesmos procedimentos e se não fizer assumirá as consequências futuras. Se a saída ou expulsão da mulher foi incentivada por alguém, esse alguém terá que fazer a restituição (*kabol*) em *Naciñ Calequisse*, por ter cometido *kadjubamne* (pecado) e se não fizer pagará por seus atos.

E é importante ressaltar que as penas não são executadas por uma pessoa, mas sim por *Naciñ Calequisse*, *Balugum* e *g'tchai* (gênios benignos), e ninguém pode fazer justiça com as suas próprias mãos e nem pode chamar uma pessoa de feiticeiro(a) e tirar vida a qualquer ser humano.

4.3 AS RELIGIÕES ESTRANGEIRAS

Durante os períodos pré-coloniais, tratando das invasões e penetração do islamismo na Guiné-Bissau, a antiga Guiné Portuguesa foi ocupada pela primeira vez segundo a história pelo império de Gana a partir do século V; nessa época não existiam as invasões religiosas no continente africano, mas sim ocupação dos territórios na ampliação dos reinos; tudo indica que ninguém sentia que tinha uma religião diferente do outro, ou melhor, não se verificavam as questões das hegemonias religiosas ou de culto aos seus antepassados, e que as questões da supremacia religiosa começou da conquista da Hégira (era muçulmana) a partir do século VI a VII, nos anos 570 a 632, a fuga do Moamé, de Meca para Medina que aconteceu no ano 622 (d.C.), marcando assim o início da era muçulmana, daí começaram as conquistas e invasões da religião muçulmana.

Depois de séculos VI, a invasão atingiu o território guineense por império de Mali até nos de Gabu (antiga região conhecida por “Novo Lamego”), os seus últimos vestígios foram no século XVIII após os Fulas do império de Gabu se alaiarem aos portugueses para dominar os malianos que eram predominantes da região, e mais tarde os fulas foram dominados pelos seus aliados, colonizadores portugueses.

A região de Cacheu concretamente o setor de Calequisse, terra onde os mandjakos são predominantes e se consideram como terra dos mesmos, foi invadida pelos seguidores das doutrinas mohametas, nessa altura segundo a história da ocupação dessa terra pelos outros povos mandjakos de *Basserar*, *Bugudjamn*, *Kadjukit* e dos Felupes de Bote no final do século XVII e início de XVIII que tornará mais tarde conhecido como Calequisse, mostrando assim a impossibilidade dos calequissenses sofrerem com a invasão islâmica, mas a partir do século XX terá companhia dos colonizadores portugueses e dos missionários, que segundo os relatos ou as narrativas dos autóctones no início a presença dos colonizadores, em Calequisse, foi de forma brutal, todavia quando houve a resistência por parte dos calequissenses fez com que mudassem as estratégias, negociando com estes; desse modo, os nativos deixaram-nos habitar nesse território. Além disso, é importante ressaltar que há duas razões que os fizeram optar pela via das negociações: primeira, o território é muito sagrado, de modo que ninguém entrasse lá de qualquer jeito, sobretudo as pessoas invasoras e as imposições religiosas, por ser protegido por forças das divindades sobrenaturais (*Mbós Calequisse/Nacìn Calequisse*, *Balugun* e *g'tchai*) e a última é estrutura social pelos mandjakos encontrados pelos colonizadores e missionários, como podemos ler nas afirmações de António Carreira:

[...], a verdade é também que o indígena possui uma categoria de bens para a qual não encontramos enquadramento no nosso direito. De resto, em todas aquelas classes encontramos bens próprios e definidos, inexistentes nas regras estipuladas pelo Código Civil Português (CARREIRA, 1947, p. 13).

Essa sociedade se encontrava organizada antes da presença do colonizador, e outra razão principal é que essa terra desde os primórdios é muito sagrada em todos os aspectos e principalmente quando se trata da imposição ou invasão das pessoas e religiões “estranho-estrangeiras” e os seus preceitos religiosos, “consuetudinário”, ou seja, habitual, eram e até os dias atuais consideradas como “dogma” para os autóctones e é irreversível para qualquer sacerdote.

Quanto às pessoas estranhas, os preceitos são legislados durante os períodos de *Kambatch* que acontece praticamente durante três meses e as próximas legislações acontecem num período mínimo de vinte ou vinte cinco anos; seria impossível a população de Calequisse se submetesse a outros costumes, principalmente abandonar culto a *Nacìn Calequisse*, aos *Balugum* e *g'tchai*. Por fim o terceiro e ultimo, se os mandjakos de Calequisse são descendentes dos Felupes, segundo Acosta-Leyva (2016, p. 18), Augel (2007, p. 51-52), Costa Silva (2011, apud ACOSTA-LEYVA, 2016), M'bokolo (2012 apud ACOSTA-LEYVA, 2016), J.D. Fage (2010 apud ACOSTA-LEYVA, 2016) abordando sobre a morte do nobre cavaleiro Nuno Tristão no Rio Geba por grupo dos nativos da mesma região, e ainda segundo Eanes Gomes Zurara (1948) Nuno Tristão foi morto depois de “60 léguas” das Ilhas de Cabo Verde. A partir desses levantamentos, cabe inferir que ele foi morto pelos Felupes, que depois vão ocupar a área ou território hoje Calequisse então valia pena os colonizadores submeterem ou entrarem por vias pacífica?

Hoje, aliás, desde a sua povoação, o que acontece em Calequisse é muito contrário ao que acontece em outros lugares como em Nigéria com o povo de Ibo, segundo Achebe, em *A flecha de Deus*; os brancos quando chegaram à África mudaram os costumes diários e religiosos, mas focaram mais nos povos nigerianos da tribo Ibo, da região de Umuaro, que depois ficaram perdidos sem saber para onde vão ou do que vão acreditar, porque o Ezeulu sumo-sacerdote, porta voz e governante “político” da aldeia, mandou o filho dele para apreender a nova religião dos brancos (ACHEBE, 2011).

Para Ronaldo Vainfas e Marina de Mello e Souza, a chegada dos homens brancos no continente africano, considerando que era os seus ancestrais que morreram e voltaram, como todo poderoso e detentores de todo os segredos ou cerimoniais e, que só podiam assistir os iniciados, e isso faria a religião africana ficar mais fortes e poderosos dentre as outras

(VAINFAS; SOUZA, 1998); em Calequisse tem um caso quase idêntico, em 1979 na Praça de Calequisse onde foi construído um santuário pelos soreanos-portugueses, segundo a narrativa da população e do regulo, desceu do Céu um anjo branco e é homem com cabelos compridos até as costas, o qual foi colocado o nome de *Quimbuel*, que significa na língua Mandjako de Calequisse alguém com cabelos até as costas, só que esse anjo não foi recebido com festas e admiração; a população expulsou o anjo através de *Utchai Kassará* até o seu ultimo lugar que é no Oceano, e nunca mais voltou.

Com todas as políticas dos missionários de lavagem de mentes e de aculturação, os calequissenses continuam resistindo aos preceitos católicos, e até então não foram registrados centros de formação religiosa que poderiam talvez desestabilizar algumas atividades religiosas de matriz dos mandjakos de Calequisse. O que notei durante instalação da igreja católica na região é a submissão da igreja católica a algumas realidades tradicionais daquele local, por exemplo, a colocação da representação física da alma feita de acordo com os costumes locais logo na entrada da igreja no lado direita, isso é em todas as igrejas ou pequenas capelas construídas pelos missionários.

O primeiro missionário que chegou à Calequisse foi o francês Pierre René des Déserts (francês) em 1979-1985; e de seguida estiveram muitos dentre os quais: Pierre Buis (francês), 1979-1988; Pierre Michel Gerlier (francês), 1985-1996; Padre Aqilini Mréma (Tanzânia), 1996-2002; Padre Nito Chatuvica (Angola), 1998-2000; Padre João Battista Rodrigues Barros (cabo verdeano), 2001-2002; Padre Manuel Semedo (cabo verdeano), 2006-2012; Pierre Michel Gerlier (francês), 2007-2018; Padre Martim De L'Allégresse Tonguino (Guiné Conakry) etc. Atualmente o responsável pelas igrejas católicas entre Calequisse e o Caió é o Padre Michel (francês) a sua segunda missão aquela região, residente em Calequisse na tabanca de *Badjob*, situada a 5 km a centro de Calequisse e ele já fez mais de vinte anos, alegando que “Deuses” de Calequisse são santos e não são satanás, ao contrario do que muitos dos missionários católicos dizem, também nos que já estiveram em Calequisse dizem o mesmo e por cima de tudo eles comem as comidas nas cerimoniais. E quanto a chefes de posto, na altura eram denominados assim “Chefes de Posto”, e o primeiro em Calequisse foi João Henrique em 1945; segundo Raúl Pereira em 1954 e o último João Saraiva de 1958-1959, afirmou atual regulo de Calequisse Simão Mendes e depois disso ele acabou de se emigrar para França de onde ele ficou por muitos anos.

Figura 52 - a imagem da capela e a representação física de alma (Balugum/Ancestrais) e também do Padre Michel



Fonte: Nicolito Linda Fernandes

4.4 USOS E COSTUMES DA VIDA SOCIAL DOS CALEQUISENSES A PARTIR DO SÉCULO XVII ATÉ OS DIAS ATUAIS

Os mandjakos de Calequisse passaram por várias etapas da sua evolução como qualquer sociedade do mundo, mas as realidades diferentes de acordo com os costumes e a cultura local. Segundo Antonio Carreira (1947), esse povo passou por etapas de: “Nômade, fase coletora ou pastoril, de horda, clã ou tribo, rural, hortícola ou agrícola, etc”. (CARREIRA, 1947, p. 89).

A sua organização social é fundada na filosofia, ou melhor, o seu modo de vida é, pois baseado na filosofia de pertencer ao mesmo sangue, que é também a mesma usada pelos cristãos em que tudo começou com Adão e Eva; descendentes dos mesmos antepassados, que resulta em terem os mesmos costumes e professar a mesma religião e um único protetor supremo *Mbós Calequisse/Naciñ Calequisse, g'tchai* e *Balugum* e de todos crerem e cultuarem esses protetores supremos; não são “animistas, selvagens ou plantas e arvores ou coisas” segundo mencionou ou explicou António Carreira, 1947, p. 89), por isso faz sentido em não concordar que os mandjakos de Calequisse ou de forma geral os mandjakos são de “religião animista”, pois, essa sociedade não conhece o conceito ou nome dado pelos homens brancos, porque dantes, falo da chegada dos colonizadores portugueses, porque até então o setor de Calequisse não conhece a invasão do mundo islâmico, em Calequisse ninguém entra para conversão ou islamização dos nativos sob pena de ser morta ou castigado por *Naciñ Calequisse/Mbós Calequisse*.

Quanto às plantas, hoje em dia a ciência que é considerada uma das etapas mais importantes no mundo moderno se beneficia praticamente dessas plantas “ditas por eles selvagens” como a noção de que é uma coisa que não presta, mas no campo da medicina são usadas para as curas das doenças, e para os mandjakos e essencialmente de Calequisse; os calequissenses fazem curas de muitas doenças que ainda a ciência não consegue curar e algumas ameaças às sociedades “ditas civilizadas”, por exemplo, febre amarela (hepatite B), trombose, paludismo (malária), constipação ou gripe etc, enquanto que em setor de Calequisse isso é uma coisa muito normal em que mesmo uma criança a partir de catorze para cima e até às vezes menores ainda fazem os tratamentos dessas doenças praticamente essas crianças são auxiliares ou fazem porque os pais ou um familiar que é *Napéné* ou *Natchungamn*, através de *itó bm'paia*; *m'tamarina*; *m'kër m'djankal*; *itó m'némélé m'ai*; *bimbip* e entre outros que servem para curar muitas doenças que muitas pessoas são praticamente isoladas nos hospitais no Ocidente e nas Américas do norte etc.

As árvores são as que nos ajudam transpirar um ar puro ou natural, também faz com que há muita chuva que é essencial nos nossos trabalhos de campo; vários frutos da chuva que usamos e beneficiamos de forma direta e indiretamente nos nossos cotidianos, resumindo, árvore é medicina, por exemplo, faz sombra para descansar, produção de carvão para cozinha, canoas para pesca e produção dos remos, outras árvores são usadas para as pessoas que têm problemas de falta de sangue, outras para a madeira de construção das casas, também as árvores ajudam na preservação do meio ambiente e aquecimento climático e inúmeras coisas que não cabe explicar ou detalhar nesse trabalho. Com tudo isso seria uma ignorância não cuidar tanto dessas plantas e árvores ditas “selvagens”, se bem que são partes da nossa vida e do dia a dia a nossa vida depende desses árvores, nos dão ar que respiramos e alimentos que alimentamos para nossa sobrevivência, nos dá as sombras onde repousamos, então seria necessário cuidar e proteger essas partes da natureza que proporciona a nossa vida.

Proteger essas plantas ou árvores era uma das formas que os nossos *Balugum* ou *Badjomn* (antepassados ou ancestrais) fazem como forma de resistir aos colonizadores e também valorizar a natureza, porque não precisavam, aliás, até então de alguns serviços dos homens brancos, no caso de ir hospital, consumir produtos industrializados por causa de fragilizar a saúde e muitas doenças até para os jovens.

Ainda dentro da sociedade dos calequissenses podemos encontrar os traços familiares anteriores das suas fases antigas todos têm mesmo sangue, mesma religião e costumes. Nos costumes desse povo podemos ainda encontrar o culto de veneração dos *Balugum* que é muito antiga e considerada pelos invasores de práticas diabólicas, mas que ainda todos mandjakos

continuam venerando mesmo os que foram islamizados; por exemplo, Mandjakos de Pelundo praticam cultos tradicionais, e ao mesmo tempo eles praticam *ka las pumm*, *kambatch*, *ka lump di katulam ptchap*, *ka tulam G'tchai*, *ka ró ibol*, *bkuis*, *Bpéné*²⁷, *Unguramn*²⁸, *Umanhamn*²⁹ etc, que desde períodos pré-islâmico e pré-colonial os povos mandjakos praticam e continuam sendo feitas até hoje.

4.4.1 Mundo sobrenatural e natural

Na sociedade dos mandjakos de Calequisse não existe a divisão entre os conceitos do mundo natural e sobrenatural, o sagrado e leigo, cultura e religião, e entre papável e abstrato. Apresentando um mesmo cerne, mas com “raios diferentes”. Acreditam em dois mundos, o invisível e o visível:

4.4.1.1 Mundo sobrenatural (invisível)

Naciñ Calequisse – literalmente Rei de Calequisse, mas num sentido geral e mais amplo, Deus de Calequisse, o nome “Deus” não se trata de Deus católica, mas sim como um título.

G'tchai – são Espíritos (Gênios), considerados bons e maus, que também segundo os ancestrais, presidem os destinos das pessoas.

Balugum – são nossos ancestrais, considerados bons, que guiam e protegem as nossas vidas e destinos, de acordo com os nossos atos ou ações na terra e no mundo dos mortos.

Umdjumpôr – serpente. Segundo as falas do povo calequissenses, baseando na sua cultura, existem bons e maus, mas que geralmente são considerados bons, antigamente em cada

²⁷ Bpéné, um ritual que torna a pessoa sacerdote com poderes sobrenaturais de detectar ou identificar os atos do mal e da feitiçaria que ameaça a vida e cotidiano das pessoas na comunidade local e também lugares do planeta. A pessoa que fez esse ritual passa a ser chamado de Napéné (singular) ou no caso de muitas pessoas Bapéné (plural). Na sociedade Mandjako de kalëkis, as mulheres não podem ser Napéné, porque elas não fazem parte de Kambatch (iniciadas na mata sagrada – Naciñ Calequisse).

²⁸ Unguramn, kabol de entronização para se tornar Nanguramn, a pessoa responsável dos rituais da cerimônia fúnebre, desde vestuário do cadáver até na sua última morada, e também nos dias de Kakau (dia dos defuntos). Kakau é o dia em que as pessoas fazem limpezas nas sepulturas e depois fazem comidas nas *psukar* (panelas feitas através dos processos da olaria) e levam também pôt pfatchal, o essencial para qualquer ritual, levadas nos Balugum fazendo oferenda aos seus ancestrais.

²⁹ Umanhamn, também ritual de entronização para se tornar num sacerdote máximo do lugar mais sagrado em kalëkis, Naciñ kalëkis, e dos demais rituais de restituições.

família ou casa familiar, os nossos ancestrais guardavam ou a família tinha que ter um *Umdjumpôr* ajudando também no crescimento da família de sentido positivo e geral, por exemplo, nas agrícolas, cria dos animais, principalmente nas restituições das famílias.

Pissi – espíritos/gênios maus.

Nandjangurunm – espíritos/gênios maus.

4.4.1.2 Mundo natural (visíveis - poderosos na terra)

Poder administrativo tradicional:

Na Mëntch – Régulo

Namaka – primeira esposa de qualquer casamento, mas nesse caso estamos referindo a esposa do régulo, que considero como chefe do gabinete do régulo.

Bantoi – Anciãos. Geralmente desempenham papel de conselheiros do régulo.

Namomn/Bamomn – Mordomo, aquele que administra bens do regulado ou reinança.

Ba Mëntch – régulos das tabancas/moranças/bairros, poder político igual a um prefeito, se pensarmos Calequisse como um país.

Ubandamn – porta-voz.

Naiék katô – responsável pela família ou o mais velho em casa.

Poder sacerdotal:

Amanhamn Naiék – Sumo Sacerdote. Primeiro responsável de *Nacîn Calequisse* e outros lugares amargoso/sagrado para as cerimônias (ebó ou restituições). Refere-se a espaços masculinos.

Bamanhamn – Sacerdotes (nome plural) dos lugares amargoso/sagrados (espaço masculino).

Natib-Plü-Utchäi – Responsável da linhagem que corta ou dá início à limpeza do lugar amargosa/sagrado para o ritual da iniciação.

Nandjam Blék – segundo responsável pelos iniciados e de lugar onde decorre o ritual de iniciação nos momentos e não do ritual.

Napéné/Bapéné – Vidente/s ou o/s interpretador(es)/intermediário(s) entre *Nacìn Calequisse*, *Balugum* e *G'tchäi*, também detentor dos feiticeiros e atos de feitiçarias, aliás, tudo que é sobrenatural.

Natchunkamn/Batcunkamn – Curandeiros, não só fazem curas por meio das rezas e benções, mas também através das ervas, de caule mole ou que pode ser mastigado e, de caules não tenros.

Nanguramn/Banguramn – Coveiros, pessoas que cuida/m das cerimônias fúnebres e cemitério, por exemplo, vestir cadáver, lavar, em suma são responsáveis dos rituais do cadáver desde a morte, funeral, dia dos finados, e os demais rituais.

4.4.1.3 Lugares e cultos Uimamn (sagrado ou amargoso) e não Uimamn

Os calequissenses como qualquer outro povo da Guiné-Bissau, da África e do mundo com as suas crenças religiosas, como a religião de matriz Mandjako de Calequisse, fazem os seus cultos ligados à natureza nos lugares julgados propícios *Uimamn* (sagrada ou amargosa) e lugares *udjöbe* (doces ou não amargosa de poucas exigências para entrar e praticas de alguns rituais, em relação aos lugares sagrados). Tem como principais cultuados/as *Nacìn Calequisse*, *G'tchäi* e *Balugum*. Mencionar os lugares de cultos sagrados e não do setor de Calequisse é um campo muito vasto que pode ser até um trabalho de defesa de doutorado, mas aqui nesse Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado abordarei somente os principais lugares e cultos, a saberem:

Lugares:

M'bos/Nacìn Calequisse – espaço onde se cultua “Deus” de Calequisse, e de iniciação – amargosa.

Kalémaï – espírito/gênios da iniciação – amargosa.

Bani/Pbomamn – espírito/gênio – espaço de culto público e também espaço onde as pessoas que não podem entrar no *Nacìn Calequisse* no período da iniciação ficam para dançar e fazer outras atividades, principalmente as mulheres.

G'tchäi – espíritos/gênios bons e têm amargosas e não.

Balugum – ancestrais.

Cultos:

Kassará/Bkab Kassará

Bkab Kassará, literalmente cama de *Utchäi Kassará*; é o corpo do material ou objeto, como podemos ver a imagem enfeitada de estamparias bonitas, pequenos sinos, espelhos etc.; dentro desse objeto tem um *Utchäi* muito forte, geralmente usado para muitas atividades rituais de restituições, festa de colheita, no resgate das pessoas que as suas almas foram pegos pelos feiticeiros e levados para um lugar isolado, na proibição dos do culto ou uso dos *Bandjangurum* e *Pissi*, espíritos considerados malignos, porque a sua união ou a relação com pessoas com que se relacionam é pagar, o que restaria na morte de uma pessoa ou mais da sua família, pode ser o seu filho ou sua filha, sobrinho(a), resumindo qualquer pessoa da família que a pessoa com que ele/ela relaciona pode mostrar para matar.

Utchäi ou espíritos considerados malignos nunca matam sem autorização ou indicação daquele que tiver contrato (relacionamento ou união); também tem pessoas que fazem contratos para casar com *Utchäi*, e em contrapartida depende do que a pessoa quer de possa na sua vida, por exemplo, tem pessoas que gostam de ser ouvidas em qualquer sociedade (*uramn* ou *mandjuandadi* em crioulo) não porque não é ouvido, mas sim querer que a sua opinião seja levada em consideração; outros tomam com a finalidade de ter uma voz na música, saber

cantar para que as pessoas gostem ou gostassem; outro para se destacar em qualquer lugar que chegar; Ainda segundo as narrativas dos anciões e jovens da mesma vila, antigamente as pessoas que tiveram ligação com esses G'tchai às contrapartidas não era dar *Nandjangurumn* ou *Pissi* uma pessoa para tirar vida, mas sim um animal domestica, na maioria os contratos e outros(as) partilhavam alguma parte ou uma percentagem menor a esse espirito.

As pessoas faziam os contratos com *Nandjangurumn* ou *Pissi* como forma de se sobressair ou ter rendimento mais rápido e em qualidade e quantidade e ainda inúmeras coisas em relação aos outros/as, pensar só em si mesmo, então eram e até agora praticas consideradas do mau e que devem ser extintas através de *Bkab Kassará*.

De um lado, *Kassará* em se é uma manifestação cultural ou momento de cultuo e prestação de honra a essa divindade *Utchai Kassará* agradecendo pelas boas colheitas e pedindo que os próximos sejam bons como os antigos e também ter melhor ainda; por outro lado pedindo a chuva por parte da população local e é manifestado em todo território dos calequissenses e algumas regiões ou terras onde predominam o povo Mandjako. As manifestações são realizadas uma vez por ano em mês de maio, períodos em que começam as chuvas. Nas manifestações *Bkab Kassará* é carregado no ombro por quatro pessoas jovens ou menino que já são iniciados e nenhuma mulher pode carregar isso, porque às vezes chega um momento em que *Utchai Kassará* entra num lugar sagrado que só os homens que foram iniciados podem entrar (*Utchai Uimamn*), mas não significa que os homens que não foram iniciados não podem participar e carregar.

Durante manifestação as mulheres são protagonistas, muito embora sejam os homens que ocupam cerne das atividades. No advento de *Kassará* as mulheres também fazem *bkuïs* em alguns *g'tchai* como *Utchai Pkit*, *Utchai Ptibi* (aqui elas não entram no interior desse espaço, por ser muito sagrado), *Utchai Bpok*, *Utchai Koli* etc e ainda alguns que as mulheres são sacerdotes principais do mesmo e aqui os homens não podem entrar, por exemplo, *Utchai Kabuka* (onde as mulheres fazem veneração ou cultos para parir) etc, esses *g'tchai* mencionado é a partir de uma tabanca chamada *Batau* onde a minha mãe nasceu, mas cada tabanca tem as suas com nomenclatura diferente.

Vale pena ainda ressaltar as contribuições das mulheres em ajudar nas tarefas complementares de dinamização das atividades de *Kassará*, implicando as participações nas danças, canções, cozinhas e deslocação para certos lugares, por exemplo, no momento de identificar os feiticeiros e as pessoas têm consigo os *g'tchai* malignos, *Bandjangurum* e *Pissi*.

A participação dos sacerdotes *Napéné* e *Amanhamn* é muito essencial nesse processo, porque depois de *Utchai Kassará* identificar qualquer *Utchai* maligno, é o *Napéné* ou

Amanhamn faz apreensão juntamente com *Utchai Kassará*, e levam aquele espírito maligno que foi preso e a pessoa que tem contrato com espírito maligno para *Nacìn Calequisse* a fim de separá-los e colocar atrás das grades o maligno, e a pessoa volta para casa, mas para colocar nas grades de *Nacìn Calequisse* e prender a maligna pessoa precisa primeira confessar como é que conseguiu ser amigo daquele espírito maligno, onde encontrou, qual foi a contrapartida nos contratos dos dois, caso contrário espíritos malignos não vão sair atrás dessa pessoa; e com a justiça não podemos condenar sem explicar o problema para o seu advogado fazer os seus trabalhos. E se a pessoa já cometeu um crime, der uma pessoa a espírito maligno a fim de tirar a vida da pessoa, isso já é considerado um ato que não pode ser perdoado, *Nacìn Calequisse* fará justiça, a pessoa vai castigar ou adoecer e até no dia que confessar os crimes e depois morre.

A morte das pessoas que cometeram esses crimes de tirar vida em contrapartida com os seus contratos com *Bandjangurum* ou *Pissi*; tirar vida através das brigas de maneira intencional, no dia da morte desses criminosos segundo as leis tradicionais dos mandjakos de Calequisse coincidirá com o dia sagrado de *Kambatch*; esse dia não é só nos períodos da iniciação, mas também quando morreu um idoso ou no caso a pessoa presenciou duas épocas de *Kambatch* que é realizado no mínimo vinte e cinco em vinte cinco anos. Por um lado não é basta só ser um idoso ou presenciar duas épocas de *Kambatch*, mas sim precisa fazer coisas boas no mundo dos vivos, porque para a pessoa morta usufruir dessa honra de toque de *Kambatch* quem decide isso é *Nacìn Calequisse*, aí a família do falecido leva um galo junto ao lugar sagrado de *Nacìn Calequisse* onde os sacerdotes de lá farão um ritual para saber se o defunto merece a honra do toque de *Kambatch*.

Nesses casos se o criminoso que mencionei morreu isso vai coincidir com a morte de uma pessoa que esta sendo honrada com o toque de *Kambatch*, implicando não prestação de honra para aquele/a que morreu segundo, o que seria considerado que essa pessoa cometeu crime e será sepultada sem panos de estamparias que são muito valorizadas na sociedade Mandjako³⁰, o que significa uma vergonha a família do falecido na verdade uma mulher não pode receber a honra de toque de *Kambatch*, porque ela não pode ser iniciada, ou melhor, ir ao fanado ou fazendo o processo de mutilação genital.

³⁰ Podemos ver mais detalhes da estamparia (em crioulo *pano di pinti*) na monografia da discente da Unilab Tania Correia Jaló (2016) em titulado *A presença das estamparias (panos de pente) na etnia Manjaco*.

Figura 63 - Bkab Kassará (cama de Cansaré)



Fonte: Egas Jaime Fernandes

Figura 74: Bkab Kassará no momento da manifestação de Kassará e para os trabalhos da feitiçaria



Fonte: Virginio Vicente Mendes

Figura 85: trajes do momento da manifestação de Kassará



Fonte: Luís Fernandes Júnior e Virgínio Vicente Mendes

Nalugum/Balugum

Desde os primórdios, os mandjakos de Calequisse têm profundo respeito por *Balugum*, que são as pessoas que morreram e são adorados através de uma representação física feita com troncos das árvores que duram muito tempo no chão sem estragar; são elaborados com uma estrutura de mesma pessoa ou que tem forma de pessoas (como podemos ver nas figuras).

Antigamente os trabalhos não eram feitos com grande aperfeiçoamento em termo de a imagem ser tal igual a defunto, mas com evolução da mesma sociedade, as imagens agora são elaboradas iguais à fisionomia do defunto. Podia usar a palavra ou expressão “finado(a)” para talvez melhor situar e ajudar na compreensão para os leitores de que o “finado” tem um mesmo significado literalmente com *Balugum*, mas totalmente diferente num sentido mais amplo; “finados” na cultura guineense são pessoas que morreram e são feiticeiros que voltam ao mundo dos vivos para cumprir as penas dele/a para depois voltar ao mundo das mortes ao lado dos familiares e parentes, e isso nos mandjakos de Calequisse existe, mas em duas formas ou são dois tipos, *Nampor* e *Nam sung*.

Depois de cumprir as penas voltam a ser geralmente venerados, daí é uma ênfase sobre a filosofia africana de ubuntu, e por outro lado é igual com o mundo dos vivos que sempre dizemos toda a pessoa merece chances e temos que recuperar os homens e mulheres de qualidade e inteligente; nesse caso para os mandjakos e calequissenses, o ser um humano é a obra da natureza muito sagrado, e então devemos recuperar as pessoas mesmo com os seus erros tem a possibilidade de voltar como qualquer um e fazer coisas boas.

Os *Balugum* não são representados de forma “simples” e de “estaca de madeira”, segundo noção dos colonizadores, como afirmou António Carreira, *Balugum* – alma dos antepassados ou ancestrais e “são venerados pelos mandjakos, através de uma simples estaca de madeira” (CARREIRA, 1947), geralmente na concepção eurocêntrica a “estaca” é um pau aguçado, cravado na terra para segurar ou marcar a ocupação e limitação de uma área ou prender alguma coisa, nesse sentido é simples, ao contrário da sua função na cultura desse povo. *Balugum* cultura Mandjako representa os seus antepassados que deixaram bons trabalhos de vida mesmo cometendo certos erros, mas não deixa de fazer coisas boas, podemos igualar essa representação com a dos santos católicos, os trabalhos deles/as são as mesmas no mundo dos vivos e morte. “Serve de santuário para evocação destas” (CARREIRA, 1947, p. 91).

No símbolo da propriedade, fazem periodicamente as cerimónias alusivas à lavoura, sementeiras e colheita. Nele pedem aos antepassados que velem pela saúde e bem estar dos vivos e prosperidade e riqueza da <<morança>>, na certeza que nunca as suas almas serão abandonadas ou esquecidas. Em sinal de gratidão e lembrança, derramam no local quantidades de aguardente de cana ou comidas, que foram, na vida, da predileção dos invocados (CARREIRA, 1947, p. 91).

Geralmente os mandjakos consideram *Balugum* como um santo e são cultuados e venerados e ainda são colocadas nas varandas principal da casa³¹.

Na Guiné-Bissau existem mais de trinta etnias e todas têm culturas diferentes, muito embora possam encontrar algumas práticas semelhantes. Entre os povos mandjakos existe uma enorme diversidade cultural e forma de veneração e preservação da sua religião, por exemplo, nos costumes dos mandjakos de Caió uma mulher pode entrar num lugar muito sagrado que nem um homem que não foi iniciado pode entrar, ela pode entrar lá e fazer comida no dia que tem um *kabol* para os homens que já foram iniciados, mas ela não pode comer aquela comida. Em Calequisse é muito diferente, aliás, é ao contrário, o que significa que nenhum homem que não foi iniciado pode entrar e até comer algumas do mato ou lugares sagrados, e quanta mais uma mulher que nem poder ser iniciada.

³¹ Os detalhes de um trecho do livro do autor António Carreira, só que ele usou algumas palavras ou expressão que não enquadram dentro da cultura e religião desse povo e é pejorativo, por exemplo, quando o autor diz assim “derramam no local quantidade de aguardente de cana ou comidas” pelo contrário nesse setor com mais de nove mil habitantes “derramar” é um conceito que se enquadra de maneira muito pejorativo nessa sociedade, e qualquer que seja tipo de comida, ainda bem o arroz, ou deixar comida até estragar é considerado crime contra humanidade e terá castigo ou a pena de morte, caso for por proposito (intencional), ou melhor, intencional e por varias vezes, e não só a comida assim também as coisas que servem para humanidade e os espíritos, então não tem como pregar esses tipos de expressões e não podemos analisar uma sociedade a partir das nossas e por cima de tudo quando não fomo até o local e pelo menos vivenciar um pouco dos costumes e cultura dos sujeitos a serem pesquisado.

Figura 16: Representação física das almas (Balugum) – primeiras elaborações



Fonte: <http://photos1.blogger.com/img/86/1825/480/9-3.jpg>

Figura 17: Representação física das almas (Balugum - ancestrais) elaborações mais modernos



Fonte: Nicolito Linda Fernandes.

ka las pumm

Um culto, no qual em cada morte da família é realizada festa e ao mesmo tempo de um caráter sentimental e de muita dor; no caso de ser morte de uma criança de menos de um ano e de primeiro filho(a) da sua mãe, só são realizados alguns rituais. O culto de *ka las pumm* não é realizado por não ter vivo e deixado algumas marcas e der apoio necessários no mundo dos

vivos e ele/a não será prestado esse culto, normalmente é a prestação de honra do defunto. Os *bn'tchag'gra*, *bm'guir*, *kambumbulum* e *bm'djeru* são os instrumentos principais para realização das honras. Outrossim, são ofertados os animais domésticos e as bebidas, sempre *pôt pfatchal* como destaque em todas as cerimônias em honra aos defuntos, aliás, todas os rituais quer *Uimann* e *udjöbe*, quanto a *bn'guir* é usado também nos rituais fúnebre do/s homem(s) que já foi/foram iniciado(s) e as mulheres que já pariram.

Esse instrumento, *Bn'guir*, é sempre guardado por uma família, e quando tem perda da pessoa, esse instrumento é levantado do lugar para as suas atividades só com a presença do responsável da família ou seu substituto, mas a pessoa responsável de uma família ou desse instrumento dificilmente viaja para longe da sua família se por aventura acontecer uma perda da pessoa em qualquer parte do mundo o responsável tem que voltar no mais rápido possível. Ao levantar o instrumento tem que ser feitos uns rituais para depois ser colocada na cabeça de duas mulheres, mas que já pariram, nesse momento que eles colocaram o instrumento na cabeça começa conduzir ou guiar as mulheres para lugares ou casa das famílias que estão passando quaisquer problemas que a família não ter conhecimento, mas não ultrapassaram por certas razões.

Ao chegarem a casa onde tem o falecimento ou choro é colocado no chão e de novo com um ritual que permite ser usado e dar som para o culto. Quando ou depois desse ritual tiver feito pela mesma pessoa responsável da família que o guarda, já não nenhuma mulher, crianças e homens que não são iniciados, porque o ritual trouxe os espíritos de *Nacim Calequisse* que o fará ficar sagrado.

Por um lado o culto é considerado festa quando morre uma pessoa de idade, daí pode comparar isso com o que a ciência biológica disse de que nada se perde na natureza tudo se transforma e servir de alimentos e material para enriquecimento do solo para as atividades agrícolas, mas para os kalëkissenses a morte descanso onde essas almas se tornam espírito poderoso e protetor dos que estão vivos. Também isso faz parte do modo de vida desses povos, porque o ser humano vive da morte, nós comemos a vida, e ela só existe a partir da morte.

Na cultura dos mandjakos de Calequisse, aliás, praticamente todos os mandjakos em todas as regiões, *Ka las pumm* só é realizado dentro da circunscrição dos seus territórios e, não pode ser realizado fora dos limites do seu território, entre os mandjakos temos: Mandjako de Blequisse, Bugudja, Candjindjissá, Canhob, Canchungo ou Babok, Pandim, Pelundo, Tame, Caió, Pantufa, Tchur brik, Pcis, Djeta, Catcheu, Calequisse, etc.

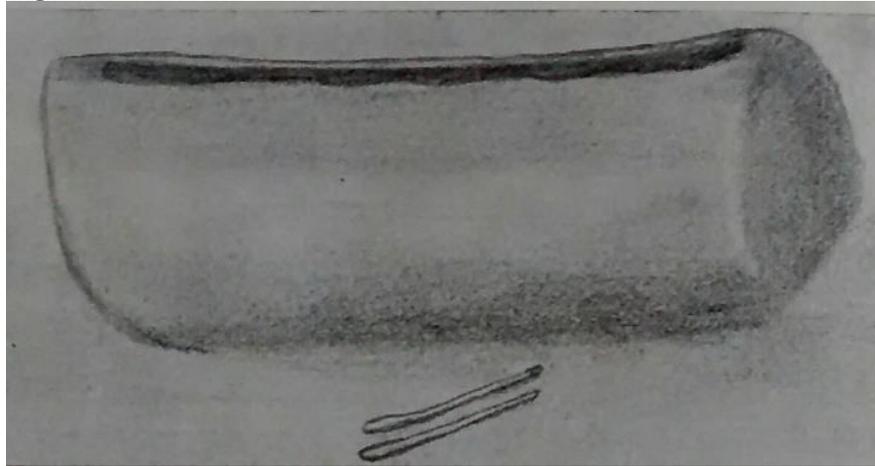
Instrumentos para cerimonia da honra do(a/s) falecido(a/s) (*ka las pumm* - toca choro):

Figura 18: *Bn'tchag'gra* (os dois pequenos tambores) e *Bn'guir* (o grande)



Fonte: <https://raizculturablog.files.wordpress.com/2008/01/parelha-tambor-crioula.jpg> acesso em 15/11/2016

Figura 19: *Kambumbulum* (tambor falante) e *I'lassi* (as duas varinhas)



Fonte: António Carreira. (1947).

Kambatch

É um culto mais sagrado dos calequissenses e em geral dos mandjakos, onde todos os princípios e tudo que mexe com a vida social, político, econômico e enfim tudo que regula a vida desses povos na terra e os *ibol* para *Balugum* e *G'tchai* e ainda de forma sucinta um culto

de restituição das restituições. Essa restituição só é realizada no mínimo entre vinte e cinco em vinte e cinco ou trinta em trinta anos, onde tudo é discutido e aprovado através dos usos tradicionais que ninguém pode os alterar a não ser depois desse desses anos em uma nova *Kambatch*, concentrando todos os sacerdotes e de todos as classes em termos dos responsáveis de cada *Utchäi*.

A partir desses momentos dos cultos, muitas coisas são proibidas como se fossem uma legislação em que os deputados aprovam novas leis, mas do tradicional calequissenses não é revogado a qualquer momento pelos sacerdotes e quanto mais um *Amanhamn* ou qualquer pessoa, nos casos dos abortos e de qualquer pessoa (homem ou mulher; crianças; jovens; adultos e idosos) apoiar uma mulher grávida fazer aborto; roubos de qualquer gênero; colocar água dentro de *pôt pfatchal*, sob pena de um dia sair em cima da palmeira para o chão; jogar fora comida; deixar estraga qualquer tipo de comida; atos de feitiçarias, mesmo que os pais e quaisquer famílias cometeram atos de feitiçaria; tirar vida de qualquer pessoa; trazer para casa os espíritos considerados malignos; pegar na rua e qualquer em lugar objeto de qualquer tipo de uma pessoa que o perdeu e alguém escolheu com a intenção de não devolver o dono se um raio de chuva cair nas casas até no ponto de tirar vida de uma pessoa, daí só pode cair no mar nos momentos isolados, caso cair nas zonas urbanas ou nas casas, aí os motivos são sempre os erros cometidos às vezes por essa pessoa, erros considerados de crimes de feitiçaria ou atos graves contra os preceitos religiosos.

Mas isso não é só pela primeira, mas sim até no máximo três vezes, se for ou não intencional, por todo ato de dia a dia dos nativos e descendentes e ainda residentes em qualquer parte do mundo são registrados por *Nacîn Calequisse*, *balugum* e *b'tchäi*; de nenhum pai, mãe, tio, tia, irmão em geral qualquer familiar ou parente pode incluir, monopolizar ou ainda obrigar filhos, sobrinho(a), neto(a), e principalmente quando a pessoa é estranha e também não pertence àquela etnia a entrar num ato de feitiçaria a não ser por vontade de própria a pessoa e quando é a criança nada acontecerá, por ser inocente; de qualquer outra religião nos territórios dos calequissenses para mobilizar os nativos para abandonarem as suas culturas e costumes, principalmente os cultos dos *balugum*, *g'tchäi* e todo poderoso *Nacîn Calequisse*, nesse caso maior obstáculo ou proibição é do islamismo, considerado o mais perigoso em termos de opressão e dominação religiosa, mas também o catolicismo só que é menos perturbador.

As mulheres têm pouca participação elas participam de forma indireta, quando um sacerdote sair dentro do lugar onde as leis são editados informa para as mulheres o que esta sendo aprovado, isto é, em alguns casos aí elas tem possibilidade de dar opinião para depois

serem analisados casos merecer atenção será aprovados e depois sai de novo o sacerdote informando a provação das normas.

Durante os acontecimentos de *Kambatch* todos os nativos e descendentes dessa vila não importante território em que ele vive e situação em que se encontra a pessoa, têm que voltar para Calequisse, porque é um momento muito sagrado em que acontece a restituição da energia vital e inicial mais importante e sagrado de todas; daí no caso das pessoas que não têm ou estão numa situação financeira difícil e também doente os familiares têm que contribuir cada para compra de bilhete de passagem para, caso alguém viu a pessoa com uma situação dessa e não o ajudou corre risco de ser castigado pelo *Nac'in Calequisse* de suas restituições serem desconsideradas e todos os materiais que usou vai em vão e penado(a) pelos *balugum*, *g'tchai* e de *Nac'in Calequisse*.

Ka lump e katulam itchap

É um momento de início aos cultos e veneração dos *Balugum*; o primeiro processo é a elaboração do tronco de uma árvore muito resistente que não pode ser comido de qualquer maneira por baterias que se encontram no subsolo, depois foram elaborados os troncos os dias são marcados para ser fixados em cima de varanda da casa principal e as vezes são fixados num lugar fora da casa, mas o lugar é uma casa pequena e coberta de capim ou das folhas de *ibénne* ou cibe em língua guineense (árvore de família palmáceas, geralmente arbustos e que as vezes atinge mais de cinco metros, com folhas na parte superior e gera fruta com mesmo nome, *ibéne*) ou zinco, possuindo lugares de sentar para culto de veneração, e no início do culto ou veneração a água é substância líquida que pode ser usada e depois outras bebidas como *pôt pfatchal* o mais essencial e que não pode faltar em qualquer cerimônia e aí pode ter bebidas alcoólicas que em muitos casos não obrigatórias. No ato de *Ka lump ptchap* os animais são sacralizados para a honra da pessoa morta. Quando já é fixado, começa *katul itchap*, que são momentos da própria veneração por toda vida dos familiares, amigos, parentes, conhecido, os pais caso sejam vivos.

Ka lump itchap, também é uma honra que filhos prestam aos seus pais depois de morrerem e as vezes pais ou mães morrem sem ter filho daí nos costumes dos mandjakos irmão que tem possibilidade pode prestar a honra ao falecido; na verdade não é a possibilidade ou condição financeira de uma família pode ou podem determinar o culto, porque o que reina é a filosofia ubuntu, toda a família (no sentido amplo) tem que dar a sua

contribuição mesmo os que se encontram fora do território onde vai decorrer a honra. Ao fazer essa honra, primeira se o(a) falecido(a) levou tempo que morreu e demoraram em prestar honra, o que acontece o(a) falecido(a) dê sinal numa pessoa muito próximo e querido/a na família, mas acontece mais com as crianças e jovens, porque esses são os que são prestados muitas atenções na família, eles são os que cuidam e futuros herdeiros da casa e dos bens comuns e particulares. Particular caso o/a falecido não tem filho/a, daí a/os irmãos podem herdar e se por acaso não tem, o sobrinho por parte matrilinear.

O sinal acontece por coisas estranhas, por exemplo, sonhos horríveis, doença, etc. Daí um responsável da família vai junto ao *Napéné* para ter mais detalhes sobre o que deve ser feito, o dia e o momento que deve ser realizado. Depois de saberem o que na verdade o falecido está precisando que a sua honra seja prestado o responsável da casa convoca uma reunião para informar e discutir o forma de realização de *ka lump itchap*.

Na realização desse culto através da participação de toda família, deve-se evitar exibição do poder econômico, no caso não haver condições financeiras da realização da honra ao seu falecido(a/s), porque segundo entrevista com os anciões da mesma vila e alguns responsáveis das famílias o falecido ficará limitado no meio das sociedades colegas no mundo dos mortos, então para isso não acontecer a filosofia ubuntu precisa funcionar; por isso que em qualquer cerimonia e as atividades agrícolas tem que ser executado de forma comum, praticamente no caso de *ka lump itchap* se falecer uma ou mais pessoas em períodos de tempo (mês e ano) diferentes, pode ser a diferença de um ano ou mais, é juntado e realizado num dia só sem diferenciar ou separar o ritual, a diferença talvez pode ser na elaboração dos *itchap*.

Figura 90: Culto da prestação de honra aos *Balugum*/ancestrais (*ka lump itchap*).



Fonte: Cipriano Gomes

Figura 101: Culto de veneração de *Balugum* (ancestrais)



Fonte: Virginio Vicente Mendes

Ka tulam g'tchai, ka ró ibol

Esses rituais também são de veneração; cada *g'tchai*, *Balugum* e em *Naciñ Calequisse* tem os seus sacerdotes que se responsabilizam de fazer os serviços de restituição da energia vital e inicial de qualquer pessoa que tem *kabol* para fazer num dos *g'tchai* para restituir, às vezes a restituição é feita com alguns animais domésticos, alguns porque nem todos os lugares de veneração pode levar uma vaca para restituição, e outros não podem levar cabra ou um bode ou porco,

Bkuïs

São cultos ou atividades de caráter do tipo escolar ou do sistema de ensino aos mais novos, sobre a história oral, também abordam assuntos imprevistos e que não discutido acordado no momento de *Kambatch*. Todas as histórias ou acontecimentos e contextos que marcaram a vida dos calequissenses e das famílias, aliás, de forma muito amplo e alguns momentos que se limita a história de certa família ou acontecimento desde os primórdios até os dias atuais. São ensinados ou transmitidos de geração para geração processos de ensinamento oral, também na realização desse culto e obrigatório levar ou contribuir com *pôt*

pfatchal certas medidas ou quantias mínimas de acordo com a sua idade, mas para começar a contribuir a partir de uma idade média de 16 anos.

Os ensinamentos terão um caráter do ambiente de cachaceiro, mas o vinho é usado após os ensinamentos, do outro lado para fazer cultos aos ancestrais e *g'tchai* no caso dos *bkuïs* nos dias normais, mas quando é *bkuïs* do dia sagrado, *keendjemn*, é realizada no *Naciñ Calequisse*.

Para entender as práticas religiosas dos calequissenses a partir das filosofias da ancestralidade, como categoria filosófica, que pode ser analisada e entendida do mundo, porque não adianta, trazer as manifestações das culturas africanas nas universidades, para os pátios ou para sala de aulas e ainda outros lugares, mas sim de construir conceitos, chaves interpretativas, sistemas de ideias e teorias.

As manifestações são importantes como um artefato, como instrumento para fazer as modificações nas disciplinas históricas, cotidiano do trabalho acadêmico, se não, a cultura vai para aquele lugar questionado pelo Eduardo Oliveira no seu artigo “Epistemologia da Ancestralidade”, questionando o apagamento da filosofia da Ancestralidade, visto pela ciência “Ocidente” como cultura de “folclore”, quer dizer “reduzir uma cultura a um conjunto de representações estereotipadas por via de regras alheias ao contexto que produziu essa cultura”³².

Os nativos desfilam de forma pura à frente dos homens brancos e depois voltam para os seus cantinhos considerados “selvagens”, um espaço dado por invisibilidade e de desvalorização, contrário, essas culturas produzem conceitos e leituras sofisticados do mundo. É impossível pensar na existência de uma cultura intacta que não sofre mudanças e não profundas, mantendo os seus valores e significados. Por exemplo, ensino-aprendizagem das culturas, sobretudo as suas histórias e línguas locais nas escolas, tornando os próprios protagonistas na reintrodução das suas histórias.

Toda essa cosmogonia ela não se limita apenas a cultura ou manifestação cultural e centralizado em noção de um folclore, que nos estudos da etnografia muitas vezes alguns etnográficos os consideram como conjunto de danças e canções ou manifestações de determinado povos em certas épocas, pois é, não se limita a essas definições; falar da ancestralidade, cultivar e fazer os *ibol* (*ebó*) aos ancestrais. Toda a cosmogonia ou princípios para compreensão dos cosmos e do homem ou povo Mandjako de Calequisse, o problema não

³² OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da ancestralidade – preâmbulo. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf. Acesso em: setembro 2016.

é a concepção da ancestralidade como uma relação com os seus antepassados, de realizá-los cultos e dar oferendas e *ibol* (ebó) como simples tradição ou costumes herdados, mas sim um conceito muito amplo, que liga a uma energia vital e a energia inicial, em que trabalha com varias cosmogonia; também trata da origem, do eterno, do destino em que há uma relação intrínseca, fazendo parte da essência de uma realidade Mandjako.

Não podemos trabalhar as energias sem a morte, pois, vivemos num mundo em que sacrificamos ou tiramos vida dos animais para a renovação das nossas vidas e depois a carne dos animais sacrificado serve de alimento, então nesse sentido é “sacralização” e não sacrifício; a morte ligada à restituição e redistribuição da energia, por exemplo, sacrificar um animal ou os animais no/s contextos do *kabol/ibol* para sobreviver, um ato de restituição da vida; matamos um porco, cabrito, vaca, galinha para se alimentar manter vivo espiritualmente e fisicamente, então é o mesmo que acontece quando fazemos *kabol* (ebó).

Vale a pena ressaltar que os estudos do Muniz Sodré (1988, apud António, 2005) vêm ao encontro dos anseios dos mandjakos de Calequisse, no sentido de mostrar que as manutenções das práticas, cerimónias e rituais dos guineenses em geral as suas divindades sobrenaturais e ancestrais, sobretudo os calequissenses, como meio de resistências cultural na Guiné-Bissau a dominação dos colonizadores portugueses, dada através do catolicismo no setor de Calequisse, região de Cacheu é muito importante e como chave da interpretação do mundo deles.

Na cultura nagô, o sacrificio é uma operação imprescindível: a oferenda (ebó), transportado por Exu, dinamiza a relação entre vivos e ancestrais ou princípios cósmicos (os orixás), reequilibrando ou reparando o circulo coletivo das trocas e, assim, permitindo a expansão do grupo. O sacrificio implica no extermínio simbólico da acumulação e num movimento de redistribuição (princípio, portanto, visceralmente antitético ao do capital). No período clássico da acumulação do capital no Ocidente, homem Íntegro era o que se integrava na ética de produção e de acumulação. Para melhor caracterizar a oposição nagô, se poderia dizer que nagô íntegro é o que restitui, o que devolve. O que simbolicamente não deixa resto. Relativamente a este assunto, são esclarecedoras as palavras de Muniz Sodré (1988 apud ANTÓNIO, 2005).

A mesma noção do sacrificio na cultura nagô é que rege ou caracteriza os nativos e descendentes de Calequisse, e é ponto mais alto da cultura religiosa da matriz Mandjako de Calequisse. Quando um Calequissense quer sair do seu país conhecendo outro lugar ou procura de melhores condições de vida, ele não levanta só assim de qualquer por ter condições financeiras ou ter um pouco de dinheiro na mão. Antes de começar fazer o processo de emigrar, ele vai primeiramente para *Nacin Calequisse* saber se fará uma viagem boa ou não. Daí leva um galo pode ser pequeno ou grande e mais uma bebida entre aguardente e

vinho de palmo, mas de preferência é o vinho palmo considerado como uma bebida muito sagrado. Quando chegar à primeira entrada *bliparamn* (lugar de espera) o lugar onde as mulheres e os homens que não fizeram *kambatch*, sentem, aguardem e igualmente façam os seus pedidos de joelhos. Dê a bebida e o galo para *Amanhamn* ou um acompanhante, mas que já passou no processo da iniciação para levar no espaço considerado sagrado, e esse acompanhante leva para o interior de *Nacîn Calequisse*, onde encontrará os sacerdotes responsáveis pelo tal, fazendo *ibol*.

Mas antes de tudo isso a pessoa começa *kabol* ou *ibol* nos *Balugum*, e aí a primeira coisa que se use para começar fazer um *kabol* tem que ser uma pessoa que pertence o mesmo sangue daquela casa, caso não tiver um homem que é responsável o responsável sempre é a pessoa com mais idade na família, aí uma mulher pode substituir ele e também não pode ser uma filha daquela família, mas sim uma mulher que foi a primeira que foi casada nessa família, mas também com a idade maior em relação às outras, além disso. Vale ressaltar que em circunstâncias da ausência do(s) mais velho(s) e se estiver em casa um menino com uma idade de 15 anos de idade ele pode responsabilizar de fazer *kabol* ou *katul itchap*, daí ao começar primeiramente ele/ela tem que procurar *pkatcha*, que é onde coloca água ao iniciar a veneração, e depois pegar água que esta dentro de *pliki* da casa e não pode ser outra casa ou família, porque cada família tem *itchap* e a água é pega só dentro de *pliki* é um objeto sagrada para esse povo.

De forma geral tudo que é feito a mão e são muito sagrada para esse povo, aí a pessoa que vai fazer *kabol* para aquele que quer fazer a restituição, começa primeiro em saudar os nossos *balugum* com aquela água de *pliki* e depois vem outro tipo de vinho de preferência vinho palmo ou aguardente e a medida são a partir de um quarto ($\frac{1}{4}$) no caso de aguardente e o vinho de palmo dois litros ou três quarto ($\frac{3}{4}$), dois litros é usado mais quando *kabol* é para *Nacîn Calequisse*, também vale ressaltar que se a restituição é para o nativo dessa família ou casa ele/ela pode fazer *kabol* no *Balugum* sem ajuda de outra pessoa no caso não querer, mas não no sentido de estar nesse lugar sozinho, porque nesse povo não funciona e nem existe a política individualista ou conceito de “indivíduo”, o que quer dizer de que ele/ela pode fazer *katul Balugum*, mas tem que chegar aos mais velhos e as mais velhas, e outros ou Outras que são menores em relação a ele/ela dos catorze (14) anos para baixo a fim de fazerem pedido junto aos seus *Balugum katô* (os ancestrais do lar dele/a) juntos numa só voz e isso te dará mais energia vital e inicial na restituição.

Ao fazer as saudações nos *Balugum*, a pessoa aproveita para avisar e pedir primeiramente aos *Balugum*, dizendo qual é a ideia em fazer a restituição. Segundo passo

ele(a) tem que ir para *Utchāi kabuka* e lá podem acontecer os mesmos processos com a do *Balugum* com exceção de *mnik plikī*, na terceira vai para *Utchāi Unī*, fazendo da mesma maneira a do segundo, quarta *Utchāi Banī* também da mesma forma a dos segundo e terceiro, a quinta pode ser *Utchāi* onde ele/a vai ser ou foi entregue pela mãe, geralmente ao nascer do/a filho/a são as mães é que se preocupam e mais cuidam de levar o/a filho/a outro *Utchāi* que ela acha uma referencia para ela, no sentido de proteger o/a filho/a, muitas das vezes são *G'rchāi* que herdamos desde nossas bisavós e eles herdaram dos seus antepassados, avós até nas nossas mães e famílias atuais.

Não falar direto da sua família de forma singular ou individual (quer dizer a politica de individualismo), a singularidade é classificada como um crime nessa sociedade e pode ~~te~~ levar até um mau destino, aliás, pode carecer das restituições, mesmo fazendo pode não surgir um bom efeito, porque o seu interior, ou melhor, o seu coração esta sujo num estado da impureza e os Balugum já viram o seu interior de que esta cheia de maldade.

Na ultima fase de fechar *kabol* ou *ibol* no *Naciñ Calequisse*, já aqui como eu tinha iniciado explicar nos parágrafos anteriores leva dois litros de *pôt pfatchal* de sempre de preferencia caso não tiver no momento porque têm períodos que é difícil de encontrar, no tempo da chuva, as palmeiras ficam molhadas e fica difícil de subir para extração do líquido precioso por esse povo, daí pode pegar aguardente, mas tem que ser no mínimo *umtchilī*, e o *pôt pfatchal* normalmente é colocado num *pkabis* ou *pkatcha* e um galo caso for um assunto, ao chegar tem lugar onde as mulheres, pessoas estranhas caso ele não fez iniciação na etnia que ele pertence, e também os homens nativos ou descendentes que não passaram por processo de iniciação, onde estarão na mesma categoria com as crianças, mulheres e estranhos. Depois que sentaram naquele tronco de arvores, deixam todos os materiais de restituição (um galo, *pôt pfatchal*) ele/ela começa explicar o problema ou assunto que levou que quer resolver, daí a pessoa que acompanhou (deve ser uma pessoa que tem acesso ao interior de *Naciñ Calequisse*) pega naqueles materiais e leva para onde se faz os rituais e daí as partes internas (os intestinos) do galo são divididos antes de ser degolado em quatro partes e ainda com subdivisões de duas partes e totaliza em seis partes, onde em cada uma das partes tem o seu assunto a ser questionada, primeira parte coloca a pessoa que esta sendo restituído com *Naciñ Calequisse*; segundo vem à parte dos seus pais, de seguida o assunto pretendido junto e mais pessoas estranhas e por fim vem a parte chamada de *psentamn*, o que podemos chamar também em língua portuguesa de umbigo do galo e na língua guineense “bico”, essa é deixado para o lugar onde a pessoa mora ou o lar da família dele(a).

Para os mandjakos de Calequisse ou povo Mandjako em geral é como uma carta onde *Nacîn Calequisse* e qualquer *Utchāi* explicam ou informam se o assunto pretendido esta certa ou não, se caso umas das partes do intestino do galo for preto, significa que a pergunta que fizeste nessa parte está com problema ou a coisa não é boa e as que estão brancos mostra que tudo esta certo nessa parte. O seu passo será de ir junto à *Napéné* e daí será ele quem vai dar todos os detalhes da parte que ficou preta no intestino do galo e o que será os próximos passos para resolver o problema, daí começa a fazer *kabol* (caso for uma) ou *ibol* (se for mais de um), e pode ser com um porco ou uma cabra ou também uma vaca e ainda tem variação de gênero, dependendo de *Utchāi* ou o problema, depois também vão às bebidas entre aguardente e *pôt pfatchal*, mas muitas vezes aguardente não é alistada nas bebidas, e o que não pode faltar em qualquer seja *kabol* ou *ibol* é o *pôt pfatchal*. Vale ressaltar que para fazer *kabol* ou *ibol* as vezes nos casos muito complicados, por exemplo, quando alguém pegou a alma dele/a ou os documentos no caso de pretender emigrar ou procurar um emprego e colocou num outro *Utchāi* que já é de bruxaria, aí só *Napéné* pode fazer esse trabalho de restituição, caso contrario não for o problema desse gênero a restituição pode ser feita com sacerdote responsável de *Utchāi* onde é indicado/a para fazer a restituição.

Depois de fazer as recomendações de *Napéné* ou quando o assunto do gênero de tipo *bdjenkis* e outro tipo de *kabol* que refere a resgate de uma coisa que foi colocado num lugar de bruxaria que é muito difícil um nativo de Calequisse entregar nesse tipo de jogo, porque é uma coisa que mata muito rápido de acordo com as normas reais da religião de matriz de Mandjako de Calequisse, aí o processo de galo tem que ser feita no momento para saber se o que pretendia fazer foi feito, mas que na verdade para confirmar ou ter a certeza se foi realizado de verdade a pessoa tem que fazer de novo o processo do galo em *Nacîn Calequisse* que é a última instancia de confirmação de qualquer seja *kabol*, e se uma parte do galo ficou preto significa que o trabalho não realizado com sucesso alguma coisa deu errado, daí tens que voltar fazer de novo até der certo

Por outro lado, *kabol* ou *ibol* não é realizado em qualquer dia que o restituído/a ou sacerdote quer, mas sim de acordo com o dia indicado pelo *Nacîn Calequisse* ou *Balugum*, porque nos costumes e realidade dos calequissenses cada *kabol* tem o seu dia e hora de fazer, ainda de forma geral os mandjakos, ou melhor, para não generalizar os de Calequisse têm dias de semanas diferente dos outros povos, porque até nos dias atuais só tem seis dias de semanas que são: *keendjamn*, *kasseno*, *kasserar*, *kakomn*, *kallel*, e *kalund*, e nestes dias não tem como igualar ou comparar com dias de semana católica romana ou qualquer outro povo, por exemplo, não tem como dizer esse é a segunda feira ou terça assim sucessivamente, vai faltar

um dia para completar sete dos dias de semanas do homem branco, porque esses dias não são fixos, outro exemplo para melhor compreensão suponhamos que hoje (sexta feira) é *keendjamn* na próxima semana o dia vai mudar, isto é, vai reduzir ao dia que antecede o mesmo (*keendjemn*), nesse caso vai começar em *kalund* que era último, entre esses dias de semana *keendjamn* é um dia muito sagrada para os calequissenses, e na maioria das grandes *ibol* são realizadas nesse dia.

Os lugares de tronco não são para essas pessoas que foram mencionados, mas sim logo ao chegar a *Nacîn Calequisse*, com exceção de alguns sacerdotes como *Na Mëntch*, *Namanhamn*, *Napéné*, *Nanguramn*, *Namdjam Blék*, esses sacerdotes têm um lugar que só eles podem sentar.

4.4.1.4 Ideia da vida, da morte e a crença

O povo de Calequisse sabe que a vida só faz sentido com a morte, e também a vida existe só quando estiver vivo mesmo para, além disso, é a morte, decorrente nos nossos cotidianos, mas para obter uma vida é preciso prestar honra aos nossos *Balugum* (ancestrais), *Nacîn Calequisse* e todas as forças da natureza, são eles que cuidam das nossas vidas de forma geral, desde os alimentos até os últimos dias das nossas restituições ou renovações da vida, por mais que é renova chega um dia em que temos que passar essa energia para outros espaços a fim de haver uma circulação e não acumulação das energias, o contrário do sistema capitalista.

A morte de qualquer pessoa dessa sociedade sempre é considerada praticamente originada de alguma situação anormal, daí a família tem que ir por via de *katchoz pumm* ou *bkab pumm* (o que podemos comparar quando a pessoa morrer os peritos fazem as investigações para saber a causa da morte) através de uma cama feita de troncos longos das pequenas arvores ou pequenas madeiras, mas o mais visto e usados são os troncos longos das arvores, que depois será entronizado alguns rituais que permitirá após entronização rituais a alma do(a) falecido(a) guiando assim a cama que será entrevistado sobre a sua morte pelo responsável da família (*Naiék katô*) e as pessoas pertencentes a essa família e na sua maioria são idoso(a/s), onde a alma do falecido(a) começa comunicar com a pessoa com ele(a) que falar sobre a morte e de qualquer coisa errada que já aconteceu e o que virá acontecer e como podem travar as futuras consequentes ou mal.

Também há outra via de saber da morte através da mesma pessoa que faleceu, a sua alma vai entrar numa pessoa que ele(a) acho pode falar sobre tudo que pretende explicar, logo que entrar essa pessoa, começa transmitir, aliás, reproduzir muito das vezes é a mesma fala com o falecido. os estranhamento da morte é mais visto na morte de um jovem e criança, mas com os idosos intendam que é a vez de esse idoso passar ou deixar a circula da sua energia para outro.

Todo esse processo envolve a *Kabuka* (linhagem), *Balugum* (ancestrais), *g'tchai* (os espíritos/gênios – malignos e benignos). Para o povo Mandjako quando uma pessoa morre a sua alma vai para a terra e continua vivendo na terra, mas um mundo ou vida diferente, onde só eles podem ver os que estão vivos no mundo dos vivos ou face da terra, visíveis aos nossos próprios olhos, mas de forma invisível e não que as suas almas vão para o Céu, ao contrario do que é dos dogmas das igrejas cristãs; por isso que quando qualquer pessoa descendente dessa etnia come a comida o primeiro que ele pega coloca no chão ofertando aos seus ancestrais; e também nos momentos dos *ibol* (ebós), plural, os sacerdotes colocam as comidas no chão para todas as forças supremas no momento de *kabol* (ebó), singular, ou prestação da honra, onde os rituais são realizados no chão.

E ainda ressalto que em Calequisse existe uma zona em que quando uma pessoa morre a sua alma vai para esse lugar que é muito sagrado, muitas vezes você que esta perto dessas zonas sente as pessoas conversando lá e fazendo os movimentos e sons iguais quando estamos nas nossas casas e bairros ou num mundo visível, essa tabanca se chama *Katchelanm* e o espaço onde os mortos moram ou habitam chamado de *N'nhamn Bakomn*, o que significa “pessoa ou alguém que vier de outros lugares ou outro mundo”, sustentando as suas preceitos religiosos como dogma, e fortificando a sua fé. Mandjako acredita se morrer uma pessoa já mais voltará uma nova vida como dantes no mundo visível, mas que ficará como protetor e parte dos que estão vivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu em entender, analisar e explicar os processos da conservação dos costumes da vida social e religiosa dos autóctones da Guiné-Bissau aos seus Deuses e os antepassados, como referência da resistência da soberania dada através do catolicismo, no setor de Calequisse, partindo das minhas vivencias ou memorias com os familiares e os vizinhos. Aí notei que as pessoas frequentavam duas coisas que são opostas e segundo

preceitos delas não podiam bater juntos, falo do catolicismo e a religião do matriz africana e principalmente religião da matriz dos mandjakos de Calequisse.

Os resultados mostram que os africanos desde os seus primórdios dos contatos com os ocidentais sempre enfrentaram a resistência principalmente no que se refere às questões religiosas, porque é umas das questões centrais dos conflitos entre esses povos de territórios, religiões, costumes, enfim quase todas as realidades eram e continuam a serem diferentes, mas na visão dos homens brancos, o catolicismo não é uma parte da cultura universal, mas sim como universal e as outras sociedades tinham ou têm que inserir ao deles e considerando os costumes deles como padrão para todo povo do mundo, e tudo que constitui a realidade aos costumes africana são de selvagem e diabólica. Em alguns territórios conseguiram implantar as suas realidades e deixar muitos legados quase em todos os territórios que estiveram.

Na Guiné-Bissau a zona mais sofrida com a impressão dos colonizadores foi à região de Cacheu, porque foi lá que tudo começou, ou melhor, concentrou, foi em Cacheu que foi construída a primeira igreja católica na África Ocidental para ladinização das pessoas pelos missionários que depois são transportados ou levados para as Américas e Europa, e os mandjakos que eram pegos em Cacheu são levados para o Brasil em Maranhão, e em 2012 teve um Projeto dos Quilombos de Maranhão que fizeram visita a Guiné-Bissau, cidade de Cacheu. Os mandjakos foram convertidos ao catolicismo e islamismo. Nos primeiros momentos foram os muçulmanos que conseguiram converter os mandjakos de Pelundo, já muitos anos que esse povo passou a fazer os seus venerações ao “ALLAH” (Deus), mas essa conversão foi de tipo obrigatório e o interessante é que eles aceitaram a conversão e ao mesmo tempo praticam os seus cultos aos seus ancestrais, aliás, fazem praticamente todas os rituais e as restituições tradicional.

Nas zonas urbanas da mesma as populações aceitavam a conversão para usufruírem das condições que as igrejas ofereciam, no caso dos ensinamentos dos conhecimentos ocidentais, empregos, hospitalização, mas mesmo com essas oportunidades e conversão os guineenses continuavam a fazer os seus rituais e veneração aos seus ancestrais, e os dados mostram que ainda continua ter maior percentagem da religião de matriz de vários povos que compõem o território nacional guineense.

Nas comunidades de Calequisse as formas e políticas usadas pelos nossos ancestrais, no sentido de manter firme e de não deixar morrer a nossa história, foram de varias formas, mas o centro de tudo é no processo de *Kambatch*, que acontece em num prazo mínimo de vinte em vinte e cinco anos, daí tudo que mexe com a vida social e os demais com esse povo são definidas nesse momento que dura no máximo três meses, que podemos considerar de

legislação, onde os anciões e os sacerdotes aprovam todos os princípios da vida social, cultural, políticas e religiosa, se for ou quando foram aprovadas essas normas não tem como voltar para trás é irreversível, mesmo pelo/s *Bamanhamn*, *Bapéné*, *Nandjam Blék*, *Na Mëntch*, anciões e o Estado, enfim qualquer que seja sacerdote e quanta mais os governantes.

Kambatch (ebó) é um período mais sagrada e essencial na vida de um calequissense, um momento de restituição da energia vital e inicial, onde todos/as que cometeram erros de certos níveis pode ser fazer *kabol* (ebó), singular e *ibol* plural restituindo a Ele/a mesmo, então fazer um calequissense converter não é uma tarefa simples e se a pessoa converter é por causa do momento que ele esta passando, mas nunca deixará de cultuar os seus ancestrais, então a pessoa prefere morrer ou fingindo que converter. Quando chegar esse momento todo mundo tem que voltar para a vila fazer a restituição da energia, mesmo os que estavam a estudar, na maioria abandonam a escola para vir restituir, ou esperar nos últimos momentos das restituições sagradas deixa a escola e vai cumprir com os preceitos tradicionais, e isso é sempre realizada nos períodos nos períodos das aulas, era uma forma de desafiar uns os projetos maior dos colonizadores, porque também é processo que inclui os ensinamentos da tradição oral passadas de geração para geração.

Durante trabalho de pesquisas as limitações foram enormes, porque para fazer as entrevistas ninguém que é Mandjako de Calequisse principalmente os que já foram *Kambatch/kabol* amargosa não aceita falar do assunto e quanto mais aos que ainda não foram fica difícil eles comentarem alguma coisa a respeito do assunto, de um lado porque ele não tem mínimas condições e conhecimento do tal; se por acaso ele tentar aventurar expressar alguma coisa será um erro grave que pagará até os restos da vida e se conseguir sobreviver até chamar esse momento sarado, terá salvação, mas ele precisa confessar como que ele cometeu, mas esses erros dependendo da forma que foi ou aconteceu, se por inocência ele ou os pais farão uma restituição mais rápido possível antes do *Kambatch*, e depois ao chegar os períodos do *Kambatch* ele ou os pais tem que fazer para a sua purificação.

Mesmo fiquei limitado a certos conteúdos do *Kambatch*, muito embora já passei por essas fases da restituição sagrada, mas estou limitado para falar sobre a profundidade do mesmo. E outras barreiras são das matérias sobre o conteúdo, e o único livre ou um documento por escrito que li sobre a vida dos mandjakos é do autor e antigo governador das circunscrições *Blequisse*, *Bugulha (Bugudja)*, *Canjinjassá (Candjindjissá)*, *Canhobe (Canhob)*, Costa de Baixo ou *Baboque* (atual Canchungo), *Pandim*, *Pelundo* e *Tame (Tamm)*, António Carreira, obra intitulado, “Vida Social dos Manjacos (1947)”, publicada na comemoração do V Centenário da Descoberta da Guiné, mas essa obra carece dos conteúdos

que fala sobre os mandjakos de Calequisse, ao fazer os estudos desse trabalho ele não tinha como colocar os homens no terreno ou ele mesmo, área é muito sagrado e ele/s teriam dificuldade em apurar os assuntos pretendidos, mesmo assim ele acabou de generalizar todos os mandjakos. Nessa obra podemos ver as provas disso, não contém as imagens sobre as atividades ou assunto a respeito de Calequisse, e o que vejo nessa obra é sua concentração nas áreas da Costa de Baixo, onde era sede das circunscrições que ele governava.

Para finalizar, ciente de que este trabalho talvez possa colmatar alguns vazios nesse campo aos estudiosos e os zelosos em conhecer a vida social e as práticas que marcaram a resistências dos nossos ancestrais ao catolicismo e poderá também possibilitar uma análise mais profunda e atentamente sem noções e concepções antecipadas em relação ao que foi trazido nesse trabalho, levando em conta o seu valor social, religiosa, culturas, política e sua estrutura profunda de forma a ser ainda preservada o seus valores ao olhar do universo religiosa dos nativos e dos seus simpatizantes desses preceitos dos africanos, guineenses e de forma peculiar aos calequissenses.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-LEYVA, Pedro. **África entre africanistas e africanólogos no Brasil**. São Francisco do Conde: Virtual Books, 2016.
- ANTÓNIO, Carlindo Fausto. **África e diásporas: as vias de aproximação**. Capoeira. Vol.2|Nº1| págs. 4-18|2015
- APPIAH, kwame Anthony. Tradução de Vera Ribeiro - **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. velhos deuses, novos mundos**. 1ª ed. rio de janeiro: Contraponto Editora LTDA, maio de 1997. 229p
- GUINÉ-BISSAU – ANP. **História da Guiné-Bissau**. Disponível em: <http://www.anguinebissau.org/institucional/historia/historia-guine-bissau/historia-da-guine-bissau> Acessado em 26/11/2016.
- BARRETO, Antônio; SANTOS, Filipe. **Atas do colóquio internacional Cabo-Verde e Guiné-Bissau: Percorso do Saber da ciência. Memorial da escravatura em Cacheu-Guiné-Bissau: nascimento do projeto**. IINT e ISCSP-UTL, Lisboa, p. 1-4, 2013. Disponível em <https://coloquiocvgb.files.wordpress.com/2013/06/p12c01-antc3b3nia-barreto.pdf> acesso 12/10/2016 as 06h:49
- BATALHA, Elisa. **O Abecê da Escrita**. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=911&sid=7>. Acesso em 28/06/2016.
- BENZINHA, Joana; ROSA, Marta. **[GUIAS TURISTICA]: A Descoberta Da Guiné-Bissau**. Disponível em: <http://www.eeas.europa.eu>. Edição: Afetos com Letras. Acesso em 27/06/2016.
- CARREIRA, António. **Vida social dos manjacos**. 1ª ed. Guiné Portuguesa: Centro de estudos da Guiné Portuguesa, 1947.
- CINE ÁFRICA. **Um confronto histórico entre Jean Rouch e Ousmane Semène em 1965: “Vocês nos olham como se fôssemos insetos”**. Disponível em: <http://cine-africa.blogspot.com/2011/01/um-confronto-historico-entre-jean-rouch.html>. Acesso em: 17/10/2016
- DIARRA, S.. **geografia histórica: aspectos físicos**. In: **Historia Geral da África, I. Metodologia e pré-história**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. - 2. Ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. 992 p.
- IBAP. **Plano de gestão parque Natural dos Tarrafes do rio Cacheu – PNTC Guiné-Bissau**. Bissau: 1ª ed. 2008. Disponível em: https://rsis.ramsar.org/RISapp/files/45673327/documents/GW_mgt1505.pdf. Acesso em: 13/10/2016
- LEUBA SALUM, Maria Heloísa. **África: culturas e sociedades, da série Formas de Humanidade, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**. 1ª

parte – cultura material e história. 2005. Disponível em:
http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/africa_culturas_e_sociedades.html. Acesso em: 29/06/2016.

LOPES, Carlos. **O Kaabu e os seus vizinhos: uma leitura especial e histórica de conflitos**. Editado: Revista Afro-Ásia, núm. 32, 2005, pp. 9-28. Universidade Federal de da Bahia, Bahia-Brasil.

MAMADJENS. **HISTORIA DOS MANJACOS. Guiné-Bissau on line notícias**, maio/2010. Disponível em: guinebissauonline.blogspot.com.br/2010/05/historia-dos-manjacos.html. Acesso em Nov./2016.

MOIO, Rui. **Antologia: Mandingas, ou um pouco da história da Guiné**. Disponível em: antologiasemprosa.blogspot.com.br/2008/04/24/mandingas-ou-um-pouco-da-historia-da-html. Acesso em: 30/08/2016.

MORAES, Marcos Vinicius. **Breve historia da cultura africana**. Disponível em: <https://youtu.be/RPzxt1iZGiA>. Acesso em: 28/06/2016. 08h:57. Ed. Ribeirão Claro-PR. Ano 23/11/2009 – Brasil.

OLIVEIRA, Eduardo. **Epistemologia da ancestralidade – preâmbulo**. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf. Acesso em: setembro 2016.

OPOKU, Kofi Asare. **A religião na África durante a época colonial. In: História Geral da África Vol. VII: A África diante do desafio colonial 1880-1935**. Editado por - BOAHEN, Albert Adu. – 2.ed.rev – Brasília: UNESCO 2010. 1040P.

SANTIGO, Emerson. **Império de Gana**. InfoEscola, 2011. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/imperio-de-gana/> acesso em out. 2016 as 09h:39

VAINFAS, Ronaldo e SOUZA Marina de Mello e. **civilização e poder no tempo do tráfico. In o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano**, séculos XV-XVIII. Tempo nº 6. Pp. 95-118. 1998.

APÊNDICE

GLOSSÁRIO

Dentro desse Trabalho de Conclusão do Curso, trabalhei alguns conceitos que são concepções pejorativo dentro da sociedade africana e substituí para os que enquadram, mas concentrei essas mudanças mais na sociedade do dos Mandjakos de Calequise, como podemos ver nos seguintes conceitos em baixo:

Mandjako/s – nome caratizante desse povo, feminino singular e plural, mas a forma de escrito é errado, porque independentemente da escritura a concordancia do genero, dessa forma remete a outro significado fora do que é o real como expliquei no terceiro capitulo o significado, e ele só pode variar quando se refere a quantidade “*Mandjako ou mandjakos*” – masculino singular, o primeiro, e o segundo masculino plural. Então ele só tem duas formas de empregar, masculino singular e plural, isto é, *Mandjako/s*.

Individuo e Pecador - entidade distinta e separada, que vai surgir a partir do surgimento do capitalismo, e vai substituir o sistema Feudal, onde as rqueza são frutos das explorações das terras dos trabalhos realizados pelas pessoas ligados um terra e independente de um senhor, mas com mudanças ocorridas na sociedade atraves das novas tecnicas nas agricolas, urbanizações das ruas e as fabricas contribuíram na morte desse sistema e passou a ganhar a força o Capitalismo, sistema onde as coisas passarão a ser para vendas e não pessoal; as pessoas passam a trabalhar e receber um salário em contra partida da sua força que foi e continuará ser explorado pela classe burguesa (capitalista); os comercio que era feitos em troca dos produtos, vai passar a ser trocada por dinheiro; e as classes prolateriados (trabalhadores) podem de repente parar de sustentar a sua familia, porque o senhor das industrias vai parar ele/a de trabalhar para além de ser um trabalho explorador em que a(s) pessoa(s) têm pouca valor em relação as industrias, o que significa que as pessoas vão passar a ser substituidas no lugar das peças das fabricas servindo como as pessoas, e a(s) peça(s) torna/m como “pessoa(s)”. O capitalismo vai se afirmar a partir do século XV e XVIII, controladas pelas grandes potencias no então Portugal, França, Inglaterra, Espanha e a Holanda, explorando as terras novas e venda das pessoas que tornarão como escravos dos senhores, materiais que atriem eles tudo em detrimento dos interesses pessoal, requisendo a si mesmo

num processo conhecido como “Mercantilismo”. A sua segunda fase foi a “Revolução Industrial” que vai ter a sua origem na Europa, substituindo trabalhos arsenal pelo assalariado com uso das maquinas a partir do século XVIII e XIX, e por fim o “Capitalismo Financeiro”, que vai aparecer a pós a Segunda Guerra Mundial entre os anos 1939 a 1945 onde os senhores vão começar a levar as novas fabricas e seus produtos para além fronteiras, devido as multiplicação das outras industrias. Todas essas fases e mudanças são opostos das realidades das sociedades africanas, essencialmente dos mandjakos de Calequisse, para não generalizar, de um lado contra a filosofia “ubuntu”, considerando a filosofia como modo de viver.

Então substui essa expressão de “**indivuo**” para “**Pessoa**” que significa ou considerando como ser humano fisico e espiritual, da mesma forma que substutui a expressão “**Pecador**” segundo catolicismo todos os seres humanos são pecadores, no sentido de que somos cometedores de “**pecados**”, que na verdade esse adjetivo vai ser usado só para os povos africanos, se consideramos uns dos objetivos justificados pelo Ocidente, de que os africanos são selvagens e cometedores de peca ou penitente e eles vieram para salvar as nossas almas. E no povo Mandjako de Claequisse a expressão usado e que enquadra é *N’nhamn* o que seria pessoa ou alguém, uma pessoa fisica e não com a noção de ser particular de pensar somente em ele/a mesmo.

Descoberto(a) - adjetivo; nome femino, que pode ser encontrar algo que foi não conhecido, escondido, apagado; inventado, criação. Todos esses adjetivos dá um sentido muito negativo ao continente africano, aliás, aos países que são chamados assim ao se tratar dos periodos coloniais. Não usei esse adjetivo e nome, o facto não contempla o real, pensar no sentido da modernidade e o seu oposto faria todo sentido não usarmos essa expressão aos territorios que foram invadido ou ocupado pelo Ocidente, por exemplo, no caso de Cabo Verde seria enquadrado “descoberta” porque são ilhas que dantes até ao século XIV não eram habitados por ninguém e só foram povoados mais tarde com a presença portuguesa, quando pegavam as pessoas da antiga “Provincia Ultramarior” do hoje é a República da Guiné-Bissau, mas mesmo assim se refletirmos a partir do território, seria impossível ou inadequado a expressão, e no decorrer do trabalho sempre usei as expressões “**invasão** ou **ocupação**”, porque o território e as pessoas já estvam ali habitados e o espaço também existia antes de muitas ocupações dos que depois

vão ser nativos desses lugares, descendentes dos povos de atual deserto de Saara, por exemplo, a Guiné-Bissau que foi confirmado a presença do homem a partir do 3º milênio e outros dados segundo Assembleia Nacional Popular (ANP) do mesmo país, mostram o povoamento a 200 mil anos a.C, pelos Homo erectus, o antecessor de Homo sapiens (homem contemporâneo).³³

Religião Animista/animismo/tradicional – Substituí o termo para “**Religião de Matriz**”, por exemplo, a religião matriz de Mandjako de Calequise, religião matriz de Papel, Balanta, Brame (Mancanha), Fulas, etc. o que seria religião proveniente deste povo, porque a noção de “Animismo” não passa daquilo que o Ocidente atribuir aos povos africanos de serem selvagens e eles os missionários vieram para salvar as almas desses povos, mas salvar como? Com trabalhos forçados, aculturação e extermínio de que era parte da vida dos mesmos, e ainda de um lado segundo a política da igreja Católica ninguém tem direito e poder de julgar outro para além de Deus, mas será que eles não estão julgando que os nossos costumes e forma de veneração está errado? Por outro lado definem ou consideram “animismo” como crença que dá alma cada parte da natureza, será que existe o real mas do que a natureza? A verdade é que todos esses termos ou noção seria oposto da modernidade.

³³ ANP, 2015. Disponível em: <http://www.anpguinebissau.org/institucional/historia/historia-guine-bissau/historia-da-guine-bissau> Acessado em 26/11/2016.